

3 1761 07135996 2

MARIO DE ALMEIDA

A Cidade-formiga

EMPRESA LUSITANA EDITORA
C. do FERREGIAL, 23—LISBOA

PQ
9261
A573
C5

Antonio de Madal

A Cidade=formiga

DO MESMO AUCTOR :

Dó Sustenido — (1 acto em verso) Th. Nacional — 1910.

A arte grega e o mar (dissertação de concurso) — 1912.

Lisboa do Romantismo — 1916.

MARIO DE ALMEIDA

A Cidade-formiga



EMPREGO LUZITANA EDITORA.

CALÇADA DO FERREGIAL, 23—LISBOA—1918.

*Desta edição se fez uma tiragem de
6 exemplares em papel especial, nu-
merados de 1 a 6 e rubricados pelo
auctor.*

PQ
9261
A 573 C 5

A SOUSA COSTA

ROMANCISTA

Este livro de piedade e de ternura.

ESTA OBRA FOI PUBLICADA
PELA PRIMEIRA VEZ EM FOLHE-
TINS NO JORNAL DE LISBOA «A
CAPITAL», NOS MEZES DE JUNHO
A OUTUBRO DE 1917.

SANTA CLARA

SANTA CLARA

Santa Clara anima-se singularmente ao sol-posto. É ali que costuma surgir a cigarreira, essa rara flôr de Lisboa — e que Lisboa desconhece. É preciso ir procural-as nos esmaltes estridentes de Geoffroy ou nas travessas tortuosas de Xabregas. E, decerto, não se sabe bem á primeira vista que sêr d'extranheza é aquelle, um vago *quid médium* entre um lenço de ramagens d'Alcobaça e uma faiança vermelha de Lucca della Robia. Teem a carnação sensual das mulheres do Ticiano na magreza esquelética das tysicas incipientes, ha n'ellas o typo hybrido das creaturas de face dolorosa onde fulgem dois olhos fogósos de bacchantes, d'uma tal mobilidade, com tanto trasbordar de vida, que se diria não se fecharem nunca no somno, não se velarem nunca no amor. Toda a coqueteria lhes fugiu para a trunfa, formidavel, encanudada, phantastica, aparentando estruturas complicadas, um penteado *á fragata*, como nas damas de Maria-Antonietta, um penteado á Chateauroux, como nos quadros de Fragonard, onde, pelo artificio do monumental, ora voejam as fitas escarlates das *midinettes*, ora rebrilham os falsos sequins das mouriscas de Sidi-bel-Abbés. E o todo complica-se com

as travessas maravilhosas de cellulóide, no luxo esmerado que se compraz do pescoço para cima e abandona á sua natureza natural as perfeições esguias que apenas merecem os dentes dos fanqueiros da rua Direita do Grillo. O sangue da avó Carmen gira n'aquellas veias, tão irrequieto, tão andaluz, tão cigano como nos velhos tempos de Merinée. E até no ar insolente com que morlem uma laranja, na exuberancia desordenada dos seus discursos, na volupia com que chupam o cigarrito furtivo, continuam a ser aquellas mulheres d'enygma e de fatalidade que levam os dons Josés ao crime, sacodem duramente os seus *remi*, magnificas, dominadoras, impudentes, caminhando como rainhas — de penteados de baile e de chinellas de trança.

É n'essa hora fresca que os grupos se multiplicam e graham. Toda a grade do jardim se povoa de cabeças morenas, voltando com acinte as costas para o velho casarão onde se julgam soldados, espetando os dedos para o rio, discutindo alacremenente o trabalho da fabrica, as horas pesadas e somnolentas deante dos bancos do tabaco, os risos abafados, as garotices astutas que temem a aspereza das vigilantes. É a hora em que sabe bem viver, na irradiação da luz fugitiva, quando o vento levanta ligeiro, carregado d'emanações vagamente salinas, agitando as flôres magras do jardim afogado entre a casaria. Começam a trepar pela Bica do Sapato as elegancias desleixadas do Arsenal, sacudindo com negligencia a bombasina onde a limalha de ferro deixou pontos brilhantes, a estender com afincó o beijo negro segurando a ponta do cigarro mais negro ainda. As comichões barbudas arrastam a meia, palmilham em torno dos

bancos onde outras comadres, com o novello no regaço, discutem a fome da casa, lamentam a miseria das coisas, agitando com furor as agulhas d'aço. Como vae isto ser, santo nome de Deus! Como vae isto ser! Senhora Joanna que grande penuria! Que desgraça tão grande senhora Leocadia! E os novellos rolam, as faces animam-se. Por detraz do rhododendron do canto, aquelle espesso e mais forte que está na curva de baixo, assoma um junco, depois um braço, depois um homem que traz um bonné de pala e usa grandes bigodes; e persegue com raiva e rumoreja ameaças, irado, atormentando quatro fraldas ao vento que rebolam por sobre a herva fraca. Ah! Marotos! Ah! Marotos! Raça damnada! E no perseguir da miuçalha indecorosa, corre d'esgueilha pelas áleas, levanta nuvens de pó, cede o passo aos magotes mais apurados que largaram da fabrica dos phosphoros, no badalar da sineta rachada, homens d'outros misteres, com as mãos lavadas, affagando as guias encaracoladas a ferro. Lá de cima, na grade, as Carmens fincam as cinturas no corrimão, debruçam-se a perder o equilibrio, namoram com descáro, agitando os braços, atirando de quando em quando a um ou outro mais favorecido a rosa rubra que prestamente arrancaram d'entre os cabellos. Ha cantos de silencio e de saudade, cogitações melancolicas de faces envelhecidas na azáfama das salas de fabrica e que embalam, agora, na paz crepuscular, as aspirações adormecidas durante o dia pelo bater cadenciado dos martelos-pilões. O cançasso do labor mal sacudido, imprimindo para sempre o seu cunho nos hombros vergados que penam e morrem, transparece, tenue, no repouso merecido após as horas severas da conquista do

pão. Existem amarguras nas alegrias estridentes, descontando, n'uma hora quieta de socego, a mágua dos longos annos de mudez obscura. E chegam gritos de longe, agudos, crystallinos, suffocados em gargalhadas frescas, a expansão tumultuosa de trinta garotas de pernas nuas, chalrando, guinchando, endoidecendo o homem do bonné de pala, do mãos dadas n'uma larga roda, a ulular: — *O Julia, O Julia, O Julia! Que é? Que é? Que é?...*

No entanto os dois desceram devagar o pendor duro até junto da grade inferior, no angulo mais discreto que abril costuma enfeitar com a offerta humilde de um lilaz doente. Grande caso se debate. Já a cigarreira perdeu o seu habitual ar d'impudencia, mordendo, embaraçada, o pé da sardieira que distrahidamente desprendeu dos longos fios negros. E elle, n'um sorriso sem expressão, affectando mais descuido do que na realidade sente, a morder o charuto extinto, renova o que no outro anno disse a outra, promette toda a fêra dos sablados posta em casa, todo o carinho das suas horas de descanso, n'uma vida de satisfação em que apenas arrulhassem como dois pombos, longe para sempre das coisas tristes e penosas. Pouco a pouco a vae impellindo, com pressa de a render definitivamente, perturbando-a com palavras offegantes onde ha promessas e pedidos murmurados com a voz tremula de um desejo bruto que não sabe esperar nem sabe reflectir. Quando o fundo extreme de todos os amores, a melancolia, invade o colloquio que sussura em tom maior a eterna canção, bruscamente, no chispar dos olhos negros, uma gargalhada estala, pontuada por um dito picante que o faz abater logo a grossa mão para cima da

grade rija, n'uma alegria que lamenta immediatamente a feira d'Alcantara, tão distante, onde ha cavallos de pau e tão saborosas pescadinhas fritas. Logo ali, n'um volver d'olhos, a promessa ficou sellada e n'aquella acquiescencia muda, alguma coisa morreu — mesmo antes da posse. A companheira tornou-se em escrava, retida pela vaga attracção mascula do homem, até ao dia em que volte de novo á grade, a bracedar, a descompor, para descer outra vez ao canto do lilaz doente com outro homem, outro desejo e outra esperança que se esbatem n'um fundo perpetuo de fome, pancada, miseria e dôr.

Por agora é viver do presente. No alarido de um achado imprevisto, deparam os dois com o homem das pevides.—Um vintem? Qual! Um pataco; um pataco de pevides. Encha bem a medida seu penetra! Julgas que isto aqui é a Avenida? Então adeus meu velhote! Tens as mãos frias. Engoiado! — A semear as cascas dão a derradeira volta triumphal pelo jardim e elle, encaracolando o buço no pasmo arregalado dos collegas que o vêem colher a mais perfeita cigarreira de Xabregas, no ar satisfeito dos conquistadores que prézam o seu amor-proprio, — arrasta inconscientemente para o beijo aquella faiança viva que de tanto garotear nas contorsões mais desusadas, consegue fazer vermelha a sua saia azul e torna azul a sua blusa vermelha. E o sol morre por detrás de Santa Engracia, tão açodado na sua fuga, tão rubro na sua agonia como a face do guarda que vae, decididamente, pedir a sua demissão, abandonar para sempre o jardim, com a alma a trasbordar de desespero, porque a petizada vergonhosa, por cima d'um taboleiro de relva lhe faz

tremendas negações, gritando-lhe, de longe, que *quem quizer dançar a Julia ha-de ir pôr ali o pé!*

Já toda a lamentavel miseria que se estende em volta dos passeios de Santa Clara fôra retirada para dentro do mercado cinzento. As faces pallidas que vendem armarios de mógno, encarapuçadas em barretes de velludo verde, iam velando pelos taipaes que os moços langorosamente collocavam. Uma velha de mantelete parou defronte d'um papagaio empalhado; depois, entrou no jardim levando pela mão um petiz coxo. O gralhar das primeiras horas de liberdade ia decahindo a pouco e pouco, levado nas tintas roxas da noite que galopava pelo espaço, vinda das terras de Hespanha. Do lado d'Aldegalleja uma luzinha scintillou, bruxuleante; e de subito, uma fila de luzes demarcou a margem longinqua, esmorecendo aqui e alem, como olhos piscos que fitam anciosamente os espectaculos distantes. Nas superficies glaucinas, socegadas, da enseada do Alfeite, um grande vapor fez mugir a sereia tão nitida, tão potente que as aguas estremeceram em volta. Um pennacho de fumo subiu devagar, hirto, hieratico, para cessar bruscamente, deixando nas ultimas claridades cyrros alongados, vestigios ligeiros, cabriolando dispersos, com a derradeira graça das cousas ephemeras e leves. Os dois vão, agora, descer para os lados de Santa Apolonia, de mãos dadas, a mergulhar na escuridão das viellas a froixa, fugitiva emoção que fendeu por momentos a casca rude dos seus corações, ali, no canto do lilaz loente. E estão a cem leguas da fabrica, caminham triumphalmente da aurora para o occaso, n'aquella força myste-riosa que empurra com tenacidade os sexos um para o outro.

para que haja sempre, até ao derradeiro dia, creaturas negras e vergadas labutando obscuramente por sobre a face vasta da terra e a miseria estenda os braços e ponha as mãos com aquelle trasbordante soluço que dá nobreza aos homens. Déram a volta por junto do rhododendron, como duas sombras passaram perto do banco das comadres barbudas que, no furor do manejo das agulhas d'aço, nem mesmo sentiram o ultimo mimo d'uma chuva de cascas de pevides... Sr.^a Joanna que grande penuria! Como vae isto ser! Que desgraça tão grande sr.^a Leocadia! Ai! sr.^a Maria... Ai! sr.^a Maria...

OS ESCRIVÃES DA PÊNNA GRANDE

OS ESCRIVÃES DA PÊNNA GRANDE

Por detraz do portão de ferro da Abegoaria os vultos esperam em silencio. Os homens estão ali, em fila, aguardando a hora, fantomaticos, esbatidos na sombra que ora lhes dá, de quando em quando, a grandeza macissa dos blócos isolados de cantaria, ora lhes apparenta, na fórma esgrouviada e esguia, a gravidade circumspecta das cegonhas. No desenho vago dos carroções arrumados a êsno, na frente dos telheiros onde a ferragem sem nome dos rebutalhos se cobre lentamente de ferrugem, — esperam. A escuridão offerece-lhes, no contorno, a fórma indecisa e caprichosa das nuvens e na immobilidade a altivez hieratica dos marmores de muzeu. Por vezes, enroupa-os em silhuetas de genio; aquella mancha mais negra, atarracada, cahida por sobre uma pilha de rodas, recebe do mysterio da noite uma postura tão nobre e tão larga que involuntariamente é de supor que o *Pensìeroso*, de Buonarotti, abandonou a capella dos Médicis e pousou, sempre formidavel, no terreiro immundo da Abegoaria. E mais adeante, ha mosqueteiros belicósos que teem o perfil de d'Artagnan e damas inglezas, das que pinta Reynolds, deixando pender entre os hombros,

com graciosidade, uma grande pluma preta e sedosa. A noite deu sempre grandeza aos miseráveis dentro da synthese. De perto, são conglomerados de lixo, a expressão triumphante do farrapo onde passavam todas as verminas, latejam todos os males e sopitam todos os bacillos. Nas suas barbas pousa todo um mundo de microbios, que se diria evolado dos tubos de cultura d'algum laboratorio; na vassoura esguia e recordada que lhes garante a fórmula dos espectros d'Hoffmann, adormece a morte dissimulada por debaixo da utilidade. São a Dissolução. São a Ulcera. São os escrivães da penna grande.

Quando a hora da marcha correu como um dobre, toda a immobildade se desfaz em movimentos apressados onde se adivinha repugnancia. A procissão de phantasmas, enristando as giestas asperas, escôa-se em fila, desenroliando os anneis d'uma serpente espantosa que parte da sombra e na sombra desaparece. Como a de Lacoonte, fragmenta-se em troços cada vez mais exiguos que, animados por sua vez de vida propria, se desenvolvem, silvam, dobram tortuosamente as esquinas e povoam a cidade adornecida de parcelas fétidas onde grulha um tumulto surdo de vida. Depois, seindida em todas as travessas, torna-se em escorpião, perde a apparencia apavorante de um animal do Apocalypse e mostra, em summa, em cada rua, o contorno de duas creaturas humanas que se deteem um momento uma defronte da outra, na regueira das valetas lateraes, retezando-se ambas em força intima para iniciar o gesto d'infinita lassidão que vai empurrando, machinamente, as cousas inconfessaveis que fermentam á face do sol.

No largo do Corpo Santo os dois plunitivos paráram, hirtos, encostados por um instante aos altos cabos. Fortes com toda a auctoridade que lhes dava a vaga estupidez d'um peiouro, arredondaram o braço e como apparatus que não pensam, como machinas sem espirito, começaram a executar o que suppunham um bem, na ignorancia serena do mal que praticavam. As sombras, sem uma palavra, no aborrecimento saturado do mesmo mister em todas as noites, junto de um cañarada d'acaso, olhavam sem ver, impelliam os detrictos com tanta negligencia que para tráz ficavam mais nitidos os arabescos de poeira que as giestas pouco espessas poupavam. No gesto furioso, continuo, circular, entre nuvens de pó, simulavam, agora, deuses irritados do Whalala, Wuotan's monstruózos, cubicos, em delirio, decepando com gladios que eram vassouras, gnómos que eram papeis. E na irreflexão vergada d'aquelle officio tão duro e tão baixo, scintilavam, por vezes, coleras desmedidas, rugidos de rancor pela desigualdade da vida que dreinava os miseraveis juntamente com a podridão das viellas, para que flores de perfeição rolassem pomposamente nos H. P. d'oitenta cavallos e nos gremios de bom gosto houvesse em todas as lapélas rosas *Principe de Galles*. Uma das vassouras parou bruscamente:

—Ó seu Matheus!

—Que é?

—E se nós não varressemos?

—P'ra quê?

—P'ra não fazer nada!

—Se não varreremos hoje temos que varrer ámanhã...

—Então varremos?

—Pois varremos.

Lentamente, no eterno gesto triste, as hervas sêccas roçaram pelas pedras com o murmúrio apagado d'aguas correntes. Na reverberação dos candieiros froixos as aspiraes de poeira torvelinhavam, enchiam a rua de um nevoeiro denso, onde toda a corrupção da cidade parecia tomar vida. Um sapato velho, impellido mais vigorosamente, resvalou pela calçada, ricochetou na valêta, suniu-se no escoadouro onde ficou a boiar. Para além os montinhos de lixo, ordenados junto das sargêtas, fumegavam com placidez. Foi na esquina que os dois removeram alacremenete, a golpes de vassoura, uma pilha immensa de cartas rasgadas, quadradinhos de branco onde desfaleciam, meio chupadas, linhas deseguaes, côr de violeta. Um ramo de flores sêccas surdia por debaixo e quatro pedaços de cartão de retrato denunciavam ainda uma face pallida, de fartos bandós pretos e de nariz arrebitado; um namoro tinha acabado ali; e do cisco d'aquelle amor extinto um gato que estendia a unha com ancia, fugiu de rabo alçado, deslenhoso dos paroxismos dos homens. No mesmo gesto largo, a vassoura colheu os vestígios de paixão e os restos ensanguentados, maculados por guelras de carapau, d'um velho *Diario de Noticias* que a brisa ligeira fazia estremecer levemente. Um cavalleiro bem vestido passou com o lenço na bocca; as botas de polimento faiscaram junto das espinhas pòdres, martellando a escuadão. E logo a seguir, de um predio calafetado d'alto a baixo, uma vozinha tímida de relógio bateu precipitadamente duas horas.

—Ó seu Matheus!

—Que é?

—E se nós não varressemos nem hoje nem amanhã?

—Começavam logo esses typos dos jornaes a berrar que isto está tudo uma porcaria...

—E você rala-se?

—Eu não. Mas aborrece-me. Sou amigo da limpeza.

—Então varremos?

—Pois varremos.

A creatura arrotou com desafogo a aguardente, olhando de soslaio as casarias mudas e adormecidas. Aquelles malandros p'ra ali a dormir, a dormir, refocilados nos colchões de molas, a enrolar os corpos immundos nos cobertores de lã, enquanto elle penava sem fim e sem fim ia transportando o lixo que os outros tinham feito, ociosos e desatentos. Canalha! Para elle a dôr, para elle a fome, no ar pesado das baiucas, na oppressiva angustia da vida sem pão, da vida que não mostra nunca um farrapo de esperança, tão cinzenta como a lama que elle varria, com o sabor amargo da lama que elle empurrava. E a vassoura rangia, agora, furiosamente, fulminadora, irritada, no gesto machinal e eterno, impregnado de raiva impotente que pretendia misturar no mesmo arremêço o esterco dos cavallos e as rendas das mulheres. Lixo! Tudo era lixo, tudo era poeira suffocante, pavorosa poeira, infernal poeira que lhe crispava o somno em tosses que o derrubavam para cima do catre sem falla e sem vontade. Canalha! Miseraveis homens que viviam nas atmosferas limpidas e perfeitas! E dos limbos d'aquella

animalidade espessa, onde a noite descêra sem remissão e sem caridade, uma visão surgiu larga e brusca. Todo o espinhaço elevado d'uma serra recortada finamente no azul, onde as luzernas dobravam com viveza, debruçadas no beijo voluptuoso do vento, com ar, com aquelle immenso ar tão puro e tão bom que afaga as cômas dos pinheiros bravos n'uma ternura inefavel e dilata os pulmões e refresca as faces perdidas e dá ás creaturas de Deus a côr das cerejas dos pomares. Ai! o ar! Santo Deus! o ar! Até o ar era avaro para os pobres! Até o ar não era de todos os homens! Canalia! E agora era tarde! Que rio tão largo e tão grande havia de lavar-lhe o corpo, havia de lavar-lhe a alma semi-morta? Nem toda a agua do mundo o podia desencardir, nem toda a viração dos montes magestosos lhe limparia os bronchios. Ali — no lixo, até ao fim, no lixo sempre, no lixo eternamente, até que elle proprio, morto, mais corrompido ainda, se tornasse ainda um lixo mais ignobil, mais nojenta poeira esparsa, a adubar, a fecundar a terra. Ah! Bruto! Anda! Anda! Já não vaes a tempo. Agora é tarde, é muito tarde, escrevão da pênna grande...

Na rua placida a vassoura impelia o cisco, mais lenta, mais desanimada. Duas *cocottes* passaram, galhiando com estroinas. Um policia tossiu com estrondo, marcando passadas fortes no lagêlo sonoro; um frio penetrante, um frio de madrugada nevoenta de dezembro, cahia devagar, a envolver a terra toda. E outra vêz a vóz se levantou, interrogativa:

—Ô seu Matheus!

—Que é?

O halito d'aguardente pousou a vassoura no chão, n'um gesto lento—rouquejou:

—Um homem quando não tem—até urso lhe chamam!

O outro não respondeu. Acabava de enlear, com uma guita, uma giesta solta. E perguntou:

—Então varremos?

—Pois varremos!

A ESCOLA 62

A ESCOLA 62

Na occasião em que o professor, com o ponteiro na mão, ia chamar á pedra, o sr. Inspector entrou. Enquanto os pequenos se punham todos de pé e o mestre esboçava um cumprimento tímido, o sr. Inspector deu um olhar frio ás quatro paredes da escola, deixou escorregar a vista desatenta pelo mapa de Portugal e sem se sentar, com as mãos enluvadas descançando negligentemente no rebordo da meza, declarou com vóz metálica:

—Os poderes competentes, sr. professor, entenderam, e entenderam muito bem, que n'este momento agudo da nossa nacionalidade a grande esperança do paiz repousa nos homens d'amanhã. Ordena o sr. Director da Circumscripção Escolar que por todos os modos possíveis, especialmente por meio de prédicas e de exemplos adequados, os professores officiaes incutam nos seus alumnos, o sentimento da coragem, da abnegação, do amor da Patria e, sobretudo, o sentimento do civismo. Liga o sr. Director uma importancia extrema a este programma que d'ora em diante deverá ser seguido nas escolas do governo e reputa-o de tanto alcance que resolveu não o communicar aos interessados por meio

de circular, mas sim pela visita dos Inspectores, com estas instruções de viva voz. Queira pois, sr. professor, proceder em conformidade com estas ordens. Não faltam, felizmente, na história de Portugal, numerosos exemplos que poderá utilizar. Fale aos seus alumnos de Vasco da Gama e de Affonso d'Albuquerque.

Depois o sr. Inspector abaixou a cabeça sèccamente e foi-se embora.

O mestre voltou a sentar-se na sua cadeira, ainda com o ponteiro na mão e de cima do estrado, olhou por momentos a perspectiva dos cincoenta petizes entalados nas carteiras estreitas, cochichando mais no pasmo vago que a entrada d'aquelle senhor tão serio e tão alto havia causado. Pelas quatro janellas abertas sobre um jardim onde havia duas tilias e um grande freixo muito velho e carcomido, entrava perennemente uma grande baforada de verão e de quando em quando uma brisa ligeira que fazia roçar os mapas pelas paredes, com um ruido monótono e dormente. Os pedacitos de vida não sentiam a somnolencia pesada que envolvia todo o bairro da escola. Rumorejavam. Havia alguns applicados na operação cannibalesca de torcer os bicos de um apáro, olhando o mestre de soslaio, no infinito cuidado de levarem o feito a bom fim e outros molhavam o dedo no tinteiro, extasiados, radiantes com a coloração estranha que a sua pelle tomava. No banco do fundo, seis em fila, todos loiros, todos curvados sobre os livros, ciciavam em cadencia, soletravam a um tempo, embalados na propria voz: *A guê-ra do peixe. — A pá-ta do lobo. — O bi-co da bota...* — Um mocetão cor de castanha, com um dedo pavorosa-

mente enfiado no nariz, contemplava n'um enlevo, no mapa, uma môsca que percorria com precaução a provincia da Extremadura. E justamente a môsca poitou, arrefeceu sobre a bolinha preta de Leiria. Uma varejeira entrou de subito; os dedos esqueceram a tinta roxa, os vândalos do apáro largaram as cânetas, o tisonado desinteressou-se da Extremadura, os seis da fila arrebitaram o nariz. Que linda! Que azas que ella tem! Seguiam-n'a com palpitantes cuidados, ouviam-n'a zumbir em torno da esponja do giz, viam-n'a allorar os grandes quadros onde estavam pintadas a preto todas as medidas do systema metrico, zig-zaguear alucinada e por fim desaparecer leve e cheia de pressa nas grandes folhas do freixo muito velho e carcomido. No desalento de uma distração terminada os dedos voltaram para a tinta, para a infamia do apáro. E de novo a surdina se rithmou n'uma cadencia abafada, a *guêl-ra dô peixe, a pá-ta do lobo, o bi-co da bota...*

No entanto o Mestre continuava sentado na sua cadeira, brincando inconscientemente com o ponteiro. Vinte e cinco annos da sua vida tinham passado ali, na escola 62. Déra áula no dia em que fôra á igreja de Santos-o-Velho casar-se com uma rapariga loura que lhe tinha enchido a mocidade de risos e lhe povoava, agora, a velhice de visões, desde que estava dormindo na sua cova do Alto de S. João. Déra aula n'aquelle dia de primavera em que levára a baptisar o filho, n'uma outra egreja perdida para os lados de Bemfica, e nunca mais lhe tinham esquecido as duas amendoeiras enormes que ensombravam o adro da capella — e que estavam todas brancas n'esse dia; ás vezes, dentro das

paredes da sua escola, ainda lhes sentia o perfume. Depois, os antos tinham passado, provavelmente as amendoeiras teriam morrido já, que elle nunca mais lá fôra vê-las, e a fatalidade das coisas dispuzera que um garotinho lhe roubasse o filho, talvez para que tivesse de ensinar perpetuamente a ló os filhos dos outros sem a consolação infinita de poder ensinar o seu. Tinha conhecido innumeros inspectores que todos os mezes lhe ditavam procedimentos e lhe exigiam responsabilidades, tinha vergado obscuramente a sua alma na renuncia expontanea de todas as alegrias da vida. Era uma inexpressão. Não se lembrava já desde quando a sua existencia se reduzira ao automatismo de tres ou quatro acções. De manhã escovava o chapéu — e ia para a aula. A tarde, sabia da aula e dobrava o seu fato cuidadosamente, interrogando com a vista os pontos fracos da fazenda, no terror de um desastre que o levasse á despeza inacessivel d'um córte, — porque era pobre como um caminheiro de estrada. Lia constantemente um velho Plutarcho com a mesma tenacidade com que [um padre lê o seu breviário. Aquella sombra de botas cambádas e de pavoroso fraque cossado, que [seccára os olhos na recordação do filho morto e na saudade da companheira extinta, cristalisara n'uma tal sensibilidade [que achava ainda lagrimas para as desventuras de [Mano e para os desalentos d'Aristides. Não havia dois mestres assim em Lisboa! E [tinha, agora, uma vóz surda, sombria, cavernosa, balbuciante e lenta, que mettia mêdo aos pequenitos, toda cheia d'inflexões contrarias, d'onde transbordavam sempre uma ternura e uma bondade sem fim.

O sr. Inspector queria que elle contasse historias. Pois

contaria historias. Era, justamente, a hora da sahida. Já os garotos tinham ouvido as tres horas no relógio da egreja proxima; o mestre com certeza que não chamava á pedra. E iam sorrateiramente empacotando os livros, arrumando os cadernos espalhados, para estarem promptos ao primeiro signal, largarem desaustinados pelas escadas abaixo, com gritos d'alegria. O borborinho alastrava; o Mestre ergueu a vóz:

—Meninos! Estejam calados!

Os cincoenta aquietaram lógo. Coisa extranha, aquella do senhor Mestre que os mandava calar, quando era costume, ás tres horas, deixar que elles sahisses! Grande coisa devia haver! Porque estava elle com aquella cára tão séria, de tão largos olhos que olhavam sem vêr? No silencio brusco todas as faces se arregalaram de curiosidade receosa. O Mestre ia talvez continuar a lição... Mas era engano. O sr. professor levantou-se e com uma vóz mais surda do que nunca, mais vagarosa e mais grave—como cheiravam bem as amendoeiras!—disse assim:

—O sr. Inspector, que é este senhor que sahiu agora d'aqui, recommendou-me que lhes contasse todos os dias uma historia, no fim da aula. Eu vou obedecer ao sr. Inspector. Ha vinte e sete annos que leio nos livros muito antigos as historias dos nossos avós que foram á India e que fizeram de Portugal um paiz muito grande e muito fallado. Tenho passado a vida a explicar essas historias — mas antes de morrer quiz Deus que eu tivesse a alegria dolorosa de lhes poder contar uma coisa que não succedeu ha muitos seculos, que não succedeu, mesmo, ha muitos dias — e que li

hontem no jornal. Quando ouvirem dizer que Portugal é um paiz que não tem valor, não digam nada, não digam nada porque os pequeninos não podem fallar em voz alta. Mas não acreditem nunca, não acreditem nunca, meus filhos! E quando virem gente a rir, gente muito alegre por todos os sitios, fechem os olhos por um momento e lembrem-se por um instante só que seja, que ha muito longe d'aqui, n'uns paizes muito differentes do nosso, uns homens que fallam, como nós, a nossa lingua e que são do Porto, são de Lisboa, são de Coimbra, são de todas as terras da nossa querida terra—e que estão a guerrear, muito longe, com simplicidade e com fé. E se não lhes pudérem dar mais nada, dêem-lhes, ao menos, um silencio piedoso. Para além da Hespanha, para além de todas as montanhas que estão em volta da nossa cidade, ha um paiz chamado França, onde n'este momento existe uma guerra enorme. Os portuguezes estão lá, nas trincheiras, uns grandes buracos cavados no chão, onde os homens ficam abrigados o mais possivel porque defronte está o inimigo. Na hora em que se manda a batalha, os soldados sahem todos das trincheiras e avançam; mas quando não ha ordem nenhuma deixam-se estar muito quietos, porque basta espreitar por pouco que seja, que logo uma bala máta os curiosos. N'uma d'essas trincheiras estavam muito entretidos a conversar, n'uma occasião de descanso, cinco portuguezes. E um d'elles, sem querer, talvez por acaso, levantou um pouco a cabeça e olhou para fóra; um tiro matou-o immediatamente. Então os outros quatro, furiosos, desesperados, dando um grito enorme, sem mesmo sabere o que faziam, sem se lembrarem de que praticavam

uma inutilidade, saltaram, como leões, para fóra da trincheira, doidos de dôr, correndo para o inimigo com as espingardas na mão, a vingar a morte do seu querido camarada portuguez. Não chegaram lá, meus filhos, porque a poucos passos andados todos os quatro-tombáram com os olhos voltados para o céu, arrazados de agua, ainda cheios do desejo de punir. Ficaram lá todos, victimas d'aquelle impulso sagrado que não pudéram, infelizmente, realisar. Foi esta a historia que eu li hontem no jornal e não é nem de Vasco da Gama nem de Affonso d'Albuquerque; mas quando forem crescidos, se a vida não lhes tiver estragado a bondade com que nasceram, se se lembrarem do que lhes conto hoje, hão-de comprehender que toda uma raça muito forte e muito bella está dentro d'este desespero humilde e grande e que uma raça como esta—Deus não a quer morta. Deixem, então, os olhos arrasarem-se-lhes de lagrimas. Não tenham vergonha de chorar, meus filhos; quem sabe chorar, sabe ser honrado.—Podem sahir.

O JARDIM DA ESTRELLA

O JARDIM DA ESTRELLA

Quando o sol aquece mais e o carrilhão da Estrella bate pausadamente as nove horas da manhã, para além das grades do jardim um frémito de vida perpassa com maior intensidade. As áleas nobres que se estendem languidamente e se bifurcam em curvas de capricho, dobram a dupla fila das suas arvores—e cumprimentam. É por ali que envia o seu caminho a Lisboa de Campo d'Ourique e respira fugitivamente uns goles de boa atmosphera antes d'ir forçar os olhos na luz cinzenta dos *ateliers*. É n'aquella hora que na sombra dos bancos, sугeitos de barbas brancas desdobram um jornal, com pachorra. No ramalhar monótono do arvorêdo, as campainhas dos electricos, no largo, vibram como cristaes e logo de longe se distingue o rodar ligeiro dos carrinhos de creança, que trilham o saibro das alamêdas, empurrados pelas mães diligentes de todo o bairro da Lápa. No fundo verde que amalgâma todos os verdes da natureza, abre, por vezes, uma nota mais viva uma grande sombrinha escarlata, a voejar aqui e além, atrás d'um pequenito que ensaia os seus primeiros passos. Ha, então, por todos os cantos do jardim, os quadrinhos delicados da

criança humilde. E ali que se vê, às vezes, o *groom* de tres palmos, fugido da loja de modas, sobraçando uma pilha de caixas de chapéus, de todo esquecido da sua ardua tarefa, com as caixas quasi arrombadas, atiradas a êsmo, para, de cócoras, seguir melhor, entre as heivas da fortuna, o passeio vagabundo d'um bicho de conta transviado. Ali pára de quando em quando, como Antêu, para adquirir novas forças e melhor trepar aos quintos andares, o distribuidor dos romances de Montépín, que lêva aos lares escuros a aberta da phantasia onde ha princezas infelizes e bandidos de casaca. No perfume das rosas atravessa, na viração branda, um gosto amargo de miseria. Ali scismam, com a apparencia indolente de quem toma o fresco, aquellas creaturas de desastre e de dôr que teem de levar á noite, para casa, a placa de cinco tostões e que já com o dia gasto e poucas horas deante de si, ignoram ainda onde a podem ir buscar. Ali pousam, na pompa do parque aristocrata, sob o olhar severo dos guardas que farejam os parias, a alucinação, o desespero, a lagrima e a fome. Ali scintillam tambem as primeiras alegrias envolvidas na mágua das primeiras dôres; ali surgem as creanças. Na multidão infantil, bariolada de côres, que usa piugas de sêda e desce do conforto dos automoveis, apparecem o filho humilde da capelista ou o pequeno gordo do homem do talho, chupando pensativamente o seu *tété*. Ainda n'elles não existe o sentimento das differenças sociaes. E um grupo numeroso onde ha ricos e pobres, percorre o jardim, indaga pelos bancos, a recrutar companheiros para tremendas façanhas. Perto do canto das bananeiras, junto d'uma velha de cabellos bran-

cos e de rosto macerado, um petiz de dez annos, muito quieto, estuda para a sua aula. É triste e tem um aparelho n'uma perna; em volta d'aquelles dois, ha uma auréola de serenidade resignada. E trinta vozes agudas perguntam :

—O menino quer brincar?

O pequeno levantou o olhar mortiço de cima do seu Virgílio; e os outros, ao repararem n'aquelle ferro tão feio que prendia a perna, como uma tála, como uma negra prohibição á boa alegria de correr, córaram embaraçados. Desculpe... desculpe... Por entre o chalar confuso, no enleio vago dos desherdados, que lhe prendia já a alma e já lhe angustiava a face, o doente deixou de novo errar os olhos sobre a sua lição de latim. *Tytere tu patulæ recubans... sub tegmini fagi...* Por detrás da escola Froebel, a commissão organisadora d'uma grande brincadeira, sumiu-se, escoou-se, pousando em todos os bancos com a graça das borboletas.—*O menino quer brincar?*—*O menino quer brincar?*—Que não era só, agora, o grupo tumultuoso a animar, em notas discordantes, o socego placido do jardim nobre. De todos os macissos sahiam alegrias estridentes. Um general de seis annos, dominador, estrepitoso, com uma formidave! espada de folha, tentava em vão alinhar seis pequenitas, de piugas côr de-rosa, de pernas escalavradas e gordas, que de forma alguma podiam estar quietas, beliscando-se, coçando-se, a palrar, a palrar sem fim. Má semente de soldado! Bruscamente furioso, impotente, o general abateu sobre o saibro da alea, desilludido de recrutas, a rebolar-se na areia com um immenso rancor. Não queria mais—e as pequenas abalaram n'um riso fresco, troçando aquelle vergo-

niboso lansquenette. E passaram pelo acervo das magnólias, a cercar um cantinho de mão onde se balouçava inconscientemente, com o isochronismo d'um pendulo, um triste rebenzinho d'homem, com a face magra, esguia, costurada de cicatrizes, mordendo, com um olhar absorto, de precóce velhice, um bolo de leite, branco e redondo; ao lado, uma senhora alta e loira passava-lhe um lenço de cambraia pela testa; e de quando em quando, dos olhos da dama loira e alta, uma lagrima cahia muito lenta e muito limpida. Menino? Menino pequenino? Que tem elle? Aquelle, decerto, não poderia correr nunca! Mas justamente ahi, um grande trabalho reunira um ajuntamento numeroso de creanças; escavava-se um tunnel por debaixo de um enorme monte de areia. Para consolidar aquelles materiaes oscilantes, uma bicha perpetua trazia do lago, em baldes de folha, agua para argamassar a areia. E já os voaes frescos dos vestidos tinham as côres cinzentas de toda a poeira do jardim, arabescados pelas gottas d'agua que escorriam até pingarem nos sapatos de pellica branca—que eram immediatamente limpos nas saias das vizinhas, para que a *mademoiselle* não ralhasse e o trabalho momentoso pudesse ir ao fim, para arrelia dos invejosos que rondavam de longe, na esperança de um desabamento. Aqui e além, nos cantos de sombra, uma ou outra *miss*, rosada com uma miniatura de Greuze, pensativa como uma heroína de Karr, fechava por momentos o seu poema de Pope para espreitar, fugitivamente, um cadête que gravitava em redor, como gravita Procionte em torno de Sirius, incendiado e tenaz. A *miss* então, levantava a voz.

— *Tenez-vous tranquille monsieur Albert!*

— *Soyez donc sage mademoiselle.*

E novamente mergulhava em Pope e no cadete. Do canto mais afastado do lago seis amas surgiram procissionalmente, na pompa das suas capas escarlates, deixando baloiçar com leveza os saccos das fraldas, onde se destacavam grandes iniciais a *filosel*. Sob as claridades verdes uma teta surdia bruscamente, aqui e acolá, acomodando um *baby* sedento. E todas seis encalharam n'um banco, sempre pomposas, sempre hieraticas, embalando n'um gesto automatico, censurando as *frauleins*, os seus livros encadernados em veludo violeta, as suas luvas finas de Suecia, os sapatos elegantes de salto Luiz XV. Dois olhos de um guarda republicano fuzilaram atravez da folhagem, logo se apagaram, extinctos de todo, porque dos lados da rua Saraiva de Carvalho uma corneta tocava a formar companhias. E abalou furioso. O general acalmára. E fazia agora negações a um homem d'oito annos, sentado com placidez em pleno caminho, no meio do chão, molhando^{se} constantemente o dedo para voltar as folhas d'um livro de bonecos, arregalando os olhos para as aventuras prodigiosas de Bufalo-bill. O aggressor puxou-lhe por uma perna e encanou-o com insolencia. O livro voou. Lucta. Borborinho. Gritos. As amas não se movêram. O pequeno do aparelho levantou outra vez o olhar mortico, *Tytere tu fatulæ recubans...* O do carrinho deixou cahir o bolo de leite, vagamente aterrado. E de subito tudo acabou em bem. Um grande grupo ia agora correr terras na malaposta. Para a Australia primeiro! Primeiro para a America! Postilhão! Postilhão! Sou eu posti-

— Não! Não é que sou! Assim não brinco! Os cavallos, os cavallos!... Up lá! Up lá! Up lá! Eh!...

Junto do lago onde navegam os cysnes pretos, ha um banco esquecido no mais espesso da folhagem. Por detrás uma palmeira esguia levanta, a quatro metros do chão, a curva graciosa das suas palmas. É uma *phoenix reclinata*. Foi ali, n'aquelle banco, que o homem macilento pousou por instantes, mergulhado na saudade pungente das coisas que não voltam mais. Trinta annos antes já a *reclinata* dava a sua elegancia austéra áquelle canto do jardim aristocrata; talvez no mesmo banco ainda, um *baby* loiro, vestido de flanela branca, com gallos bordados a retróz vermelho, arredondára, outr'ora, os olhos hesitantes para as primeiras claridades da vida. E esses trinta annos tinham alteado um pouco mais a palmeira solémne e haviam vergado á dureza sombria das coisas o *baby* dos olhos hesitantes. Trinta setembros, apenas trinta outomnos doirados, escorregando, leves, no fogo ephémere dos poentes, tinham passado. O jardim era o mesmo; e era a mesma a *reclinata*, perennemente viçosa e fresca. Mas o *baby* era, agora, o homem macilento e para sempre desapparecêra dos seus olhos aridos e duros a innocencia candida que auréolára a sua infancia. No cemiterio sagrado do seu coração que a existencia ia a pouco e pouco povoando d'illusões extinctas e de recordações sombrias,—a mais velha, a mais apagada, ergueu, de repente, a melancolia da sua graça antiga; e passando os dedos trê-

mulos pelo bigode áspero, elle via com os olhos d'alma, ao lado d'uma *fraulein* que passava debruçada sobre as poesias d'Heine, um petiz vestido de flanella branca, com gallos bordados a retróz escariate, pasmado para a magestade soberba da *phoenix reclinata*, sobraçando um grande livro d'imagens, um livro maravilhoso, com figuras coloridas que faziam scismar, e que se chamava *Viagem á roda do mundo n'uma casquinha de nós*.

O homem macilento accendeu um cigarro distraído e levantou-se com um suspiro. Com as mãos atrás das costas, n'um gesto vagaroso, caminhou pausado, para o portão da rua de S. Bernardo. Ia grave, com um vinco profundo na tésta. Quem o visse, suppol-o-hia, talvez, a deduzir um problema sério. E com effeito, com toda a memoria tendida, d'olhos fixos, concentrada, a creatura procurava, n'um esforço, o principio, as primeiras linhas d'aquelle livro maravilhoso, com figuras coloridas que faziam scismar. Decerto o homem macilento as encontrou, porque ao sahir do portão, chupando com vivacidade o cigarro, satisfeito, balbuciou de si para si, n'um enlevo, como n'uma visão e n'um perfume d'outr'ora: *Arthur e Nini eram dois meninos muito obedientes... e muito sabedores de geographia...* E os seus passos correram mais ligeiros pelo passeio adelante!

A TERRA PROMETTIDA

A TERRA PROMETTIDA

Acontece ás vezes, na agitação da Baixa, na hora da azafama, encontrar aquelle typo. Cousa alguma o distingue dos outros e se não fosse a agitação do labio constantemente trémulo, o piscar lento dos olhos largos, inundados de sonho, que perseguem atravez do tumulto uma visão teimosa e sempre inacessivel, dir-se-hia que uma machina humana, automatica e pautada ia ou voltava do seu labor quotidiano na indiferença costumada dos longos annos cheios pela mesma tarefa. Nunca o sorriso convencional foi tão bem expresso como n'aquella cára; nunca uma individualidade se tornou tão commum como n'aquelle corpo. E no entanto, quem o observa nota-lhe o receio pavoroso de parecer um pretendente a braços com a neccessidade; e até na fôrma cuidadosa porque sacóde a poeira do seu fato, no gesto rapido com que endireita, de quando em quando, o nó da gravata, se revela o homem habituado á elegancia das coisas, apegando-se a ellas n'um desespero mudo, sentindo vagamente que se desce mais esse degráu nunca mais tornará a levantar a face desolada—e se esfumará de todo para elle a deliciosa visão que lhe acalenta a vida.

Às vezes o homem entra n'uma escada, sóbe dois andares e pára defronte de um *guichet*. Depois, lá dentro, deante de um homem de barbas, de chapéu na mão, com um sorriso mais desenhado, affectando uma grande simplicidade, entrega uma carta do sr. Pimenta, seu amigo, do sr. Pimenta, capitalista, e n'um murmúrio que elle julga claro e nitido, n'um lamentavel murmúrio, diz que fala o francez e o inglez, que escreve o allemão, que sabe escripturação comérçial e que não ignora que ali se precisa de um empregado de carteira. O homem das barbas, n'uma effusão polida e sêcca, olha-o d'alto a baixo, faz-lhe duas ou tres perguntas desatentas e promette-lhe vagamente para a semana, para o mez que vêm, mais tarde... Elle que appareça! E a creatura passa outra vez pelo *guichet*, desce outra vez a escada, com o mesmo sorriso estereotypado, a arranjar machinalmente o nó da gravata, sacudindo com precaução os grãos de poeira do seu fato, com o gesto cada vez mais lento, os olhos cada vez mais cheios de sonho. E logo adeante, duas portas mais abaixo, sóbe outra escada, balbucia deante de outras barbas com a carta do sr. Pimenta na mão. Ha um anno que anda n'aquillo!

Entre duas escadas, duas recusas, o homem pousou na beira do passeio por uns momentos. Lembra os annos da escola, as noites longas, curvado sobre os livros, a agitação inquieta dos exames, a vóz doce, a querida vóz que lhe murmurava constantemente do lado:—Estuda, filho! Estuda que é para teu bem!— Como elle tinha estudado! Como n'aquelle alvorecer de vida havia uma esperança tão forte e tão grande! Cahiam, lentamente, no seu coração gotas de te-

nacidade e de energia, accumulando vontade, desejo irradiante de triumpho! Depois d'aquillo, depois d'aquella tarefa de dez annos, sahira com um rôlo de papeis debaixo do braço, armado de diplomas, para vencer, cortar o seu caminho por entre o egoismo feróz dos seus semilhantes. Immediatamente, pela fatalidade cêga das coisas, n'uma tarde de passeio placido no electrico de Bemfica, entrevira para além da Cruz da Pedra, por sobre um muro velho, coroado de rosinhas de toucar, uma face palida e triste que brincava pensativamente com um grande girasol. Dois annos scismára com a face palida junto do muro velho; e uma grande affeição serena e calma, toda feita da esperança dos filhos que haviam de vir e das lagrimas santas que haviam de correr, germinou, cresceu e floriu. Toda a sua existencia ficou para além d'essas rosinhas de toucar que surdiam por entre uma latada de uvas magnificas, torneando uma casa branca onde as madresilvas punham, aqui e além, notas de um verde fresco e humido. E para que entrasse ali, triumphalmente, a fechar os braços enternecidos sobre o grande desejo da sua vida, devia tirar do rôlo de papeis que tinha debaixo do braço, a abastança, o bem-estar, o socêgo, a confiança em si proprio, todas as coisas imperdureis e simples.

Um automovel passou n'um fragor de ferragem entrecrocada, salpicou o homem de lama, forçou-o a recuar, bruscamente acordado. A rua do Ouro regorgitava de luxo falso. Era a hora do ruth mais intenso, quando as mulheres se offerecem mais lascivamente e ondeia pelo ar o frémito imperceptivel de todos os desejos soffreados. Era tam-

bem o momento em que, n'um ou n'outro escriptorio lóbrego, rários empregados desenhavam um sorriso sereno, ao pegar no chapéu, antegosando as delicias de metterem a chave á porta da sua casa, com um embrulho ligeiro na mão onde levavam mais um prato para o jantar. N'um esforço ultimó a creatura subiu uma derradeira escada; mas desceu logo, sem mesmo chegar lá acima, n'um encolher d'hombros vagaroso, carregado d'immenso tédio. E amarfanhou-se na esquina de S. Nicolau, raspando com rancor a ponteira da bengala pelo basalto das valêtas. Brutos! Todos conseguiam a sua vida, todos moirejavam para a saciedade dos seus appetites, — todos os realizavam. E elle? Elle que se sentia ali, d'olhos dilatados, avidos de conquistar o mundo, era uma força desaproveitada e esteril. Ninguém lhe estendia a mão, ninguém lhe adivinhava o desespero. Brutos! E era para aquella desgraça que queimara as pestanas e fôra teimoso e fôra tenaz! Não havia Deus, não havia Providencia, um grande véu de injustiça cobria os homens todos. E apenas porque levava uma carta do seu amigo Pimenta, do Pimenta capitalista, não era atirado pelas escadas abaixo, com ásko e com repugnancia. E os brutos, para se verem livres d'elle com polidez, com decencia, batiam-lhe no hombro, aconselhavam-n'o a esperar. Esperar! Esperar! Podia elle esperar? Todos os dias as fontes lhe branqueavam mais, todos os dias uma ruga nova sobrevinha, todos os dias morria um pouco do seu olhar outr'ora tão vivo, tão faiscante. E o seu coração? Que lamentavel ruina não era o seu coração, torcido lentamente na amargura das desilusões constantes, balouçando-se nas vontades alheias, tão desamparado

tão incerto como um madeiro nas aguas verdes do mar! Ainda mesmo que um dia pudesse entrar, n'uma explosão de alegria consumada, para lá do muro velho, para lá das rosinhas de tocar, como encontrar a alma dos vinte annos, perdida para sempre no desastre da vida? E seria um cego dentro das côres do seu Eden, e seria um surdo dentro da harmonia da sua ventura enfim conquistada! Aquelles brutos queriam castrar-lhe a alma para que um, depois, mais sórdido, o explorasse com facilidade por vinte e cinco mil réis por mez. Era para rir, era para rir sinistramente! Com effeito! Que pressa que tu tens, maldito! Amanhã, homem! Amanhã!

Mas era tempo de deixar a esquina de S. Nicolau; a tarde descia, o dia estava findo. Depois d'aquella esterilidade, eram horas de tomar o carro da Graça, correr á Penha de França, a comer as sopas da mãe, compondo a physionomia para que ella não adivinhasse o doloroso calvario d'aquelle dia tão vasio, tão inutil. Mas agora, para lá do Quartel d'Engenheiros, palmilhando devagar a rua interminavel, na direcção da Cruz dos Quatro Caminhos, com a briza fresca e mais viva que roçava pelo cume das colinas, o desalento sombrio fundia n'uma inquietação triste. Que iria elle dizer á face palida que o esperava, ao crepusculo, debruçada sobre o muro velho? Que tanto tinham esperado ambos! E na hora dos pensamentos sem nome e dos sonhos sem expressão, mais nitida, mais cruciante, nascia a certeza de que para elle apenas, tinha vindo ao mundo o cortejo negro das amarguras. Nunca levantaria a cabeça e a sua entrada na casa das madresilvas, a colher n'uma lagrima o

sorriso doce da face palida, era uma cousa chimerica e inverosmil. Só a podia vêr de longe, como todas as tardes, ao voltar para casa, do adro da egreja da Penha de França, ensombrado pelas velhas arvores. E de todas as cousas cáras que ella encerrava, só possuia o olhar caridoso e amante que tombava de cima do muro e apenas, no passado setembro, a outra metade do seu coração lhe mandára um cacho de uvas da latada distante, tão fresco, tão rico de côres e de perfume, que mais saborosos não eram, decerto, os que amadureciam outr'ora nos vergeis ridentes da vetusta Jerichó. Que promessa solémne que deliciosa promessa não traziam aquelles bágos que elle comêra silenciosamente, scismando, envolvido em visões de Fé e de Esperança! E porque lhe faltava aquella força divina que desloca as montanhas e affasta as aguas dos oceanos, aquelle adro da Penha de França era o monte Nébo onde em todos os occásos desfalecia a magua suprêma de ter caminhado directamente para um fim que cada vez se mostrava mais longiquo e cada vez se lhe afigurava mais inaccessible. E agora, debruçado sobre o pendor que offerecia a perder de vista o arrabalde viçoso, o admiravel vale de Bemtica, os olhos sem chamma procuravam a Cruz da Pedra, o muro velho coroado de rosinhas de toucar, a casa branca das madresilvas onde scismava perpetuamente a face palida, á espera, á espera... Ali estava a ponte de Sete-Rios, mais para a direita a massa sombria, rumorejante do arvorêdo das Laranjeiras, no tópo a casa esguia dos Machados, a scintillar debaixo dos ultimos lumes. E o quintal da latada ao pé, ao pé a casa das madresilvas... Se elle não havia de reconhecê-la logo! E

ao achal-a, perdida tão longe na apothéose magnifica do sol, esmagada sobre a face d'aquelle immenso pomar, tão pequenina e todavia tão grande, aquella terra onde nunca tinha entrado e que já era tão sua, regada pelas suas lagrimas, — o soluço explodiu, emfim, no gesto mudo que estende os braços e o seu coração, o seu miseravel coração vôou todo, n'um impeto, para aquella terra linda, terra formosa, terra bendita, incomparavel terra de Promissão — que não pisaria nunca !

O BEIJO DO SOL

O BEIJO DO SOL

O Jardim das Albértas é a mais bella janella da cidade das mil janellas. Quando maio refulge, o bom Thomé, jardideiro da Camara, faz d'elle um tapete de goivos que dobram a um tempo as hastes irrequietas, descendo sorrateiramente até ás grades, trepando por cima dos bancos, fazendo trasbordar de verdura aquelle cabêço da Rocha do Conde d'Oribidos, perpetuamente debruçado sobre o rio. Nas horas frescas da tarde os soldados do Dois dão uma volta lenta por ali, na esperança de poderem surripiar um geranio, dos que florescem ao pé do taipal da Camara; outros encostam-se devagar ao corrimão e contemplam, durante horas seguidas, as collinas immutaveis da Outra-Banda. As velhotas da rua do Olival aproveitam a aragem fresca e descem a tagarellar, mesmo de chinellas, d'avental de ramagens, cosipando trapos que teem a alvura humida do linho muitas vezes lavado. Junto do kiosque da mulher do tabaco, um impedido risca a areia da álea com uma varinha fragil, namorando a creada do snr. doutor, que veiu á mercearia. O Pires, da pharmacia, pôz o seu barretinho e arrastou para o passeio a sua cadeira de vêrga. Por cima do muro do Club Inglez, as ti-

lias graves espalham perfumes. E de quando em quando, o fragor de um electrico que passa, sacode o silencio da tarde exausta que vae adormecendo.

No banco do fim, o que está encostado á guarita do guarda, já a sr.^a Marianna se encontra fazendo a sua eterna meia. Veiu mais tarde porque o pequeno que a costuma trazer todos os dias, do Quartel de Marinheiros até ali, andou a vadiar, ninguem sabe por onde, e ella não podia vir sósinha, tão trôpega, por aquellas ruas apertadas onde os electricos andam vertiginosamente. Por isso, já lá encontrou a cega, sua visinha, com as mãos cruzadas sobre os joelhos, d'olhos vitreos e parados, junto d'outra velhota vestida de chita clara que escabichava um dente pôdre com um altinete, sem sequer ouvir as lamentações da sr.^a Joaquina que mostrava a uma trouxa de roupa pousada no cabo do banco o esburgado d'um joanete pavoroso que já a não deixava andar a dias, a esfregar escadas.

— Que lhe parece esta desgraça, sr.^a Isabel? Ó sr.^a Genovêva, ora veja lá...

As outras menearam a cabeça com gravidade; era sério. E as cinco velhas emmudeceram, sentadas em fila, muito quietas sob uma restea de sol. Os casibéques de chita esvoaçavam. Todas, de olhos quasi cerrados, olhavam as aguas do rio. No silencio subito as agulhas da sr.^a Marianna rangeram com mais vivacidade.

— Sr.^a Marianna, tome cautela! Vocemecê quer vasar-me um olho?

— Eu, sr.^a Isabel? Vasar-lhe um olho? Ora a graça...

— Ainda ha sol? — perguntou a cega.

-- Essa é boa, sr.^a Rosa. Então vocemecê não o sente?

— Tenho frio...

A sr.^a Genovéva deixou cahir os braços desanimados.

— Ainda não é esta noite que entra a *Flôr da Murta*!

— O que é a *Flôr da Murta*?

— É o vapor onde trabalha o meu filho. Ha tres dias que foram pescar para os lados de Cezimbra, e já deviam estar de volta...

— O seu ainda trabalha, sr.^a Genovéva. Pode vocemecê gabar-se de ser uma mãe feliz. Se visse o meu João? Um malandro!

— O meu Antonio é uma joia.

— E o meu João uma peste! Então voltamos á mesma, sr.^a Marianna? Vocemecê tem quesilia com os meus olhos, por mais que me digam!

— Não seja tão assomadiça, sr.^a Isabel. Eu não quero nada com os seus olhos...

— Será aquelle, a *Flôr da Murta*?

— Aquelle, o quê?

— Aquelle vapor que vem lá ao longe...

— Eu sei lá! É uma peste. Ainda no outro dia me quiz bater! Se o meu homem tivesse vida não andava eu ameaçada de tareias...

— Já devia estar de volta. Da ultima vez trouxe-me um safio que era um regalo.

A sr.^a Marianna pousou a meia no regaço.

— Eu — disse ella — se tivesse um filho e elle me batesse, era capaz de lhe comer os olhos!

— Ora adeus, sr.^a Marianna, vocemecê não comia coisa

nenhuma. Comia pancadas... quando elles querem !

— Quando elles querem ?

— Pois decerto. Ou são bons, ou são ruins. É sorte !

A céga perguntou :

— Ainda ha sol ?

— Está por um triz, sr.^a Rosa, mas ainda ha.

— Tenho frio...

— Vocemecê já foi a Cezimbra, sr.^a Isabel ?

— Fui lá uma vez, ha trinta annos, com o meu Miranda que Deus haja.

— É bonito ?

— É uma terra.

— Se eu ao menos soubesse onde pára o meu filho !

A sr.^a Joaquina largou o seu joanete, pousou o pé no chão com todo o cuidado. E voltou-se para a sr.^a Genovéva :

— Vocemecê é tola !

— Tola ! Eu ? Seja prudente, sr.^a Joaquina !

— Pois decerto que é tola. O seu Antonio está em Cezimbra e Cezimbra é ali, por detrás d'aquelles montes. Então, e se vocemecê tivesse o seu filho na guerra ?

— Morria !

— Qual morria ! E eu morri, sr.^a Genovéva ? E olhe que não me faltou vontade ! Mas parece que a gente quanto mais soffre mais força tem para soffrer...

— O seu Manuel está na guerra ?

— Está lá ha tres mezes. Vocemecê sabe onde é a França, sr.^a Marianna ?

— Eu não sei.

— E vocemecê, sr.^a Genovéva ?

— Também não.

— Pois sei eu. A França está no fundo do meu coração, porque é no fundo do meu coração que está o meu filho. Vocemecê tem o seu Antonio nas aguas do mar e o seu, sr.^a Isabel, anda a vadiar pelas tabernas. O meu está aqui... Foi desde aquella noite em que elle chegou lá a casa e disse: — Ó mãe, vou-me embora amanhã. — E eu não sei se chorei, naturalmente não chorei porque já não tinha lagrimas para deitar! Mas apertou-se-me tanto o peito que fiquei a olhar para elle, a olhar para elle, como um [corpo sem alma! E fui-lhe aquecer a ceia, sr.^a Genovéva... A ultima ceia que dava ao meu filho, sr.^a Marianna! A ultima... E nem sei já, depois, se o beijei, se o mordi, se o apertei bem a mim, para que elle ficasse aqui dentro, mais, mais ainda... O seu filho, sr.^a Genovéva, volta amanhã de Cezimbra, depois de amanhã o mais tardar, e o seu João, sr.^a Isabel, pode ser que vá bebedo para casa, mas está ali ao pé de si. Mas o meu? Quando voltará o meu? Quando subirá o meu do fundo d'este coração tão velho para viver na minha bocca e respirar nos meus braços? Era preciso que fosse para a guerra, eu não digo que não, não percebo nada d'essas coisas... Mas era o meu filho!... Logo de manhã começaram as cornetas aqui do quartel, a tocar, a tocar que nunca mais paravam! E elle disse-me: — Mãe, tenho que ir — tenho que ir de cára direita para voltar de cára direita. — E sumiu-se, e fugiu-me de casa... O filho, filho, filho!...

Uma rajada uivou; os goivos dobraram todos n'uma ancia. Na caserna do Dois o corneteiro de dia tocou a con-

valescentes ; um comboio passou em baixo, junto da dóca, como uma bicha negra correndo celére e fugitiva. E agora uma fragata corria a todo o panno, leve e ligeira, arrebatada na grande aza da sua bujarróna, sulcando para os lados da Trafaria. O Pires da pharmacia tirou o barretinho, alisou os cabelos. No azul que desmaiava um batalhão de nuvens rubras corria a um assalto no infinito. Uma visão de guerra passou no espaço; lá estavam as centenas, os milhares de vidas obscuras a ulular n'um grito immenso o nome sagrado de Portugal pequenito, tão meigo e tão suave para os pequeninos. E corriam n'um tropél, alucinadamente, tombando aqui n'um suspiro, além n'uma exclamação, unidades perdidas, infinitamente pequenas, colhidas na engrenagem d'aquella formidavel fatalidade, dando silenciosamente a sua vida, sem gestos, sem phrases, para que triumphasse o esforço da sua terra e todo o sangue vertido pudesse ter a consolação suprema da lagrima altiva. Como ellas corriam no espaço, aquellas nuvens vermelhas ! Como desenhavam o entusiasmo desordenado das linhas densas dos homens avançando n'um clamor ingente de victoria ! E as bandeiras desfraldavam-se ao vento e os braços erguiam-se aos céus e os olhos incendiavam-se d'orgulho ! Patria ! Gloria ! Grandes palavras, eternas palavras que tornam os homens sublimes. Além estão, no mesmo faiscar, os filhos illustres e os filhos humildes, os boccadinhos de coração das miseraveis velhitas, os bocadinhos de coração das opulentas fidalgas. E cá em baixo, por entre os goivos das Albértas, na terra já obscura, as quatro faces brancas como o linho usado, a cega na escuridão negra dos seus olhos, todas sentindo a aragem

que lhes corria devagar pelos cabellos brancos, olhavam, olhavam sem cessar aquelle turbilhão, açodado e relampejante. Os cinco pertis gastos, sumidos como os das medallhas antigas, esquecidos sobre o banco pintado de verde, interrogavam mudamente n'um assombro, n'um espanto sem fim. E a cega perguntou:

— Ainda ha sol?

— Está a morrer, sr.^a Rosa...

— Ah! Que frio que eu tenho... Ah! que frio que eu tenho...

Um raio, o ultimo, apanhou o banco d'esguelha. Foi um momento. E doirou n'uma auréola os cabellos brancos da sr.^a Joaquina. Era de crêr que o astro tão poderoso, tão longinquo quizesse pousar um instante na face por onde corriam duas grossas lagrimas. E com a infinita nobrêza das cousas grandes deixou na despedida, no seu raio vermelho e derradeiro, um beijo de luz, um beijo de piedade e de ternura na tésta d'aquella Mãe-Dolorosa que tinha um filho na guerra.

A MÃE ESPERA

A MÃE ESPERA

Como eram quasi sete horas e o dia de trabalho estava acabado, o filho não podia demorar-se. Justamente n'aquella manhã, depois de muito pensarem ambos, como já não era possivel viver com o que elle ganhava, empregado de carteira na casa dos senhores Fernandes, o filho havia resolvido solicitar um augmento d'ordenado. E logo ás nove horas sahira, como de costume, incerto e inquieto, promettendo voltar á tarde com uma resposta definitiva, boa ou má. Durante as primeiras horas, na lida da casa, a impaciencia e o receio tinham minguido um pouco, mas agora, a mãe dêra os ultimos aprestos ao jantar, puzêra um avental lavado—e outra coisa não havia a fazer senão esperar. Ali no seu quinto andar, girando entre o velho sophá de baeta verde e a mezinha redonda de bambus doirados onde morria uma avenca, fôra sempre assim, usára a existencia á espera das coisas boas que de fóra lhes haviam de vir, trazidas pela vontade firme do seu filho, sobretudo desde que o velno principiára um somno sem manhã, perdido no barro de um cemiterio triste. Mas depois, no declinar, mais áspera, mais rude se tornara a vida. E de esforço em esforço,

d'economia em economia, atravez dos dialogos pungentes, repassados d'incerteza, tinham passado insensivelmente da mediocridade para a quasi miseria, luctando com a teimosia formidavel dos neccessitados, corajosamente, conglobando privações para que a divida não lhes não entrasse em casa. Não. Não era possivel continuar assim. Os senhores Fernandes bem o haviam de comprehender.

Da trapeira não se via a rua—de fóрма que o affastar das cortinas ligeiras de cásxa para pesquisar pelo passeio além, era um gesto de pura perda. Das portadas de pau, meio cerradas, um fio de luz frouxa envolvia em meia escuridão todas as cousas da salêta. Pousado em cima do consólo coxo, acautelado n'uma rodóma, um tigre de ferro esmagava a pata sobre uma esphera que era um relógio; no claro-escuro a redoma faiscava. Sobre o papel de flores roxas, com folhas côr de lilaz, nos caixilhos onde o dourado se fôra lentamente, o *Panorama de Belem* e a *Avenida da Liberdade*, na estridencia das suas côres de lithographia, abriam dois rasgões de luz; por debaixo havia uma vista da cidade do Funchal. No canto, proximo da escrevaninha, onde adormeciam, inuteis, o tinteiro sêcco, a caneta d'aparo ferrugento, uma poltrona com o baetão poido pelas unhas acres do *Charmant*, sustentava uma almofada redonda, de *crochet*. E justamente n'aquella occasião, magestosamente enrolado sobre a almofada, o *Charmant* ronronava com delicia, abrindo de quando em quando um olho mysterioso e vago.

Com as mãos trémulas, pousando de leve na beira do sophá que rangia, a mãe sentou-se. Como aquellas cousas

lhe faziam bater mais apressado o seu velho coração! Matavam-n'a! Que dia d'angustia, que angustioso futuro se o filho voltasse para casa sem o conforto d'aquelle incentivo ao seu trabalho! Seria preciso deixar a trapeira suave, ir viver na promiscuidade dos pobres mais pobres, abandonar para sempre os queridos moveis que o volver lento dos annos, o habito de os limpar n'um sorriso, a pouco e pouco tornára em pedacinhos da sua alma. Separada das cousas humildes que constantemente encontrára em torno de si, a vida seria um exilio rigoroso, sem nenhum raio de luz e sem nenhuma consolação. E tudo dependia dos senhores Fernandes, d'aquelles senhores que ella nunca tinha visto mas de quem tanto falava o seu filho. Ah! A vontade a inquebrantavel vontade de trabalhar, de ser util, não tocaria talvez os senhores Fernandes, que podiam muito bem responder-lhe um não brusco, despedil-o, quem sabe... E assim as vidas mais escuras dependiam das vidas livres que desconhecem a dôr e a neccessidade! Um suspiro mais lento ondulou no socego placido da salêta e de novo os passos hesitantes vaguearam entre o sophá e a janella, detendo-se mais desfallecidos junto das cortinas de cásca que era inutil levantar porque se não via a rua. Com a face encostada ao vidro, scismou dolorosamente, n'um sonho sem fórma e sem nome. Sobre a esteira uns passos abafados deslisaram. Alguem estava na hobreira. Ella, na percepção subtil das mãos sentiu-o logo. Voltou-se com o labio a tremer:

—E então?

Mas o sorriso, o adoravel sorriso do filho, tranquilisou-a n'um suspiro onde toda a alma se condensava. Santo Deus!

Tinham sido bons os senhores Fernandes! Foi um grito, uma exclamação infanda. Como iria agora entrar o socêgo no seu cantinho! Filho, conta! Que te disseram? Estão satisfeitos contigo? E ria n'um ultimo tremôr de anciedade, a rodeal-o, a apalpal-o furiosamente, o seu filho o seu Manuel que sahira tão bom filho, tão amigo, illuminado na graça d'aquelle supremo favor dos senhores Fernandes! Como tu vens sujo, Manuel! Que poeira que tu apanhaste por essas ruas! E sacudia-o n'um gesto infinitamente amovel, deliciada no contacto d'aquellas roupas ligeiras de trabalho, apertando as mãos d'aquelle bocado das suas entranhas a quem déra Deus fé e coragem. Manuel! Filho! Tenho vontade de chorar! E abateu bruscamente n'um choro convulso, refugiada nos braços fortes, encostando a cabeça grisalha, a face desmaiada, nos hombros que se vergavam n'uma emmoção. Sabes? As grandes alegrias são tão altas que dão vertigens! E eu estou tão contente! Augmentaram-te, Manuel! Mas conta! Com os olhos brilhantes, secos de subito, interrogava, supplicava. E elle sorria, n'uma ternura sem limite, apertando-a doidamente d'encontro ao peito, com a altivez soberba de ganhar a sua vida tranquilamente, honradamente. Era verdade! Os senhores Fernandes apreciavam-lhe a competencia. Mesmo antes de formular o seu pedido, tinham-no adivinhado. Era um empregado antigo, com provas dadas. Augmentavam-lhe mais vinte mil réis no ordenado. Agora a vida sorria-lhes melhor, mais desafogada. Viera logo para casa, abandonára a carteira, a dar a boa noticia, tão ligeiro, tão léve, que lhe parecia ter azas nos pés. Ainda ha no mundo gente boa,

mãe! E era chegado o momento de comprarem uma comoda que lhes fazia tanta falta e que em dois annos haviam ambicionado tanta vez.

Estavam ambos ainda de pé, junto da hobreira da porta. E sem se soltarem, como dois amantes, na irradiação d'aquella alegria, sorriam um para o outro com o coração tão largo, como só o tem os obscuros quando no seu caminho encontram uma effusão sincera. Mas ella desprendeuse de repente. E o jantar? E ainda dizem que as grandes alegrias cortam o appetite! Isso sim! Vamos! Na agitação febril das almas irrequietas, sentaram-se os dois, um defronte do outro. De baixo, no fim dos cinco andares, da rua negra onde manchas mais negras patinhavam, um fragôr subia, surdo, continuo, o ruido das galéras carregadas que passavam. Em frente, a janella da trapeira abria sobre o azul immenso do rio, apanhando, ainda, d'esguelha uma das torres da Sé. E era tudo calmo e socegado, um silencio de natureza que vae adormecer. Os dois chalravam agora deante do seu prato de carne guisada. Enquanto ella brinca distraidamente com o paliteiro — um boi de loiça com palitos espetados no lombo, — deixa elle errar o sorriso vago e pensativo. Uma ambição desperta, devagar. Entre elle e os cabellos grisalhos da mãe fazem falta os cabellos loiros d'um pequenito. Como seria doce vêr-se continuado, eterno perante Deus no sangue dos seus descendentes! Quando elle pulásse, rosádo e gordo, marinhando pelo sophá de baeta verde, pendurado nos *crochets*, ficaria a sua vida cheia e completa dentro d'aquella querida trapeira onde crescêra e se fizêra homem entre os dois quadros tão velhos, tão desbotados do

Panorama de Belem e do Bom Jesus do Monte. Quem sabe! Os senhores Fernandes não lhe queriam senão bem. Ti-nham-n'o provado. O futuro pertencia-lhe com certeza. Grande alegria, poderosa alegria fôra aquella, d'aquella tarde ben-dita. Podia agora barrar de manteiga o seu bocado de pão sêcco. O resto viria mais tarde, quando mais lagrimas ti-vessem corrido e a Providencia o julgasse mais digno do pequenito rosádo e gordo.

Separados um do outro por toda a largura da mesa os dois enlaçavam-se agora com os olhos. Mãe! Manuel, máu rapaz, em que estás tu a pensar? E sorriam divinamente, attastando com as mãos as ultimas migalhas. O canario es-voaçando na sua gaiola doirada parecia crispar as clarida-des que se iam; o *Charmant* estendeu uma pata languida. E ella exclamou:

— E os meus cravos? Ainda não reguei os meus cravos?

Léve, tão léve, com uma auréola de juventude em torno dos cabellos quasi brancos — benditos sejam os senhores Fernandes! — encheu rapidamente o regador. Ambos se de-bruçaram na trapeira, curvados sobre um caixote de malme-quêres onde floriam, esparsos, quatro cravos vermelhos. O rumor surdo subia de baixo, da rua que se não via. As baforadas oprimidas da grande luta e do grande vicio, esvoa-çavam torvelinhando; os automoveis carreavam luxo. Lá em baixo, entre sêdas, as mulheres solicitavam interesses, os homens de testas vincadas, corriam atrás do oiro inacessível. Mas por cima, no pleno azul, era uma coisa tocante e admirável. A torre da Sé parecia agora uma renda de pur-pura e as aguas do rio deslisavam n'uma quietitude, n'um re-

manso que mais quietas, mais socegadas, não podiam supôr-se outras em todos os rios da terra. Uma brisa passava, ondeando n'uma caricia a blusa de chita pendida sobre o caixote dos malmequêres. Encostado á vidraça o homem pensava. A mãe tinha dito com acerto; as grandes alegrias são tão altas que dão vertigens. E davam lagrimas tambem, as boas, as puras, as que redimem. Lentamente tirou-lhe o regador das mãos, puchou-a para sobre o seu peito. Ella abandonou-se logo, sentindo junto da sua orelha o bater largo e rithmado de um coração estremecido. Nos braços um do outro, recortados nas ultimas claridades, inundados de céu, esqueceram a rua, o fragôr das galéras que passavam. E elle, n'um gesto de infinita meiguice, passou-lhe de leve a mão pelos cabellos quasi brancos e murmurou n'um suspiro :

— Ó minha querida velhinha... Ó minha querida velhinha...

OS GANSOS

OS GANSOS

Quando novembro espalha as suas brumas de mysterio, succede ás vezes, para o norte, encontrar, junto d'um montado, um bando d'aquellas extranhas aves. Debaixo d'um azinheiro contorcido um garoto em farrapos emparvoece abstracto, contemplando sem pensamento a curva da estrada que fôge no amago das montanhas. E em volta, baloiçando-se lentamente, como velhos e pesados navios nas aguas inquietas d'um golfo encrespado, os sêres de fealdade, estendendo os bicos amarellos na mesma attitude lenta, no mesmo scismar obtuso, circulam n'um patinhar circumspecto. Quando o nevão é mais duro, os gansos alagados e contentes, em hoste mais cerrada, coxeando todos para o mesmo lado, todos estendendo o pescoço para a mesma direcção, parecem resolver n'uma açodada pressa, um problema de philosophia transcendental. E grasnam, de quando em quando, n'um lamentavel grasnido que freme pelo ar frio até morrer no dorso das sérras, como um grito impotente e desalentado. Imobilisam-se, então, no instincto obscuro da sua forma desgeitosa e abandonada. Um d'elles volta repentinamente o pescoço para a esquerda; e todos os ou-

tros, no mesmo gesto agressivo e desgraçoso, estendem para o mesmo lado os bicos asperos, descansando sobre uma das patas, balouçando-se mais acentuadamente como os velhos e pesados navios. É que no céu plumbeo de novembro, para além dos montes, em pleno infinito, um triangulo immenso de patos bravos viaja. Á frente o chefe rasga o espaço, d'azas bem abertas, na voluptuosidade inconsciente d'essa carreira pelos ares sem fim; e todo o triangulo, obliquando como o chefe, abrindo os lados n'uma perspectiva alinhada, sulca a vastidão n'uma liberdade esplendida, em demanda d'outras paragens. C'á em baixo, junto do montado, em torno do azinheiro, os gansos contemplam n'um assombro as aves libertas que v'õam. Todos a um tempo estremecem, abrem igualmente as azas, de pescoço estendido, silvando n'um silvo estridente e continuo, para acompanhar os seus irmãos selvagens para além das terras e dos rios. É n'um esforço improficuo que nem mesmo as levanta da terra, as creaturas reprovadas, incompletas, apenas podem seguir com um longo olhar atonito os viajantes do céu e o seu grasnido de mágua e de impotencia, fazendo latejar um v'ago sentimento de liberdade adormecida, vibra em ondulações desesperadas, como um adeus sem esperanza e sem futuro.

Depois de passar meia hora á janella do seu terceiro andar, no largo das Olarias, como era já noite fechada, o mimoso poeta acendeu o candieiro de petroleo e sentou-se á meza de trabalho na disposição de continuar o seu poema.

Foi ao levantar do *abat-jour* que viu deante de si aquella creatura amavel, de botas d'elastico e de guarda-chuva, com uma barbicha cinzenta e rala onde a caspa repousava—e de uma remota semilhança com o presidente Kruger. O homem pousou o chapéu alto sobre uma cadeira e sentou-se.

—Queira desculpar—disse elle com voz bem timbrada. Posso garantir-lhe que entrei pela porta como qualquer pessoa que se présa. É de muito mau gosto entrar pela janella. Não ha, no meu acto, nada de sobrenatural. É talvez incorrecto da minha parte o vir procural-o a estas horas — mas estive até agora a decidir um tal Theodoro, um imbecil que não queria tocar uma campainha. Emfim lá o convenci e espero ter feito um feliz. Acabou-se! Ha muito tempo que fazia tenção de conversar comsigo. O senhor... —Como é a sua graça?...

—Antunes...

—Muito gosto... Eu chamo-me Silva, Silva um seu creado. O sr. Antunes interessa-me. Dá-me licença que accenda um cigarro? Disseram-me que era homem de lettras. Parece-me meu caro sr. Antunes, que adoptou uma profissão deploravel. E agora, desde que me encontro a olhar para si e lhe vejo, com satisfação, creia, uma face lisa e sem rugas, quatro pêllos de barba modestissimos e um olhar cheio de vida e de mocidade—ainda mais convencido estou do que tive a honra de lhe dizer. Com essa cara tão prazenteira e esse todo tão futil, o senhor esqueceu-se (e mesmo ainda não teve tempo para isso) de lêr quatro horas por dia durante quatro annos.—Estes cigarros são impossiveis. Foi por isso que lh'os não offereci.—Segue-se que o senhor não tem

bagagem e segundo todas as probabilidades deve ser notavelmente ignorante. Péssima coisa, sr. Antunes, péssima coisa para um homem de letras! Depois o senhor tem pouco mais ou menos vinte annos e vive no largo das Olarias. Quero dizer: o senhor desconhece a vida e não ha para si outros horizontes senão os que póde apprehender da sua janella, entre a esquina do carvoeiro e o logar da hortaliça. É pouco. Se o senhor, sem nunca ter pegado n'um bisturi, se fizesse de repente cirurgião, praticava um crime muito menos importante. Queira desculpar, não tenho o menor intuito de o maguar; pelo contrario. Mas o que é verdade é que o sr. Antunes, com uma penna na mão, póde lembrar com certa propriedade um boieiro que tivesse um tira-linhas entre os dedos e com elle aguilhoasse um *Galante* em vez de traçar limpamente rectas com uma regua e em esquadro. O senhor faz da sua canêta um uso inoportuno e lamentavel. Com effeito o senhor fala de coisas que nunca viu e refere-se a coisas que nunca estudou. É hilariante. Não pode, por consequencia, senão dar impressões em segunda mão — e más, das que se compram a *ferros-velhos*. Como sabe, em litteratura tambem ha *ferros-velhos*. Pois não lhe parece isto?

—Parece. Mas...

—Supplico-lhe que me deixe desenvolver o meu pensamento,—acudiu o homem da barba rãla, n'uma polidez requintada. Já vê que estes reparos ainda teem remedio se o senhor tiver alguma coisa lá dentro. Mas, meu caro sr. Antunes, ha um contratempo infinitamente peor! O senhor não aprecia o historiador illustre que é Narciso de Cantanhede?

—Não aprecio.

—O senhor nem mesmo revêra o magnifico poeta Fabiano de Rosamor?

—Não revêro.

—Mas tem, ao menos, admiração pelo excelso chronista Cesar Castello?

—Nenhuma admiração.

O sr. Silva coçou o queixo phreneticamente e teve uma casquinada de riso que era o gorgorejar d'um perú :

—Gosto d'essa energia. É tola — mas sou o primeiro a apreciar-a. Tiro d'ella illações tremendas. O senhor nunca leu as fabulas de Lafontaine? Provavelmente não saberá francez. Pois meu caro senhor, no seu collega Lafontaine lá encontra o conselho de se amarrar a vide ao olmo para que a vide possa viver e crescer. Ora o senhor, com as suas opiniões, está lamentavelmente desprovido d'olmos. Coisa grave sr. Antunes ! Possue o senhor, ao menos, um junco flexivel por onde lhe seja pratico trepar? Possue amigos nas redacções dos jornaes, que não tenham duvida em chamar-lhe illustre? Não possue. O senhor nem mesmo sabe para onde quer ir ! Receio bem que a vide-Antunes, nunca dê uvas-Antunes... O senhor tem feito versos idiotas aos olhos de Marilia, aos pés de Marilia, ao báço de Marilia... Gosta d'essas miudezas; não é um homem,—é um cortador. Porque não abre um talho? De facto, o cavalheiro não pode fazer outra coisa porque não sabe. Atravéz das suas anatomias metricas, ha uma certa disposição que talvez conviêsse aproveitar. Infelizmente o senhor não aufere mais nada; nem conhecimentos da vida, nem conhecimento dos livros,

nem conhecimentos nos jornaes. É espantosamente sério o seu caso. Não posso, pois, convidal-o a tocar uma campainha. Além d'isso, a repetição de phenomenos semelhantes tornar-se-hia fastidiosa. A minha visita foi, por consequencia, inutil; resta-me agradecer-lhe o prazer sem igual da sua conversa brilhante e assegurar-lhe mais uma vez que não sou nenhuma creação de Spinosa ou de Fichte, vestida nos *Armazens da Beira*. Queira desculpar se fallo n'estes cava-lheiros. São meus amigos. E prometto-lhe tambem, meu caro sr. Antunes, voltar d'aqui a dez annos ao largo das Olarias, para vêr se posso fazer alguma coisa em seu favor. Dez annos não constituem um espaço de tempo muito grande, pelo menos para mim; sou paciente porque sou eterno, segundo a maxima d'um tal Agostinho que, aqui para nós, era um frascario d'alto jaez. Para si, esses dez annos são-lhe indispensaveis. Queira lêr alguns milhares de volumes e meditar sobre elles, padecer um bocadinho e ir entrementes aproveitando a sombra d'alguns olmos. Eu não desejo que uma pessoa tão distincta como o sr. Antunes vá pela vida fóra a fazer a figura que n'este momento, junto do candieiro da esquina, mostra certo animal da minha predilécção. Obsequieia-me muito se não se incommodar emquanto eu desço a escada. É inutil alumiar, eu vejo perfeitamente ás escuras. Boa noite.

Para além da janella o largo das Olarias adormecia triste e deserto, esbatido na penumbra de tres luzes vacilantes. A porta ondulada da mercearia correu com fragôr e o rasgão de claridade intensa que batia nas pedras de basalto, desapareceu de subito. Um policia estacou, tossiu caverno-

samente; o guarda-nocturno ganiu um *lá var* agudo e sumiu-se na sombra, tilintando as chaves. Os mil ruidos da cidade que se deita seguiam-se uns após outros, na modorra, na indiferença dos actos simples que se praticam todos os dias. Por cima o céu era immenso. E de repente—oh maravilha!—junto do candieiro mais distante, emergindo da escuridão, um ganso assomou, baloiçando-se como um velho e pesado navio. E estendeu o longo bico duro, o longo pescoço desgraçoso. O espaço tomou a còr cinzenta e espectral das paysagens de néve, os telhados das Olarias simulavam agora ravinas brancas onde flocos de algodão cahiam mansamente. Para lá d'ó horisonte um triangulo formidavel de patos bravos voava triumphalmente, abrindo a perspectiva dos lados bem alinhados, banhado de puro ar, na gloria sumptuosa do ar livre. Junto do candieiro, na visão phantomatica dos irmãos libertos, a creatura de fealdade e de reprovação silvou o seu silvo gutural, estremeceu, abriu as azas e um grasnido desesperado e agreste cortou os ares socegados, echoou, fremeu e extinguiu-se. Um passo lento na esteira fez voltar-se o homem absorto n'aquella imagem viva da sua vida. O sr. Silva sorria no alisar:

—Sou eu... Sou eu outra vez... Estou realmente confuso! Esqueceu-me o chapéu de chuva... Ora que sumiço!... A qui está elle... Boas noites... boas noites...

ADEUS!

ADEUS!

Calhava no dia seguinte ser domingo e á noite, ao deitar-se, o sr. Moraes resolveu aproveitá-lo para dar um grande passeio. Era um homem de quarenta annos, d'aspecto risinho, patilhas quasi grisalhas, barriga proeminente que lhe merecia especial cuidado, vivendo muito satisfeito, muito sosegado, no egoismo dos solteirões que não reflectem e copiam a sua vida cerebral da vida rudimentar das amœbas. Desde quinze annos, quando entrou para os escriptorios da fabrica de serração a vapor *A Providente*, com instalações no largo do Caldas, alugou o seu quarto n'um predio velho das escadinhas de S. Christovam e passou a comer n'uma casa de pensão na rua da Magdalena. Ás nove horas ia almoçar, atravessava o largo, entrava nos escriptorios; ás quatro regressava ao predio das escadinhas, enfiava as chinnéllas, depois de dobrarmeticulosamente o jaquetão e lia languidamente dois capitulos de Montépin ou de Ponson du Terrail até ás seis, hora em que era certo deante do seu prato de sopa. Depois, até ás dez, pousava na *Havaneza de S. Christovam*, amarrado ao balcão, discutindo politica com vóz grave e gesto circumspecto. Durante esses quinze annos

a *Havaneza* mudára duas vezes de dono e onze creadas haviam sido despedidas da pensão. Não podia explicar porque motivo a barriga se lhe tornava mais espherica e os cabellos lhe branquejavam com insistencia. Attribuia esses contratempos á sua tarefa de carteira, que lhe dava, por vezes, cruciantes cuidados. Tinha uma existencia de mollusco que pudésse sorrir. Era um sabio.

Como vinham agora os dias bonitos, uma visão d'ar e de luz passou pelo granito primordial da sua cupula; fazendo um ligeiro calculo mental concluiu n'um sorriso pasmado que podia aproveitar melhor os seus domingos. Era espantoso que não tivesse tido aquella ideia na mais tempo. Depois, na incerteza do sitio que devia escolher, o sr. Moraes meditou longos minutos. Todos os arrabaldes lhe eram desconhecidos; desde que viera d'Arrayollos não lhe occorrêra ainda a decisão de os visitar. Fôra uma vez a Algés, em 98 ou 99, não se lembrava bem, mas com certeza ainda antes dos electricos. Mas só o trabalho de indagar, de perguntar, de tirar informações, o enchia de suóres frios. E quem sabe? podia aborrecer-se, talvez. Não. O desconhecido é traidor. O melhor seria ainda voltar a Algés. Era um passeio quasi novo. E iria d'electrico.

Pelas duas horas d'esse domingo famoso, já um pouco atordoado pelo vaevem dos carros no Rocio, com a sua gravata de nó feito, em seda azul com pintinhas vermelhas, o seu chapéu de palha, que guardára do anno antecedente, o sr. Moraes trepou, entrou, sentou-se junto d'uma janella. O electrico foi tomado d'assalto; um homem de barbas pretas sentou-se-lhe n'uma coxa e desdobrou um jornal com

um arrôto formidável. Uma creança chorou, na plataforma, entalada entre dois brutamontes. A um apito o carro despe-
gou, rolou, parando a cada instante para receber passagiei-
ros; e descendo, agora, mais rapidamente a rua Augusta,
deslocava um ventinho agradável que refrescava o sr.
Moraes e o fazia pensar vagamente na escuridão abafada do
seu quarto das escadinhas de S. Christovam. Como era agra-
dável tomar ar! Decerto a multidão turbulenta e brutal es-
tragava ligeiramente aquella delicia. Mas que fazer? Elle não
podia tomar um electrico para elle só! Era alhear-se o mais
possivel e respirar o seu dia como melhor pudesse. A ci-
dade tinha aspectos imprevistos. Parecia incrível que elle os
ignorasse. Que estupidez! Pois nas horas da *Havaneza*
podia perfeitamente fazer o seu giro em vez de esmoer, mo-
nótono e paciente como um boi de nóra, as costumadas lu-
cubrações sobre o futuro da patria. E havia jardins! Havia
arvores! Ha que tempos elle não via arvores! E ao passar
pelas placas arrélvadas de Santos o seu desejo foi apear-se,
resvalar pelas áleas modestas, encantar-se n'aquellas vege-
tações magras, abrindo rasgadamente a bocca. Mas uma
curiosidade pela Junqueira deteve-o. Muito bem se lembrava
d'um areal que havia por ali; seria curioso verificar se ainda
lá estava. E depois, sempre lhe appetecêra vêr o rio mais
de perto, sem telhados que lhe tirassem a vista. E suffocou
n'um espanto, n'uma admiração sem fim, para lá de Pe-
drouços, quando, ao atravessar a linha ferrea, encontrou na
sua frente as aguas magestosas, d'um azul tão carinhoso e
tão leve que nem o outro azul mais desmaiado dos espaços
lhe era superior. Tanto azul, santo Deus, tanto azul! Era

immenso aquillo! Era infinito! Atordado pelo ar, piscando lentamente os olhos deslumbrados pelo esplendor d'aquellas claridades, a enterrar os pés indecisos na areia molle, parecia-lhe que recomeçava a nascer, que todo o seu passado no largo do Caldas, na pensão da Magdalena, era um sonho embryonario d'outra existencia que elle decerto nunca vivêra. Bem tola existencia! Urgia acabar com ella. Defronte, a Trafaria scintilava sob o sol.—Que villa será aquella? perguntava elle no seu mudo solilóquio. E com a face enternecida, atirou-lhe um adeus leve, com as pontas dos dedos, encantado com a doçura d'aquelles telhados que refulgiam placidamente debaixo da grande cupula. E o socego, a mansidão, eram tão grandes que elle nem ouvia os gritos das creanças que molhavam os pés na orla da arrebentação ligeira e não attendia aos ditos jocócos de quatro crixeiros em fato de banho que simulavam as graças d'Amphitrite ao pisarem o limo do fundo. Era bom aquillo! Havia de voltar todos os domingos, escolher, talvez, uma profissão d'ar e de liberdade para que pudesse tomar o seu logar nas amplidões sem fim e viver e refflorir como flôr estiolada d'anémona que um passante piedoso tivesse regado. Com todo aquelle scenario, quem não havia de ser poeta! Até os Moraes eram poetas! N'aquelle momento apetecia-lhe qualquer restaurante, perto da praia, no terror inconsciente da pensão da Magdalena, do quarto lóbrego das escadinhas. E resolveu jantar em Algés.

Lentamente, a trautear a *Traviata*, desdobrou o seu guardanapo. Não, decerto não era agradável comer sósinho, e muito menos ali. Faziam-lhe falta uma companheira, um

garoto. Outra ideia que tambem ainda lhe não occorrêra! Seria magnifico. De facto as mulheres falam constantemente, os petizes passam a vida a chorar; devia haver occasiões abominaveis. Mas havia tambem o anverso; ser-lhe-hia grata, com o primeiro balbuciar d'um pimpolho, a certeza consoladora de que as suas ceroulas teriam botões e para sempre estaria emancipado do horrivel cozido da Magdalena, que lhe sabia a petroleo. Que demonio! Excellente passeio que lhe abria o appetite e lhe abria as ideias! Scismára quinze annos, debruçado sobre a sua carteira da *Providente*, todo entregue ás cifras que alinhava, sem encontrar aquillo. E ao descascar um pêro, deliberou casar e vir morar para ali perto, d'onde se pudesse vêr a praia e o azul do rio.

Ao subir para um carro, na ultima turbulencia do regresso, o sr. Moraes quiz á viva força sentar-se n'um banco onde já iam quatro pessoas. E discutiu e protestou, desfazendo-se em desculpas quando lhe ensinaram a lotação do vehiculo. O conductor interveio. De palito na bocca, com um certo ar garoto, eh! eh! o sr. Moraes desceu, esperou na orla do passeio por outro electrico. Justamente n'aquelle instante um typo de calças esfiadas, bigode rijo como cêrdas, com um todo de precóce velhice estampada no rosto, abordou-o:

— Não me engano, não... É o sr. Moraes, d'Arrayollos...

— Sim... sou o Moraes, d'Arroyollos, Mas eu não o conheço.

— Nem admira! Ha vinte annos que me não vê. Sou o Antonio, o Antonio que fazia os recados ao seu pae...

— Mas você era uma creança! Isso pôde lá ser...

— Pois póde. Ao tempo que foi! E olhe que o sr. Moraes também está um velhote bem estragado!

— Parece-lhe isso?

— Se me parece! Toda a gente diria que tem sessenta annos.

O sr. Moraes ficou cheio d'uma grande perturbação. E agarrou-se ao electrico que passava, aturdido, desorientado, balbuciando um *pois estimo vel-o* trémulo e sumido; o outro ficou com a mão no ar. Dentro do carro, acogulado n'um canto, por entre a barulheira do fim de domingo, o sr. Moraes pensava. Velho, elle! Era verdade. Chegara a esquecer-se, não dera por isso. E a face tendida tinha, de facto, envelhecido mais dez annos ainda, flacida e desalentada. Parecia-lhe, agora, carrear toda a tristeza dos homens tristes. Que horror de passeio! Que horror de gente! Ao seu lado um garotão trincava tremôços e pegava as cascas, muito direitas, no chale d'uma velha que ia na frente; no fundo um bebedo gania a plenos pulmões o fado do *Ganga, meus amigos esta vida...* Todo o carro tresandava a réles e a banal. Era um supplicio. Que mal elle fizera em desertar da *Havana de S. Christovam*! Pois se era um velho! Tinha encanto a sua carteira que adormentava, acalentava, sem horisontes, sem esperanças. Nunca ella lhe dissera, em quinze annos, o que o outro bruto lhe declarára ali, na beira do passeio. Nunca mais, nunca mais a largava! Ao chegar á esquina da Betesga, n'uma exclamação de allivio, galgou o

pedaço da rua, trepou as escadinhas, impaciente por se encontrar na sua tóca. Na meia luz indecisa do quarto fechado procurou os phosphoros, accendeu a véla. E sem mesmo tirar o chapéu, correu ao espelho, por de cima da commoda, fazendo incidir a claridade sobre o aço para melhor se ver, se contemplar. Era, com effeito, um velho ! Nunca se tinha visto ! Em quinze annos, ao pentear-se, ao arrochar o nó da gravata, nunca se tinha observado ! Por detraz dos seus traços opádos, enrugados, em volta dos seus olhos mortos, em torno dos seus cabellos brancos, a muito custo, emfim, encontrou, esbatida nos limbos da memoria, a sua cara dos vinte annos, a cara que julgava ter. Que ruina lamentavel, que lamentavel ruina ! Filhos ? Não os veria crescer. Mulher ? Quem o aturaria ? Ainda com a véla na mão, olhando-se fixamente, pensou. Nem mesmo o ar queria nada com elle : o ar era para os nóvos. Elle ficaria para sempre ali, na pensão, nas escadinhas, a alinhar cifras na carteira, mais dez annos, mais quinze annos, o que approvésse a Deus, até que um homem de lunetas lhe constatasse o obito e outros, mais desatentos, mais descuidados, o levassem para a terra evolutiva, tão só na morte como só tinha sido na vida. A primeira lagrima, limpida, enorme, crystalina, escorregou, lenta, pela face do sr. Moraes. Pousou, devagar, o castiçal sobre a commoda. Tinha vivido. Adeus !

MAIS PERTO DO CEU

MAIS PERTO DO CEU

.....

A agulha picava monóticamente a bretanha, n'um isochronismo inconsciente enquanto o dedal roçava cadenciado pela maciêsa do panno. Pela janella aberta sobre a perspectiva dos telhados a perder de vista, entravam baforadas de calor, impellidas mais brandamente quando uma brisa mansa fazia estremecer as cortinas brancas. O canario adormecêra com a cabeça debaixo da aza; de quando em quando um prégão atravessava os ares, subia lento, até á trapeira. E a agulha corria mais atarefada, n'um movimento que fatigava só de vel-o, ciciando mysteriosas melopêas, constante, devorador... *Pico, pico, serenico... Quem te deu tamanho bico...* Devagar, a larga bainha aberta desenrolava-se por entre as alvuras do linho, riscava aneis de serpente, desaparecia por entre o montão de roupas empilhadas sobre o sobrado. A linha escoava-se atravez, puchada pelos dêdos magros, n'um murmurio doce, quasi desmaiante, rangendo ao passar pela unha que vincava a préga, sempre compassado e igual. *Salta a pulga da balança... Dá um pulo e vae a França...* A ponta d'aço, picava sêcca e brusca, com o ponto bri-

lhante e agudo da extremidade scintilando, desaparecendo com a ligeireza graciosa dos peixes voadores que esbóçam o salto pela superficie das aguas, rapidos, deixando apenas um rásto instantaneo, faiscante e metalico. Caminhava apressada — *e as meninas a saltar...* — com toda a coqueteria dos dêdos que a empurravam, n'um trabalho delicado, impaciente, vivaz, com frémitos de febre, humilde, laboriosa, minima, a grande agulha, a incomparavel agulha — *e os cavallos a correr...* — que aliviava as privações dos tristes e na sua mudez gelada tão fundas, tão fortes consolações inspirava aos desherdados. E de subito, n'um refêgo mais duro, depois de ter devorado quasi toda a linha, quebrou n'um estalido imperceptível, exhausta, talvez de tanto correr, no momento em que o pendulo offegante deixava cahir as quatro horas na sua vózinha aguda e agra de relógio esfalfado.

Era para essa mesma noite que o perfil serio e atento, tão loiro e tão serio que parecia despegado d'uma téla de Franz-Halls, — havia promettido a sua duzia de lençoes bordados. No fôgo da obra quasi prompta, sorria de quando em vez, dando um olhar furtivo aquelles telhados da calçada de S. João Nepomuceno, onde a herva crescia anemica nos intervallos das telhas da esteira amouriscada. Em cima da extensa mēsa do córte as grandes rendas de Peniche esperavam, destacando no papel côr de rosa, n'um montão flacido e alvo onde apetecia mergulhar as mãos voluptuosamente. Os linhos pompósos de Guimarães branquejavam mais além, junto da sombra das *granitées* amareladas; as *bretanhas* esparsas, dispostas ao acaso, simula-

vam Suissas minúsculas, cordilheiras de Liliput adormecidas sob a néve, todo o luxo do branco sumptuoso e caro que tanto captivava os pinceis de Fragonard. E ella, curvada agora sobre as taboas, alinhavando n'um gesto largo e seguro, n'uma animação alegre, cantarolava:

*Ribeiros correm aos rios
E os rios correm ao mar...*

D'aquella roupa nova, ainda por servir, escapavam-se fluidos mysteriosos que a entonteciam. Adivinhava-lhe o destino. Era, decerto, para aquella menina torcida e petulante que entrevira na loja, encomendando o seu enxoval. Em breve os linhos ligeiros haviam de resplandecer na meia luz de uma alcova perfumada e discreta, largamente abertos sobre um leito de columnas e de docél — que ella não podia imaginar e que não veria nunca. O mundo era, na realidade, mal feito! — Umas no fausto estridulo das grandezas, imperiosas, dominadoras, altivas, arrastando sedas nos andares nobres, enquanto outras, oprimidas e escravas, guardavam as trapeiras, mais perto do ceu, como ella, seres d'amargura e de lagrimas, especialmente destinados á dôr, trabalhando sempre, crispando os pobres dedos por sobre as maravilhas que as afortunadas compravam com negligencia. Se aquella roupa lhe pertencesse não lhe bastariam oito dias para se faltar d'olhar para ella, sem lhe tocar sequer! Porquê? E que injustiça! Aquellas que menos comprehendiam as simples riquezas do lar, que não sentiam o desejo tocante de comporem por suas proprias mãos o seu enxoval, n'um pudor,

n'um sorriso, e que o mañdavam fazer por creaturas mercenarias,—eram, precisamente, as que a sorte bafejava. Se fosse com ella! Podia ter todo o ouro do mundo que ninguém lhe tiraria o encanto de remecher perpetuamente nas roupas de seu uso, de as fazer peça por peça. Ninguém pode viver socegado e contente sem dar aos objectos que lhe são queridos um boccadinho da sua alma; ha coisas tão intimas que a vida sem ellas seria um exilio. Mas não. Não era com ella! Nem tinha, mesmo, motivo para scismar. Quem muito scisma pouco trabalha. Agarrou na thesoura larga e brilhante para dar um córte indispensavel. E de cabeça pendida sobre o hombro para melhor vêr o effeito que pretendia tirar, recommçou:

Ribeiros correm aos rios

E os rios correm ao mar...

Eram sempre assim! Quem poderia conhecer o fermento dos grandes heroismos e dos grandes sacrificios que ferve, solitario, no fundo dos corações ignorados! E o sonho teimoso volatilizava aspirações, tornando-se tangivel, verdadeiro... Eil-o que subia a escada, o Principe Encantador, palido por ter vindo tão alto, ligeiramente fatigado mas de face aberta e doce. Em volta d'elle havia uma auréola de mocidade—e os seus cabellos eram tão finos que a luz passava atravez. E aquelle senhor, tão moço e tão bello, ajoelhava, erguia os olhos carregados com todo o azul dos mares—e sorria, como sorriem os homens ideaes, os homens que nunca ninguém viu. Murmurava palavras mais deliciosas-

mente embriagantes do que o nectar de Hebé e os seus dêdos afilados, translucidos, fuselados como os d'uma luva nova, verdadeiros dêdos d'uma virgém de Byzancio, tocavam-na de leve, n'uma caricia casta. Ella estremeceu. E d'olhos fechados, embalada pela musica voluptuosa que jorrava dos labios do Principe Encantador, corria agora, como as heroínas de Lamartine, nos atalhos mysteriosos d'uma grande floresta, torcicolando por entre faias magnificas, atapetados pelas folhas doiradas que tombavam constantemente, esvoaçando n'uma graça moribunda. Iam os dois, n'um crepusculo côr d'opala, contemplando as suas duas sombras immensas que o sol agonisante silhouetava com rapidez na pompa da real alcatifa doirada. Uma brisa perpassava fremendo *pizicattos* naservas rasteiras, acompanhando o ramalhar cadenciado dos pinheiros hirsutos que farfalhavam hymnos obscuros n'um largo arpêjo arrepiado e lento. E na hora solémne, quando o grande lume do ceu que os pagãos chamam Venus espreita, trémulo e inquieto, a préce magestosa das coisas que adormecem, entoava uma litania formidavel n'uma paisagem estridente de côres. Era uma symphonia de Beethoven executada n'uma téla de Salvator Rosa. Das negruras secretas onde pululavam anceios sem forma e sem nome, das solidudes profundas, subia a vóz mais velada, mais languida, do Principe Encantador. E sussurrava palavras d'inefavel doçura e promettia a paixão das eternas caricias, a vibração divina dos beijos que não esquecem mais. N'aquelle cicizar que a arrebatava, sentia-se etherea, imponderavel, voando muito alto, como uma grande ave de chiméra, dobrando a sua envergadura poderosa nos extremos limites

do espaço. Elle, a seu lado, voava tambem. E subiam d'estrella em estrella e adejavam de globo em globo, tão alto que haviam perdido a terra de vista, e pairavam, agora, alucinados, no còro retumbante das esferas. E d'uma d'ellas, incendiada e rubra, uma vóz sahia aguda e quebrada, balbuciante, gasta:—*Olha o queijo saloio!* Abriu os olhos, espavorida, como se cahisse d'aquella altura incommensuravel, d'aquelle céu onde já estava quasi instalada. O sol entrava em vagalhões pela trapeira, o prégão fremia ainda em baixo, no ar pesado. Contemplava a thesoura que não largára da mão, n'um gesto sacudido, articulado, como só o teem as bonécas a que se pode dar corda. Em volta as cordilheiras de Liliput continuavam adormecidas sob a néve; e na ponta da mesa as agulhas esparsas esperavam immoveis, brilhando... *Pico, pico, serenico, quem tem te deu tamanho bico...*

Os dedos longos passavam, agora, lentamente pela face, a dissipar os ultimos vestigios da chiméra. Depois a expressão de coragem e de tenacidade reapareceu dura e teimosa. Os sonhos o que são? O que são os sonhos? O grande azul não é de toda a gente e estas viagens de espirito, custam, ás vezes, tão caras como as outras que se fazem no conforto das *cabines*. *Pico... pico...* Mais depressa, sempre, sempre mais depressa... A agulha recomeçou com mais afan, com redobrada vivacidade, — *salta a pulga da balança...* — na alegria do bom sonho que Deus havia mandado. E enquanto ella corria, louca, o perfil de Franz-Halls, entre os linhos pomposos de Guimarães, as *granitées* amarellas, as *bretanhas* desdobradas que simulavam Suissas mi-

nusculas, dobrou a cabeça mais attentamente e com vóz fatigada e plangente que lembrava a outra vózinha anêmica e esfalfada do seu pendulo,—concluiu, afinal, a quadra :

*Quem nasceu para ser pobre
Não lhe vale o trabalhar...*

.....

AS MÃOS POSTAS

AS MÃOS POSTAS

Como tinha a Fé que ampara e a Graça a banhava de fluidos aplacadores, ao encontrar-se sósinha na vida, depois da morte da pequenina, olhou em roda de si. Os homens eram indiferentes, a vida negra e vasia. Não havia já claustros onde pudesse refugiar-se como um ser morto que ainda vivesse; por toda a parte a piedade era sêcca e estéril. Foi tomando o habito de emmudecer inerte e sem pensamento na meia luz das naves, vagueando pelos transéptos como um corpo sem alma, engorgitando devagar o veneno subtil das longas horas sobre a frialdade das láges, absorva n'uma préce sem néxo que de dia para dia se libertava dos limbos pesados da materia, espiritualizando-se n'um anseio immenso de renúncia e de extincção. E rojava, agora, o corpo humilde por entre o povo innumeravel dos martyres silenciosos, graves nas prégas dos mantos hieraticos que um sôpro de prophecia parece agitar constantemente.

Os divinos não tinham tido nunca uma palavra, um gesto, um bater de palpebras compadecidas. As horas interminaveis de supplica não tinham animado nunca n'uma fugitiva coloração, a face descórada, impassivel da Mãe dos

Homens, o Menino era surdo a todas as litanias e a sua filha dormia na terra, esquecida de todos, ignorada de Deus. Toda a cohorte incontável dos santos se fechava no sorriso enigmático das suas boccas pintadas, nenhum promettera acolher no Paraíso christão a alma nova e incerta que chegava. E todos tinham sido grandes, todos haviam soffrido, conquistado o céu no supplicio dos circos romanos, na abstinencia agreste dos longos desertos da Thebaida. Para elles subia atravez dos seculos o côro maguado da miseria terrestre, gerações sobre gerações tinham impetrado entre lagrimas e gritos sem que as suas almas imperturbaveis, errando pelos campos Elyseos, se commovessem. Era, realmente, preciso que a sua Fé alucinada se enclavinhasse com desespero na pompa dos ritos, para poder encontrar n'elles a consolação suprema que a vida lhe tinha negado. Correndo, agora, pela sombra das egrejas impregnando-se de luz cinzenta que tombava, com arrepios, das cupulas ou dos tympanos, tropeçando na multidão tristonha que procurava a força na maior de todas as illusões, sentia lentamente fugir-lhe, depois d'aquella morte angustiosa, o estímulo da esperança que é o derradeiro refugio dos malavindos.

Na tarefa immensa das mãos postas, n'uma supplica sem limite, nascia-lhe, devagar, a convicção da tremenda injustiça das fatalidades. Porque lhe levava o Deus de misericórdia a filha das suas entranhas que era a unica alegria da sua vida, a solitaria flor do seu jardim de projectos? Aquella desigualdade desvairava-a, trazia-lhe aos labios o desejo de blasphemar. E animou-a a idéa repentina de que Deus não estava ali, Deus nunca ali tinha estado, n'aquellas egrejas

onde se amontoava o rebanho humano e onde era feito á semelhança dos homens,—interesseiro e ávido. Os sacerdotes christãos tinham aperfeiçoado e corrigido o Deus taciturno da Bíblia, tropejante sempre iracundo e formidável do cimo dos cabêços desolados do Horêb ou do Sinai, atirando os Philisteus para os pomares d'Engaddi, os Amalecitas para as campinas ridentes da Samaria, logo que uma villa o desconhecia, queimando myrra em torno dos altares de Baal. Era Jehovah, o velho Jehovah do Exodo, aquelle ancião em nome de quem falavam os padres, apenas rejuvenescido por uma camada fina de bondade, que nem era, mesmo a bondade divina — porque era a bondade humana vista através do sobrenatural; era uma divindade de troca que remia peccados quando lhe davam oiro e condescendia em proteger quando lhe recitavam palavras sem significação. E se Elle era a infinita bondade, se era a misericórdia infinita, —porque motivo o terror do inferno, a ameaça do inferno para os máus, para os sacrilegos? Ou esses sitios pavorosos de dôr e de fôgo esperavam ainda o primeiro damnado e ninguem seria o primeiro, ou então tinha limites a sua ternura e no gesto que repudiava os réprobos havia hostilidades e selecções. Eis a piedade por terra! E era junto d'aquelle Deus que ella se refugiava da mágua sem remédio! Que inutil clamor de miseria! Que espantosa inutilidade a d'aquella préce!

E todavia Deus existia, retumbante, terrível, sem limites e era bem diverso do Deus que havia feito jorrar a agua d'uma rocha arida e derrubára, com o raio, os templos de Gog e de Magog, porque era o Deus que desenhava tri-

liões de nervuras em biliões de folhas e nunca se repetia através da formidável e immensa natureza. Era o Deus que não seguia nem demarcava os destinos dos homens porque estava muito alto e muito longe d'elles — mas que os julgava apenas, dando-lhes a dôr e o soluço para se depurarem. A esse Deus podia ella pedir pela sua filha porque Elle a tinha tomado no seio caridoso da terra e a chamára para junto de si, a collaborar na taréfa sem fim, na taréfa que não terminará jámais. E talvez que ella fosse, agora, sardinheira rubra de jardim, ramo esguio de tilia, espuma argentea de vágua ou luz inquieta d'algum planeta longinquo. Sim! As mãos postas! As mãos eternamente postas — mas no cimo dos montes, em face do céu azul, em face do mar azul, no vento que perpassa, na luz que innunda, perante o grande templo, o incommensuravel templo da natureza! E o grande esforço, o sublime esforço não era solicitar Deus,—era conhecê-lo, constatar a immarcessivel variedade das suas manifestações até ao ponto em que o homem esbárrea, detido pela barreira intransponivel da Causa Primaria. Para o outro, o das egrejas, era inutil a préce, a oração chegava a ser uma impiedade porque os labios que murmuram com fervor *creio, creio, creio*, não conseguiam abafar nunca a vóz obscura, sumida, torturada, que vive nas profundidades do nosso ser e que, essa, não acredita nunca e constantemente põe em duvida a divindade palpavel, boiando sem cessar entre as decisões da logica e as aspirações da alma. Só n'aquelle, no Eleito, havia refugio e serenidade. Para elle as mãos postas! Para elle a supplica! Era preciso conhecê-lo através da vida, através dos poetas, no mysterio

único da fecundação das coisas, livre de toda a liturgia, isento de toda a pompa. Ah! O Creador nu, o Creador sem véus, o Creador irreductivel! Era esse! Era esse!

E que seria, com effeito, aquella entidade suprema, intangível, obscura, aureolada pelo clamor da miseria humana, sempre muda e sempre mysteriosa? Dize! Dize quem és! Quem pudéra ligurar o Auctor que na Manhã Inicial suspendeu os sóes que rolavam silenciosamente nas vastidões do infinito e arrancára as mais fulgentes auróras d'aquella tréva sem fim, rasgada subitamente por um gesto, uma palavra um grito, echoando de estrella em estrella, ricochetando d'astro em astro pelas abobadas retumbantes! E Elle, formidável, amassára n'essa Aurora a vida e o amor, creára os microsmos e as nebulosas, florira as papoilas de sangue gerára os zangãos que zumbem em torno dos cortiços, formára as *joanninhas* que rastejam tão longe dos mundos inacessíveis. E o jorro perenne das venturas simples correrá ao seu mandato, nascendo da luz sem igual, carreando a tristeza, a dôr, o esquecimento, a morte e a saudade. Nos crepusculos, quentes, na *hossanah* das espheras do fogo, no panorama immenso dos Universos, sempre Elle ligára por um tenue laço o Sonho e a Realidade e logo tinha posto lagrimas e fé nas almas torturadas e logo tinha dado um sussurro lento ás aguas dos ribeiros, atirando olencias ás mancheias por sobre a eterna e impassivel natureza que se agitava continuamente n'um murmúrio de réza para que sempre, desde a primeira manhã á derradeira tarde, os cantos á sua grandeza tivessem Perfume e tivessem Harmonia os hymnos ao seu poder! Dize! Dize quem és! Como podia Elle

ser o Ancião da Biblia, envolto n'uma alva tunica de linho de longas barbas nevadas, sustentando na mão o globo minuscuro dos humanos, reduzido á estatura d'homem, com paixões de ser que freme, com alegrias de creatura que soffre, protegendo, premiando, castigando, Elle que era tão formidavel, tão inacessivel que escapava á analyse dos philosophos e não se revelava nunca á piedade dos crentes! Oh! Dize! Quem pudéra definir o Creador que era a Suprema Razão de tudo quanto existe, a força insatisfeita, o bello inexprimivel, o amor imaterial, passivo, doce, mysterioso, o mais logico motivo de tudo quanto vive, que era, talvez, luz morticã d'estrella ou coroa de amarguras, uma alegria, uma dor, um grito de tortura ou um sonho de poeta. Deus era, sem duvida, o aneio que não tem fórma nunca e nunca é perfeição, era o desejo de chegar á méta ignorada, a vaga necessidade de abrir os corações largos e vivia torvelinhando na amargura cinzenta dos desiludidos que se lamentam e soffrem e choram e rugem porque teem dentro de si a dôr que roe o Fausto e nunca a sentem diminuida ou aplacada. Os extasis suprêmos que se envolvem n'um beijo, as boccas, que gravitam em torno d'outras boccas, eram pedaços de Deus, porque elle estava incognoscivel, todo azul, todo luminoso, todo diaphano n'um sorriso d'Alma viva ou n'um grito de D. João; era exclamação d'horror e era suspiro d'alegria, era o abysmo das coisas vagas, incertas e sem nome, era o mysterio de nascer e o mysterio de morrer, o vento que agita a fronte inquieta dos pinhaes, a onda que lambe a margem pedregosa e geme eternamente e eternamente geme, formidavel Creador, Creador

sem fim no Espaço, Creador sem fim no Tempo, que róla poderosamente nas nebulosas d'além, voeja nas folhas que a aragem desprende do seu tronco e paira branco e formoso n'aquellas nuvens de sonho que vão pelo azul a correr, a correr ao assalto dos ceus... Oh! Dize! Dize quem és!...

OS LUSIADAS

OS LUSIADAS

O corneteiro de dia tocou a alvorada e depois, logo immediatamente, ao café. O silencio pesado dos largos corredores cimentados onde o passo lento das sentinellas esmorecia na modôrra invencivel da madrugada, no cahir repentino das corônhas que se escapam dos dèdos,—ia a pouco e pouco recuando deante dos rumores que tomavam corpo e invadiam. No portão, o homem do posto bradou ás armas; a guarda de policia formou. O official de serviço surgiu, arripiado, estremunhado, afivelando melhor o cinturão lasso, trazendo ainda entalado no cotovelo o livro de Haggard com que bocejou toda a noite. Pelas companhias os cabos de dia acordam a murros agridoces os retardarios que não abandonam facilmente o calor dos lençoes. Travam-se os dialogos; os palavrões surgem, asperos como calháus, no primeiro mau humor do ar fino e penetrante. As fachinas lentas e rebarbativas, descem a escada de ferro, em direcção á cosinha, a buscar o café nas cantinas de folha, já maculadas e amolgadas. Lá em baixo, deante dos homens formados, o alferes, muito sêcco, muito empertigado sem largar o seu Haggard, bérria pelo cabo de dia á ter-

ceira, acumula os toques uns após outros, responde ao sargento de serviço, investigando de relance a distribuição velhaca dos rancheiros. A um gesto a fanfarra estridente de formar companhias resoa e a azafama nos corredores, ha pouco placidos, sóbe de ponto; uma agitação buliçosa; desacostumada, faz rodopiar os homens na claridade indecisa da manhã que nasce. A vóz de mil soldados, escoando-se das casernas, transmuda-se a distancia n'um grande sôpro onde ha um pouco do zumbir das abelhas e o rumorejar das vagas quebrando na falasia. O telegraphista de serviço, esfregando os olhos, entrega um ou dois telegrammas. Seis varredôres, sob a direcção do cabo da limpeza, levantam nuvens de pó. E varrem nervosamente na mesma anciedade sacudida de todos os outros, porque alguma coisa grave páira no ambiente e revoluciona a calma habitual do serviço da caserna. Com effeito, n'aquella manhã, o batalhão ia partir para França.

Na caserna da oitava o sol nascente entrava a flux pelas onze janellas rasgadas para léste, enrubescendo d'esguêlha as faces vagamente pensativas dos homens. O café tomado em volta da grande meza, tem, d'esta vez, recolhimento. É uma das ultimas refeições em terra portugueza e nas almas rudes que se não detêem a analisar sensações sentimentaes da gente culta, alguma cousa, todavia, se infiltra devagar e dá a todos os rostos uma gravidade risonha. Apesar das prelecções do sargento, das conferencias do capitão, a Patria fôra sempre uma ideia abstracta, vagamente comprehendida, definida antes por vestigios de phrases que o tédio das longas horas de instrucção havia feito

gravar nos entendimentos obscurecidos. Mas agora, n'aquella primeira hora do Desconhecido, atravez da indifferença placida d'um paiz inteiro, a Patria surgia para os que partiam — apenas para os que partiam. Era uma coisa enternecedora e grande que fazia pensar n'um longo e indeciso sonho as almas humildes. Por isso o café se arrastava sem que uma palavra do cabo de dia apressasse a refeição silenciosa. E emborcando o copo do cantil para sorver as ultimas gotas, um dos homens murmurou n'um suspiro:

—Ai! Portugal! Portugal...

Com o correr dos minutos, passando atravez da guarda de policia, onde o sargento fechava os olhos n'uma piedade commovida, o povo negro, innumeravel das mãos entrava timidamente nas casernas, n'um assombro, n'um espanto silencioso. Em cada cátre dois hombros vergados tremiam convulsivamente por debaixo d'um chale escuro; e havia mãos crispando, n'um desespero, os dedos sobre as fardetas cinzentas. Nos cantos de mais socêgo, procurando alhear-se de toda a agitação fervente, outras abriam os saccoes de retalhos, envolviam as pobres roupas n'uma grande dôr afflictiva, como se mecher n'ellas fosse ainda tocar no filho. E em todos, as mãos piedosas deixavam, no fundo mais remoto, um nada, uma bugiganga que lembrava a terra, a casa, as tristes velhinhas d'olhos marejados que sem cessar agonisam á espera... Filho, é para te não esqueceres de mim... Guarda!... E era o muringue em barro d'Extremôz, bojudo, inutil, incommodativo dentro do sacco exiguo, um quarto de queijo da Serra, uma medalha da Senhora do Rosario, comprada n'aquella tarde festiva do cyrio

d'Atalaya, duas grossas laranjas de Setubal, meia caixa de figos sêccos de Faro... Ai! Portugal! Portugal... Guarda, filho, guarda... É para te não esqueceres de mim!... E as mãos emmudeciam, com os olhos largos, dilatados, povoados já por visões d'Oceano e por visões de Guerra. Um conselho cahia lento; depois, novo silencio prenhe de reflexões, de gritos d'angustia suffocada. E elles, os Lusíadas, sorriam n'um grande sorriso franco, estupefactos ainda por toda aquella azáfama que os levava de roldão para além dos mares, para além das terras de que só ultimamente tinham ouvido falar, e onde estavam, nas dobras da bandeira, a honra e o brio d'uma nação. A Patria existia pois. Sentiam-n'a bem agora—, ouvindo as derradeiras noticias da terra, as novas do José que não poudo vir porque tinha perdido o comboio d'Al-dêgalega, do avô paralytico que perguntava a toda a gente onde era a França, do Antonio, abegão que ruminava como os seus bois, recolhendo todas as tardes ao curral da quinta da Pimentinha. Ai! Portugal! Portugal... E os sós, aquelles que não tinham ninguem junto de si na hora suprema, refugiavam-se nos vãos das janellas, escreviam laboriosamente longas cartas inhabeis onde havia despedidas e saudades, olhando de quando em quanto, n'um lento scismar, os montes imutaveis da Outra-Banda, como já os tinham olhado, seculos antes, os rudes avós que foram á India, no momento de navegarem nas caravéllas de Bartholomeu e de Pero. Quanta saudade haviam recolhido aquelles montes severos, esmaltados de fachadas brancas onde o sol incendiava as vidraças n'um triumpho purpurino e magestoso! Ai! Portugal! Portugal...

Mas a luz ia já intensa; tinham vindo ordens de cima — e era necessario limpar o quartel de toda aquella gente. E, devagar, os vultos negros iam sahindo, levados com brandura pelas praças de serviço, deixando a alma em gritos, em gottas de pranto crystalisadas em expressões d'amargura — Ai! Portugal! Portugal... — tão intensa, tão formidavel que as parêdes pareciam vibrar d'angustia. E bruscamente o terno tocou a formar. Cessava a vida individual para começar, sabia Deus até quando, a vida collectiva. Os homens saltaram sobre as mochilas, n'um relance as secções alinharam na confusão da chamada por entre as ordens breves dos subalternos. Numerar! Depois tocou a guias; do flanco direito os segundos marcharam e á ultima fanfarra d'avançar os sargentos estenderam os anneis para a parada. Debaixo do sol a columna em massa, esperou uns momentos. Os metaes da banda esfusiaram as notas estridentes do hymno, uma haste brunida perpassou arrastando duas côres que esvoaçavam, — Ai! Portugal! Portugal... — os homens sem armas permaneceram firmes. E uma voz clara, imperiosa, marcou o principio da Lusiada moderna, vincada nos juizos incógnitos de Deus:

—Ordinario! Marche!

Uns após outros os pelotões desfilavam á vontade; na porta das armas a guarda formou e lentamente a testa da columna coleante principiou a sahir do portão do quartel. Na rua limpa de gente, as calhas dos electricos scintilavam, a multidão negra enfileirava pelo passeio fóra, muda, espectante. Quando elles surgiam, marchando na cadencia dos corneteiros, a muralha escura redemoinhou, perdeu a

sua gravidade sombria, fragmentou-se instantaneamente, invadindo as fileiras de quatro. Sob o céu azul a dôr vibrava, subia hirta, fremente. Não te esqueças de mim meu filho! Adeus... adeus! Saudades do Manuel! Invencivelmente, irresistivelmente um dos homens parou em frente d'uma pobre mulher e abrindo as mãos, pousando-lhe os dedos lentos nas fontes grisalhas, fitou-a immensamente, enchendo-se d'ella como para toda uma eternidade; e beijou-a na testa, sobre o lenço que lhe escorregára para o pescoço enquanto ella soluçando gritos entrecortados no hombro do filho, agarrando-o pela cintura, deixava as mãos perderem-se-lhe na rudeza da mészcla. Adeus... Adeus... — E com a ponta do chale brunia-lhe a fivêla do cinturão, tropeçando nas pedras para o seguir ainda uns momentos, incerta na marcha, já misturada com as caras tostadas e abertas que riam agora n'uma indiferença soberba, magnificas despreocupadas. Um côxo de barbas brancas acompanhava, pulando grotescamente sobre as mulêtas para manter o passo rapido; e das barbas sujas tombavam palavras d'esperança, de prophécia... Depressa! Baterem-se bem, voltarem depressa! A Patria não esquece e aqui fica, ignorada, humilde mas sempre viva, refugiada no coração das mães, latejando soffrendo, imarcessivel, eterna. As mães portuguezas não teem feito outra coisa senão chorar atravez da Historia... Ai! Portugal! Portugal... Depressa! Cá ficam a tranquillidade amarga do dever cumprido o sonho radioso do regresso. E terão ainda sombra as velhas arvores e placido subirá ainda o fumo nas lareiras, um dia, mais tarde, quando elles voltarem á terra abençoada des avós, onde as campi-

nas murmuram devagar e onde as sérras contemplam de longe. Vamos! Ainda da esquina um ultimo olhar para o quartel vazio, a flôr d'uma saudade para os sitios onde a vida escorregava mais corredia, mais ligeira. Ali está elle, negramente solitario, o velho casarão amarello. Desertas as casernas, desertos os largos corredores. Um cão dorme estendido na parada, regalado na caricia do sol já quente. No plátano do canto todas as folhas pependiculam mysteriosamente. Uma vês pa passou, zumbiu. E n'uma cadencia rithmada, um frémito quasi extincto trilou grave e fresco: — Ai! Por-tu-gal!... Por-tu-gal...

"PARIS NO SALITRE,,

‘PARIS NO SALITRE,,

Quando se casaram, reunindo as suas economias, acharam no fundo da gavêta duzentos e cincoenta escudos. A vida era dura, o logar no escriptorio uma torturante miseria. Á força d'espreitarem a occasião propicia, tinham notado que só quem vendia levantava a cabeça. O Balthazar, que tinha começado com aquella immensa maroteira das seis saccas de farinha adulterada, em menos de dois annos vira crescêr os seus recursos e agora já rolava d'automovei e comprava, para a mulher, péles de gente rica. Elle para a malandrice não tinha geito, que para essas gatunices proveitosas era neccessario um fâro especial e ter compadres que aplanem relutancias.—mas ainda ha gente que chega pelo trabalho. De facto, com duas centenas d'escudos, não se podia ir muito longe, mas antes tentar alguma coisa do que principiar a comer d'elles na inquietação sempre crescente de os ver terminados. De forma que no fim de quinze dias, ainda no enlêvo da lua de mel, ruminando lentamente o mesmo projecto, palidos d'emmoção por aquelle immenso golpe a jogar, aproveitando o rez-do-chão terreo em que

moravam na esquina do Salitre, resolveram transformar-se em capellistas.

Era sério. O mudar da janella de peito em montra, o arranjo do balcão, o collocar da tabolêta de folha pintada que guinchava lugubrememente quando o vento a batia, foram factos lentos, maduramente pensados que os faziam apertarem-se as mãos n'um terror d'insuccesso, no receio pungente do naufragio das suas economias. Ella era ousada e tinha fé; d'elle debatia-se constantemente na incerteza d'aquelle negocio modesto. E sempre, enquanto duraram as obras, refugiados nas trazéiras da casa, agora que a salêta do diante era a loja, cada martelada do carpinteiro indifferente que pregava vigas parecia bater-lhe nos corações alterados, como um rebate, como um aviso da Providencia. E empallideciam. A sua ternura parecia tornar-se mais intima e mais intensa desde que entre ambos havia uma esperança diluida em indecisão. Todas as noites, ao sahir do carpinteiro, calafetando-se, iam, de véla na mão, verificar os progressos da obra, constatar o arranjo das prateleiras, resolver sobre a colocação das bugigangas. Entremeavam, então, os planos com beijos longos com que mutuamente se fortaleciam, sorrindo-se. Dormiam mal; noite alta trocavam reflexões; era uma obsessão. Depois, um dia, por fim, a porta abriu-se de par em par, convidativa, os taipaes do mostruario foram tirados e pendurou-se a taboleta onde em letras azues faiscava «Paris no Salitre». Lá dentro, mudos d'emmoção, os dois olhavam-se perdidamente.

Para a inauguração, já de vespera tinham disposto a *zizine* esguia. Tornava-se necessario attrahir a olhar indiffe-

rente dos transeuntes. Aquelle arranjo fôra um modelo de paciência ingenua e laboriosa. Sobre o fundo forrado a papel côr de rosa os rôlos de elastico para ligas alinhavam as suas côres vivas, amparando uma fiada de caixas *surpresa*, a vintem, onde havia *drops* pintalgados. Duas imagens d'Épinal bamboleavam-se no vento canalisado pelas frinchas, cercando um bilhete postal onde uma castellã loira acariciava pensativamente um grande gálgo branco; no fundo pendiam, hirtos, atacadôres para botas, alternando o preto e o amarello, cortados de quando em quando por uma peça de nastro largo. Um côrte de *nansuk* desdobrava prégas côr d'açafrão, esparsas com negligencia estudada sobre uma blusa feita, bem estendida sobre o cabide inclinado, offerecendo os seus braços de panno, ligeiramente enfolada no seio, como um barco de quilha voltada para o ar. Um lapis baloiçando-se n'uma ponta de retróz supportava um letreiro: *Os verdadeiros lapis de Johann Faber. Vendem-se aqui.* Os botões de madrepêrola atapetavam as prateleiras, faiscando sobre o papel prateado. E dos quatro pinazios do vidro, passando por argolas seguras no tecto da montra, litas de *liberty* cruzavam-se em todos os sentidos, sustentando no espaço um anjinho de papelão, muito rosado, muito gordo, tendo escripta á mão, em semi-circulo, em volta do umbigo, a legenda: *Sempre novidades!* A etalagem do «Paris no Salitre» abria um rasgão de claridade vehemente na rua escura. Da hombreira da porta as setinêtas, cahindo em catadupa, abafavam a entrada, pendidas quasi até ao passeio, enfunadas como vélas pela brisa lêve. De longe a fachada da capella parecia uma grande flôr de pétalas côr de rosa; de dentro vinha

um cheiro violento a batido. As parêdes desapareciam sob a profusão dos aventaes feitos que semilhavam latinos d'escuna, de ceroulas de panno cru, estateladas como cruces de Santo André; na cimalha, em redor da casa, pendulando á minima corrente d'ar, os pares de chinellos de trança sara-pintavam as taboas do tecto; uma grande bola de vidro vermelho scintilava na meia luz que lhe incidia. Sobre o balcão um rôle de papel d'embrulho aguardava: e por detraz d'elle os dois, de pé, espécados, esperavam a clientela—tão comovidos como se jogassem a sua felicidade.

Era sympathico aquelle casal. Talvez por isso, na primeira noite, o «Paris no Salitre» fechou sem que ninguem lá tivesse entrado. Uma tristêza lugubre envolveu-os. Na luz crúa do bico de gás os pannos brancos pareciam mortalhas, as mortalhas em que o seu negocio ia a enterrar por bocados. Elles, silenciosos, cruzavam os braços. E na manhã seguinte, logo pelas oito horas, tão depressa a porta abriu, de novo se encostaram ao balcão, attentos, mudos, á espera. Nada. Os dias, agora, corriam lentos e desesperados; ninguem comprava no «Paris no Salitre». Ao descer da calçada, uma ou outra vez, qualquer velhota do sitio, de lenço e cabaz, parava a apalpar as setinêtas, gesticulava lentamente e seguia o seu caminho. Por detraz dos vidros da *vitrine* elles seguiam-lhe os movimentos, palpitantes, anciosos. Em certa occasião uma ia a entrar; ambos se precipitaram. Mas a mulher mudou certamente d'ideia — e continuou subindo a rua. Aquillo ia mal. E attribuiam aquelle desprendimento dos outros á sua exposição que talvez não fosse muito propria para atrahir. Todas as noites revolucionavam o mostrador

com gestos febris. Os elasticos de liga, os botões de madreperola tinham successivamente occupado os quatro cantos da prateleira. Já o anjinho que trazia a legenda em volta do umbigo se quebrava nos cantos de papelão, maculado já pelas moscas vagabundas. E sempre, sobre as pobres riquezas, a mesma blusa feita estendia teimosamente os seus braços de panno. As indicações multiplicavam-se; por toda a parte os lettreiros annunciavam as ultimas novidades, os mais espantosos preços. Os bocadinhos de cartolina onde elle, de tarde, desenhava a verde as letras que compunham a indicação, oscilavam devagar parecendo sacudir uma tristeza infinita. *Preços convidativos! O melhor! O mais barato!* E não havia ninguem que comprasse! Pois era possível aquillo? Nem uma caixa de phosphoros! Nunca se tinha visto uma coisa assim! Ah! o Balthazar com as suas ladroeiras, a sua farinha roubada — ali estava um que tinha tido sorte! E elles? Ali estavam perpetuamente a remechar nos seus aventaes de panno cru, compondo sem cessar as filas d'atacadôres, cada vez mais cheios d'angustia, com os seus miseraveis duzentos escudos transmudados em mercadorias que ninguem adquiria. Mundo mal feito! Mundo mal feito... E ella em cada hora sentia fugir-lhe mais a fé emquanto elle, com os dedos trémulos, acarinhava distrahidamente o gato que ronronava todo o dia em cima do balcão, desdenhoso e placido. O «Paris no Salitre» adormecia solitario, vasio. E os dois, sempre de pé, sempre encostados ao balcão, sentindo vagamente que o seu unico triumpho era a tenacidade, — agonisavam.

Finham passado oito dias sobre o da abertura. Ninguem.

Havia, por vezes, gente que se detinha deante da montra — mas era raro. Nem mesmo já espreitavam, anhelantes. Para quê? E olhavam-se agora sombriamente, refugiando-se mais na sua ternura, sentindo-se tão sós no mundo que forçosamente se deviam completar um pelo outro. Pois paciência! Outra coisa haviam de tentar; não se morre de fome tão facilmente como se imagina. Elle não podia ir buscar por um braço as pessoas que passavam, forçal-as a negocio... Mas eram palavras que soavam falso. O melhor era teimar. E demoravam-se em arranjos engenhosos, sentindo muito subtilmente que era indispensavel forçar a sympathia dos hostis e acolher com sorrisos a indifferença dos neutros. Todavia as setinêtas esfiavam e os aventaes já não tinham a frescura das coisas novas, — mas tudo estava em reclamar; a publicidade era a alma da venda; elles haviam de cançar a adversidade. Havia gente que passava por ali todos os dias, o namoro da menina da esquina; o doutor Antunes que morava na escada ao lado... Que diabo! Talvez estas creaturas tivessem um dia neccessidade urgente de meio metro d'elastico ou de um collarinho de *piqué*...

Agora era ella que não arredava pé do balcão, da hombreira da porta, pesquisando a rua. Elle, nas trazeiras da casa, sentado no vão d'uma janella, defronte da meza, na ideia fixa da *reclame*, desenhava letras laboriosamente, tentando desenhos, phantasias que chamassem a attenção. Era quasi noite. Na claridade escassa da luz que ia tombando, justamente tentava um novo: *A ultima moda*. E ia a principiar o risco do M, quando ella appareceu junto da cadeira, pallida, incerta...

—Luiz! Oh! Luiz...

Elle ergueu-se de repente, assustado; tremulo:

—Então?... Que foi?...

—Vendi...

—O quê! Vendeste!... Tu vendeste Genoveva:

Sem poder falar, quebrada de emoção, fez um gesto affirmativo.

—O que vendeste?... A quem foi?...

—Dois pares de meias... Não sei a quem... Uma mulher que passava... Vendi! Vendi!

Estavam os dois, offegantes, defronte um do outro, olhando-se muito palidos. A sua loja! Uma lagrima vagarosa rolou. Um grande sonho de felicidade envolveu, lento, o «Paris no Salitre». Deixaram-se ir n'um abraço, crispando os dedos, soluçando. A sua loja! Uma brisa sussurrou ligeira. E todas as setinêtas ondearam alegremente, n'um triumpho!

MAMĂ !

MAMÃ!

Depois do fechar da loja, ao bater á porta do seu rez-do-chão na rua da Éra, uma comadre que evidentemente o esperava debruçada na janela do primeiro andar, berrou para baixo com ar de mysterio:

— Não está lá ninguém!

O rapaz não percebeu. Teriam ido á tenda; não era, decerto, a melhor hora, quando elle voltava para casa, estafado, com vontade ás sopas. Mas enfim... E retorquiu:

— Bem. Eu espero...

Os olhos da comadre faiscaram de jubilo:

— Ná! Não é nada d'isso, — declarou ella. — Eu tenho aqui a chave para lhe dar. O pequeno está lá dentro... Tem-se farto de berrar, coitadinho...

— Então a minha mãe?

A hedionda velha teve um risinho sêcco, fez estalar os ossos dos dedos, n'um gesto de pássaro que bate as azas...

~~Ho-~~ Foi-se...

— Quê? Que está vocemecê a dizer? Vênha cá abaixo! Dê cá a chave!

Ao recebê-la, com a mão a tremer, inquireu:

—Diga lá sr.^a Isabel... Então que foi isto?

A sr.^a Isabel sabia pouco. Haviam de ser quatro horas, a mãe do sr. José tinha-a chamado para lhe dar a chave. Que se ia embora, que não estava para mais. Os outros que se arranjassem... Ella, que sabia do mundo, até lhe tinha dito, até lhe tinha aconselhado que não fizesse aquillo. Pois então ia deixar o pequenito quasi de mamma! Ora! Foi prégar no deserto! E logo ali disse que não voltava! Desgraças d'este mundo... Ali havia homem...

—Bem, bem, sr.^a Isabel... obrigado... Eu cá me arranjo...

Ao achar-se só, depois de ter empurrado para fóra da porta a velha que se desfazia em commentarios, deixou-se cahir sobre a cadelra da entrada, aniquilado. Dentro o irmão vagia. E aquella desgraça que lhe cahia assim em cima, fulminante, inesperada, punha-o atordoado. Bem lh'o dizia o coração. A mãe já não era a mesma nos ultimos dias: fugira-lhe a tenacidade, gritava por tudo, o pequeno ficava horas inteiras com as roupas encharcadas, á noite o jantar era posto na mesa aos repelões, n'um mau humor evidente. Elle, apesar de ter o tempo todo prêso, todo o dia na loja a moirejar com teimosia, já nos ultimos tempos não chegava a casa sem um aperto na alma, ao saber que lhe ia ouvir os gritos, aturar-lhe os maus modos, como se fóra elle que tivesse a culpa da vida ser tão dura. E agora, tinha partido para o desconhecido, para outro inferno peor sem duvida, esquecida dos filhos, tão ingrata, tão pouco mãe, que nem mesmo lhe dissêra adeus. Havia n'este mundo creaturas assim?

Como iria elle arranjar aquillo! O pequeno gritava no berço, roxo, quasi suffocado. Poz-se a vaguear pelas casas quasi affogadas na sombra que descia, a procurar um indício, um elemento de verdade. As gavêtas da cómoda estavam ainda abertas, a cama por fazer; um masso de ganchos jazia esquecido, espalhado em cima da mesinha de cabeceira. Tinha levado tudo, toda a roupa—e abalára deixando o fogareiro por accender e provavelmente o petiz sem a pápa. Por isso elle gritava tanto! Com infinitos cuidados, como se elle pezassem arrobas, tomou-o nas mãos inhabeis olhando-o com afflicção, como quem decifra um enigma, no desespero mudo de não saber manejar aquelle pedacito de vida tão tenro, tão fragil. Como havia elle de o calar? Tudo, tudo, menos chamar a velha nauseabunda. E procurava na lata de *Nestlé* as indicações, lembrado de repente que talvez não fosse difficil cosinhar a farinha, que decerto conseguiria fazel-a. Como iria elle arranjar aquillo!

No dia seguinte foi para a loja mas a todo o instante se escapava com os pretextos mais variados, pasinando o patrão indeciso e descontente, para galgar em dois pulos o Chiado, descer os Paulistas, averiguar do pequeno que tinha deixado em casa, aferrolhado e só. O irmão não descontinuava de chorar. E depois d'uns instantes a olhar para elle, a cogitar coisas amargas, corria as casas, pegava ao acaso nos objectos, sahia de novo para o balcão. Voltou á tarde com uma sopa dentro d'um tacho envolvido n'um guardanapo, installou-se, travou batalha com o coke que não queria accender, aqueceu-a. O garoto vagia incessantemente. Não chores. Não chores! Imbecil! E entornava-lhe colhera-

das de sopa pela bocca abaixo. Elle proprio enguliu tambem um pouco de caldo, e fez a cama, arrumou as gavetas, regelado pela desolação da casa deserta, ignorante dos costumes, do logar das coisas. E pensou. Elle não sabia onde havia de ir procural-a. Por onde andaria ella, a rolar forpêzas, sempre embrulhada na mesma miseria? Como eram frageis as coisas da vida! Na agonia das existencias difficeis as faculdades de lucta embotavam-se, minguavam, todo o fermento dos maus desejos entrava em ebulição, as curiosidades do ignoto crepitavam como linguas de fogo vermelhas e esguias. Um homem passava, detinha-se, fazia um gesto — e prompto! Ali estava uma desgraça a transpôr o limiar do ignobil, deixando atraz de si lagrimas, dôr, infamia e desolação. Elle não sabia de nada, não tinha visto nada e era preferivel não saber a ter de interrogar a megêra ascorosa que destilava veneno na copia das lamentações. O pae fazia falta, andava agora pelos paues do Cunéne, perdido no fundo de Angola, a fazer pela vida; era melhor não lhe mandar dizer nada. Podia muito bem ser que ella voltasse. Tomaria então a coisa como uma crise de loucura que elle seria o primeiro a esconder.

E esta ideia gravou-se-lhe. Se ella voltasse! Porque não? Nada lhe diria; não lhe competia julgal-a. Seria uma grande alegria, um grande alivio. Voava, agora todas as noites, ao regressar com o palpito de que a ia encontrar junto da porta, esperando-o. E como não divisava ninguém, na desilusão surda e sempre crescente do seu coração, sempre só, fazia corajosamente o seu *ménage*, rodopiava em volta d'aquella pipa de lagrimas que era o

irmãosito, com esforços immensos, desastrados, para o arranjar, para o limpar, dar-lhe a pápa, a distracção. As noites eram lugubres na casa vazia, um defronte do outro, um pensativo, outro gritando, frouxamente alumados pela luz da vela que diluia em sombra o interior abandonado. Ah! Se ella voltasse! Sem contar que provavelmente ia ser despedido porque já o patrão se queixava, o accusava de vadio, com gestos que não eram proprios para tranquillisar. E depois? Que faria elle depois? Não podia estar ao mesmo tempo em casa e na loja. E se fosse a explicar, se fosse a dizer, encontraria talvez uma piedade convencional e essa, mesmo, não era certa, mas ninguem lhe presitaria um doce auxilio moral que o ajudasse a levar aquella cruz. Não! Aquillo era insustentavel mas sem remedio que aliviasse. E como ella vagueava, talvez, no labyrintho confuso dos bairros pobres de Lisboa, era impossivel procural-a com probalidades favoraveis. Só podia esperar, esperar sempre sob a indiferença dos céus onde não havia Providencia. E entretanto o pequeno morreria de mingua e de abandono. Leval-o-hia a enterrar; depois, na rua, sem eira nem beira, roubaria para viver. Aqui está o que tinha feito o homem maldito que passára e fizéra um gesto. E a justiça de Deus consentia n'estas coisas!

Só no terceiro dia teve a idéia que se lhe afigurava salvadora, a idéia do annuncio. Foi uma revelação, O annuncio! Grande e luminosa idéia! Talvez ella pegasse no *Noticias*, como lhe era habitual de quando em quando, n'um grande gesto de indiferença molle. Todos os dias elle via, por meio do annuncio, venderem-se consciencias e corpos

com a mesma facilidade com que se vendem mobílias. O *Noticias* era um grande jornal, muito lido, muito procurado... Era impossível que ella não lêsse — e com certeza sentiria moverem-se ainda as fibras do seu coração com o apêllo eloquente que ia fazer-lhe. Iria expôr a sua miseria, supplicar o seu desejo, publicamente, no papel onde longas linhas miudas espalham interesses e luxuria, — mas ia fazel-o com um accento de verdade tão sincero, tão lancinante que a mãe fatalmente accordaria na mulher. Um annuncio, um grande annuncio, um de meia columnna, em fôrma de carta, onde contasse tudo, o chôrro do pequenito, o desespero d'elle, a solidão horivel da casa abandonada, do patrão que o ia despedir, a mágua sombria que se baçoicava agora, lentamente nas paredes familiares da rua da Éra... Seria caro! Que importava! Ainda tinha uma lata de *Nestlé* quasi cheia e para elle não havia duvidas: Não comeria um dia, não comeria tres ou quatro dias — mas a mãe que viesse, que viesse... N'um alvoroço d'immensa esperança agarrou em todo o dinheiro que tinha e léve, subindo rapidamente ao Bairro Alto, compunha na sua mente a carta que ia publicar. No dia seguinte ella lia — e lá a teria de novo na rua da Éra, atrependida e dolorosa. Não podia deixar de ser assim. Mamã! Mamã! E parou defronte do jornal.

Um homem estava encostado á hobreira da porta. E elle perguntou com voz sumida:

— Desejava pôr um annuncio.

O outro, n'um gesto, indicou-lhe o escriptorio á direita e accentuou:

— É ali.

Felizmente estava vazia a casa. Encostou-se logo á secretaria, deante da larga folha de papel que elle devia encher com a sua supplica. Por um momento brincou distrahidamente com a penna. Uma grande lassidão invadiu-o, nunca se sentira tão só como n'aquella occasião, fronteiro áquelle papel que negrejaria com palavras que ella talvez não lêsse nunca. Tinha-se esquecido de tudo, nem uma phrase só lhe restava de toda a sua eloquencia febril. Es-gazeado procurou, torturando o apáro. E n'uma tristeza sem fim, apenas soube deixar cahir sobre o almasso o soluço trasbordante da sua alma: -- *Mamã, volta p'ra casa!*

A JANELA ILUMINADA

A JANELA ILUMINADA

Como um de nós dissesse que não sabia andar na rua sem dinheiro, aquele homem estranho disse-nos :

—É um erro. As pessoas que subordinam tudo ao dinheiro são, por via de regra, d'uma lamentavel pobreza de espirito. Lisboa é uma grande cidade e só em captar-lhe os aspectos subtis está um thesouro de distracções que nada custam. Quem uma vez só que seja não sentiu o prazer de vaguear, reflectindo e observando, não vive com todas as cellulas do seu cerebro ; é um mollusco. Nas horas solémmes e silenciosas da noite vibram no ar, graves e frescas, emanações d'esta grande colmeia. A cidade adormecida sempre tentou os pensadores. As casas sem luz teem o aspecto calmo e sinistro dos rostos idiotas, disse-o Eça de Queiroz. Mas quem pode saber o que vae por detraz d'esses rostos idiotas ? Onde o mysterio transsuda, a phantasia esvoaça. Julgo que a alma da cidade se forma... como se constituem as flôres de coral nos polypeiros e se compõe exclusivamente de mil almas pequeninas e soffredoras que se congregam, vivem d'assembleia e apresentam no seu conjuncto qualquer coisa formidavel. É na hora grata aos noctivagos

que ella freme e ondeia. Frank Nohain adivinhou-a, ninguem como Miguel Bêppo, vagueando solitario pelas viellas de Acquapendente, a definiu melhor. Os aspectos, quer divinos, quer naturaes, teem sempre grandeza; os homens é que os estragam, nas mais das vezes. Mas nas horas da madrugada os bipedes figuram pouco e a sua intervenção discreta, apimenta o sabor do mysterio e do recolhimento. Sempre me quiz parecer que ás quatro horas da manhã um policia que esfrega as mãos e tosse cavernosamente, é tão indispensavel á nudez augusta da cidade como neccessaria se torna, n'uma peça de carne assada, o lardeal-a com longas tiras de toucinho. Dão-lhe sabor. Depois, é sempre diversa a sensação, o espectaculo é infinitamente variado. Se eu tiver sahido d'uma pagina de Beecher-Stowe ou de um capitulo incisivo e brilhante de Guimerá, as ruas accidentadas e placidas da Madragôa, onde ruge a mediocridade escondida debaixo de rostos serenos e rosados, continuam o meu quadro e o meu sonho. Se vagueei com Mussêt atravez das *Noites*, na agitação florentina do *Lorenzaccio*, no mistico soluço de *Rolla*, encontro nas largas avenidas modernas o fremito do *Point-du-jour* dos tempos da capôta á Bourbon e do chapéu *mimi* e da negrura espessa do ceu sosegado vejo surdirem os perfis serenos e pensativos de Vigny ou de Walter Scott, pendulando em cadencia n'um *pisicatto* fresco e humido de Wéber. E se deixei que o meu espirito voasse na philosophia pura e transcendental do grande Anthero, «já d'arco em arco, já d'estrella em estrella, na grande ponte que atravessa o espaço», toda a cidade das sete collinas me offerece a curva molle dos seus mon-

tes — já d'arco em arco -- o pestanejar indeciso das suas mil luzes — já d'estrella em estrella — a sua fronte immutavel, tão velha e tão doce, desprendendo lentamente quietude e contemplação...

Olhou-nos um instante n'uma fina ironia e continuou :

—É incrível que haja lisboetas desconhecendo a sua cidade! Ha creaturas que só vêm na sucessão das longas ruas desertas, onde os candieiros bruxuleiam timidamente, aqui e além, ladeados de «rostos idiotas», um immenso amontoado de prédios onde os corpos rônham refocilados no calor dos lençoes. Eu acredito nos fluidos independentes da nossa vontade, creio que elles adejam, torvelinham nas horas misteriosas da noite, cercando-nos e transformando-nos e que até do barro mais vil se escapam, como duendes de Rob-Moor, parcellas de belleza e de simplicidade. E cada canto de Lisboa se transfigura e assume uma feição propria. Que formidavel depurativo é a noite, na cidade! Alfama adormecida, offegando nas baiucas onde vivem e grulham a pustula e a miseria, tem, de madrugada, uma alma branca e limpida. Quando acorda é sordida: no somno faz-me lembrar a candidez ingenua d'uma tela de primitivo perdida n'um velho convento de Fiésola. Alfama resgatada! É delicioso! Nunca éro pelas casarias de Barata Salgueiro, na hora em que os céus clareiam, n'aquellas ruas onde os porteiros teem *édredons* e as criadas cadernetas do Monte-Pio, sem ver no ar fino e fresco da madrugada a alma d'aquelle bairro que resôna; e nitidamente distingo uma dalmatica vermelha de dóge, um rica dalmatica em brocado de tres altos de Florença, hieratica, rude, imperiosa, de on-

de assôma uma fronte venesiana, poderosa e dura, com barbas negras que faiscam, olhos onde scintila a certeza do mando ou da omnipotencia. Nas ruas do bairro Caimões, onde as hespanholas d'uso commum dormem accidentalmente sós, também a noite eleva e limpa, e ás tres horas da manhã as almoínhas resumidas e vãs das *cocottes*, juntando-se todas por cima dos telhados vermelhos, afogados na sombra, compõem uma grande cortezá de Bolonha ou de Mantua, desdenhosa, sanguinaria e cruel. Ah! A cidade que dorme, a cidade por onde a gente vagueia sem um vintem na algiheira, como ella nos abre horisontes, como ella nos levanta a alma! É então que dentro de nós, no silencio, balbucia aquella vóz intima que tanto torturou Maupassant, a vóz que nos segreda tudo que não somos e não seremos nunca, a vóz que nos exproba os nossos erros, que nos indica o que deviamos ter feito, que nos mostra confusamente as occasiões que desdenhámos, a magra vóz, a soluçante vóz que nos demonstra a inutilidade da vida, que grita continuamente no nosso coração, desconhecida, insaciavel, inesquecivel, feróz, chorando as alegrias vãs, as esperanças mortas, as coisas desaparecidas, ululando a fallencia, a pungentissima fallencia de todas as nossas ambições...

Fez uma pausa lenta e larga:

—Foi ha dez annos, talvez ha doze, não me lembro já, n'aquellas ruas graves e pompósas que descem do bairro de Buenos-Aires até ás Janellas Verdes, talvez na rua do Conde ou na do Pau de Bandeira. Os passeios colleiam os muros altos onde espreitam, por cima, abanando-se devagar,

velhas árvores de sombra. Os palacetes adormecem entre ninhos de verdura. É a parte sumptuosa e sólida da cidade, onde o dinheiro corre seguro, sem interrupção e decora as fachadas com traços de placidez e de bem-estar. A burguezia sólida e estavel vive n'aquelles jardins que rodeiam *villas* á maneira italiana; a alma da noite, ali, demonstra-se com figuras modernas de La Gandara agindo em télas arrebitadas e delambidas dos Carragio da decadencia. É a cidade fundamental, basilar. Talvez fossem duas horas da manhã. A rua era um bêco de sombra e a unica mancha de luz partia d'uma janela vivamente iluminada, aberta de par em par. Os *brise-bise* ondulavam com preguiça na viração lenta; no estuque branco do tecto, o *abat-jour* d'uma lampada que se não via, desenhava um oculo de claridade vibrante. Um Pleyel muito tocado preludiou. E de subito, uma vóz de homem, uma vóz grave e cheia, de barytono, abriu a melodia larga da *Aria di Chiesa*, não sei se de Scarlati, se de Stradella, com certeza de um d'aquelles méstres italianos do seculo XVIII que tinham uma alma limpida, transparente e pura. A rua estava deserta. Sentei-me na beira do passeio. Estava innundado de harmonia e pela primeira vez comprehendí o melancolico Filipe V, que durante trinta annos teimou em querer ouvir a mesma pagina musical ao castrado Farinélli. E aquillo era soberbo! Amalecitas que não sabem andar na rua sem dinheiro! E enquanto o artista vibrava, aveludado e quente, marcando aquelle bocadinho *d'oratorio* com as inflexões subteis e finas de quem sente o que está cantando, subia em mim a vóz torturada de Maupassant, a vóz, a vóz... E senti

com alma de Stradella, vibrei com a alma de Stradella... Todo o mysterio confuso e vago das cousas sem nome e sem forma, jorrava da janela iluminada, d'aquella bocca que eu desconhecia. Depois, quasi sem interrupção, o cantor atacou o *Il mio tesoro tanto*, do D. João. Era o divino Mozart! Quanta vez, quanta vez, nas horas tristes de desanimo eu cantarolára, distrahido, o *Il mio tesoro tanto*... E suffocava! Como n'aquella noite me falou baixinho a voz torturada de Maupassant, o que ella me esteve dizendo durante horas e horas! Quando morreu n'um soluço a ultima nota da harmonia, o moço encolhido e doente que eu era então, tinha uma alma de gigante. Sentia-me formidavel, ia já d'arco em arco, já d'estrella em estrella, atravessando a ponte immensa do espaço. E n'aquella noite em que não tinha um vintem de meu, quiz a sorte céga, defronte d'aquella janela iluminada, que eu transbordasse d'emoções que não custam dinheiro. Porque depois ouvi Beethoven Nosso Senhor Beethoven, na pagina lancinante do *Lebewohl*, no *Adeus*, tocado por mão de mulher, sem duvida, que dava todo o valor áquelles compassos de desolação, riscando em notas a berlinda que parte, as guiseiras que vão morrendo pelas voltas dos caminhos, a attitude espectante e vergada do mancebo palido, Manfredo, Werther, Sigismundo, contemplando a curva da estrada por onde partiu a amada d'olhos verdes que nunca mais, nunca mais voltará... E toda a rua do Conde frenia de soluços de mysterio, dispersos na escuridão. Quando tudo emmudeceu e a luz se apagou repentinamente, ao achar-me só no meio da noite, tinha sobre os hombros o peso d'uma velhice de se-

culos e foi devagar, com toda a melancolia das cousas e dos homens que me arrastei até casa. Dez annos passaram depois d'isso. Tenho soffrido, tenho vivido; em salas de concerto, em salões doirados, embocetados em convenção e em aborrecimento, tenho ouvido algumas vezes a doce *Aria di Chiesa*, as harmonias penetrantes de *D. João*; eu proprio, na hora grata da sombra, deixo ás vezes cahir d'estes dedos inhabeis as notas pungentes de *Lebewol!* .. Mas nunca mais encontrei a emoção da janela iluminada, nunca mais. Agora, por certo, não a encontrarei nunca. Quando por um capricho imbecil procuro divertir-me gastando dinheiro, medito na minha noite de pobreza, lembro sempre a janela iluminada com uma saudade que d'anno para anno se torna mais dolorosa. E ás vezes vou vê-la, como se vae, de quando em quando, ao cemiterio pensar defronte da cova d'um morto querido. Quando se chega ao meio da vida os tumulos crescem em roda... E acabou-se, han! Vocês estão a massar-me. Tomem lá dez tostões para ir ao cinematographo.

A VINTEM P'RA ACABAR

A VINTEM PRA ACABAR

Em cima da grande mesa de pinho, abrangidos no cone de luz violenta que tombava da suspensão de petróleo, cem *Quins* e cem *Manécas* enfileirados, esperavam a ultima demão. Com um pincel, que molhava de quando em quando n'uma velha lata de manteiga, cheia até acima d'anillina, o ayô dava os derradeiros toques nas saias dos *Manécas*. Que os *Manécas* eram a obra-prima, o supremo orgulho d'aquelle artista humilde que tinha por vezes, vôos de phantasia ousada e ficara. Os *Quins* passavam ainda pela mão da sr.^a Andreza que lhes espetava no alto do craneo desnudado os tres pellos hirtos e duros como cêrdas. A mãe já era conhecida na rua por causa d'aquella habilidade. Em pleno serão, no silencio attento e laborioso, cada um tinha o seu trabalho demarcado, sempre o mesmo. E á medida que os boncos se completavam, as duas pequenas iam-nos distribuindo nos taboleiros, vinte em cada um, arrumados já para a venda do dia seguinte. As palavras eram curtas e brèves, que o tempo é dinheiro para os pobres que até as horas de repouso teem medidas, avaramente contadas. Antes da ceia e da cama era preciso acabar aquillo.

Quasi pelas duas horas o avô deu a ultima pincelada no ultimo *Manécas* e declarou:

—Prompto! Vamos a ver como corre a venda amanhã!

Era na hora mais viva em que na forja dos interesses se martêla com mais intensidade a aspereza rude das ambições. Das baiucas infectas descia para a solemnidade das ruas largas o povo innumeravel da miseria tenaz, teimosamente engenhosa, que se obstina em viver de lucros infinitesimales. E fragmentava-se no luxo dos vestidos cáros, na azáfama dos homens negros, correndo para o dinheiro, açodados, com as faces tendidas e duras, — barafustando, insinuando os objectos mais variados, inverosímeis de pachorra e de tenacidade. Desde muito cêdo, na esquina do Amparo, um homem gordo que parecia rebolar-se, sibilino, n'um esforço asthmatico e constante, inteiriçava continuamente os losangos da tabuinha onde, na extremidade, um pedaço de cartolina pintada de verde, simulando um lagarto, atirava pulos inesperados, galhardo, comico e atrevido. Sem cessar a sua voz de realejo annunciava: *Olha o lagarto!* E ao lado outro typo, carregado com o brinquedo, bambolecando o peito de tysico n'um colete que lhe pendia até ás coxas, chocalhando como um sacco d'ossos mal cheio, apoiava n'um guincho de pifaro onde havia uma intenção canalha e pandega: *Sardão!*

No tumulto que subia, alastrava, no fragor dos cauteleros invadindo os electricos, entre buzinas d'automoveis

no ranger das botas sobre a areia vermelha do Campião, sempre o grito verrumava: *Olha o lagarto!* A voz caninha pontuava: *Sardão!* Para baixo, no passeio amplo, mais desafogado, uma velhota obêsa, com um ventre de hydropica, apoiava nas carnes molles um vasto taboleiro que amparava com duas correias em volta do pescoço. O taboleiro baloiçado no fluxo dos passantes que se acotovelavam, arfava como uma jangada, fazendo oscillar as garrafas minúsculas de papelão comprimido, com um peso de chumbo no fundo que as mantinha constantemente direitas. *Sempre em pé! sempre em pé!* E a mão da velhota acariciava os gargalos que tremiam e que ao contacto dobravam, inclinavam como espigas dobradas pelo vento para logo se erguerem hirtas e picaras, na mesma ondulação de ceara. *Sempre em pé! Sempre em pé!* Três netos em casa, á espera d'aquelle vintem, abrindo as boquitas vermelhas no desejo insaciavel de sopa. Ah! *Sempre em pé!* Por toda a rua, no temor vago da policia e da multa, outros estatelavam a fazenda que bem olhada, bem meditada, levantava ondas de soluço no fundo das almas simples. Surgia a visão das noites de trabalho, em torno do candieiro de petroleo, toda a familia silenciosa e grave, sumida no fundo das trapeiras, compondo aquelles brinquedos miseraveis com o respeito e com a devoção de quem vive á custa d'elles, de um engenho tão raro e tão penetrante para viver de pouco, alimentado por uma bonhomia tão serena e tão resignada, que faria explodir em lagrimas de caridade o coração transparente do Pobresinho de Salles. Havia gente para quem o canto de pão representava horas do trabalho mais

ingrato, horas da venda menos productiva! Homens detinham na tortura da fome dos seus filhos, cavavam a grande ruga da necessidade em réstas que pendiam n'um esforço, fabricando, entre suspiros, brinquedos ridiculos que faziam rir! Aquelle, n'aquella manhã, tinha talvez tido o grande olhar louco e esgazeado das creaturas sem eira nem beira e estava agora ali a rir, chalaceando, offerecendo bolas d'algodão amarello com duas contas negras colladas n'um bico de papel, que simulavam pintos sahidos do ovo, gritando: *Olha o pipi p'r'o nenê! Ca esta o pipi p'r'o nenê*. Em casa aquillo era, sem duvida, um grande e ignorado martyrio. *Olha pipi! O pipi p'r'o nenê!* Mas ali, na esquina de Santa Justa, no ar lento da tarde plumbea d'outomno, na hora cinzenta do luxo, o pipi para o nenê tinha intenções gaiatas que provocavam observações cruas entre homens. Appetecia comprar. No reboiço a multidão, que lentamente carreava a sua grande mancha negra, passava desatenta e indifferente. Longe, na esquina de baixo, um coxo offerecia os nós de canna, obturados com um tampão de guta-percha por onde soprava, arrancando um guincho estridulo, plangente, antipathico que rangia lamentavelmente como uma cadeia ferrugenta—*ô maman... mama... a... an*—provocando hilaridades ligeiras. Em roda os garotos comentavam, imitavam. Perto do Grandella um grupo tumultuoso queimava uma contrafacção de papel d'Armenia, ensurdecendo com a offerta teimosa. Um velho de barbas sujas apregoava argolas *quasi* de prata, alguns offereciam metros d'alfayate, outra vez a velha obesa passou afagando os gargalos oscilantes — *sempre em pé, sempre em pé!* E tudo aquillo custava

apenas um vintem. Os prégões subiam devagar, irradiando das ruas estreitas para o ar puro que tinha agora uma cor de pérola por cima dos telhados negros e imensos. Os pombo, no Rocio, esvoaçavam cançados. E o soluço de desastre passava pimpão, mascarado de risos, implorando um vintem, um vintem p'ra acabar. Os electricos eram tomados d'assalto na hora em que todos jantam. Mais incendiados na debandada do dia, os *camelots* redobravam a offerta. O riso esvaia-se em crispções inquietas. E para elles, agora, já não havia ceu azul, já não havia tarde placida, na fuga apressada de toda aquella gente que recolhia sem perceber, sem comprehender a angustia cem vezes sagrada dos miseraveis que sonhavam com a moeda escura de vintem, aquelle vintem tão pequenino, tão reduzido — e que tanta, tanta fome aliviava.!

Os *Quins* não tinham ido mal. Mas no fim da tarde que ameaçava desabar em chuvinha miuda, a pequenita não podia já ter-se de pé. Todo o dia vagueára pelas ruas da Baixa no desejo violento d'espalhar os seus bonecos de barro; tinha vendido trinta e oito e agora, só um *Quim* e um *Manécas* se perfilavam no taboleiro quasi vasio. O avô devia ficar satisfeito, aquelles dez annos frageis, estiolados, haviam trabalhado rudemente. Toda a sua face se distendia n'uma grande fadiga — e só no rosto macerado, gasto pela chlorose, encaixilhado no castanho sujo dos cabellos rálos, dois olhos muito negros, muito fundos, brilhavam de intelli-

gencia. Com a sombra que descia principiou o seu longo trajecto para a Bica do Sapato, seguindo pelas ruas da beira do rio. Os vintens chocavam-lhe na algibeira da saia, ia alegre, o dia fôra bom. Mas ao chegar um pouco além da Praia da Galé, nos arrelvados escássos que se estendem defronte do Museu d'artilharia, apeteceu-lhe vivamente um dos bancos dispostos ao longo das palmeiras rachiticas e que as primeiras tintas da noite já iam diluindo na mesma cor plumbea dos céus. Uns instantes só. Sentou-se muito direita, com o taboleiro sobre os joelhos, as mãos caíram-lhe ao longo do corpo, pela primeira vez os seus olhos fixaram-se no ultimo *Quim*, no ultimo *Manécas*. Tinha vendido tantos! Aquelles pertenciam-lhe, podia dispôr d'elles. E se brincasse um pouco? Tinha merecido. E os pobres dêdos magros acariciaram lentamente os tres pêllos do *Quim* na inconsciente caricia das pequenitas onde dorme, durante a infancia, apagado e obscuro, o sentimento maternal.

Era bonito o *Quim*! E ria. Coitadinhos! Ali de pé, todo o dia, a dançar em cima do taboleiro. E dava vida ás figuras hirtas, envolvendo-as nas mãos geladas, atirando-lhes beijos n'uma festa de gargalhadas felizes. *Quim! Quim! Quim!* Boum! Meu *Manécas* que lindo que tu és! Todas as meninas brincam contigo! E contemplava-lhe n'uma atenção fixa os braços apenas esboçados na dureza aspera do barro, as prégas dogmaticas do saião ingenuo, a face aparvalhada e comica, immutavel, onde dois pingos escarlates simulavam rosetas exuberantes de caras cheias de saude. Já agora uma grande sombra, cada vez mais densa, aconchegava em mysterio os caes desertos quasi. Um ele-

ctrico passou n'um fragor, illuminado, desenhando arabescos fugitivos de luz nas placas de relva humida. A brincadeira ia amortecendo na lassidão invencivel que a penetrava. Sem arredar o taboleiro dos joelhos, segurando-o melhor entre as mãos, deixou cahir devagar a cabeça sobre as costas do banco. E foi o somno rapido, instantaneo do proprio corpo usado. Uma gotta d'agua cahiú; depois, subitamente, todo o lençol escuro das nuvens se desfez em chuva miuda e fria. Ella nem a sentiu, adormecida. Na escuridão, solitarios, o *Quim* e o *Manécas* olhavam-se fixamente, um defronte do outro, colhidos no mesmo gesto eterno. Pingavam. E a saia escarlata do *Manécas* desbotava, deixando escoar-se entre os seus pés de barro um fio ligeiro d'agua vermelha que parecia um fio ligeiro de sangue.

O MENINO VERDE

O MENINO VERDE

Todas as manhãs, no momento da sahida, depois do almoço, ella vinha acompanhal-o ao patamar. Ao sacudir-lhe do fato os ultimos grãos de poeira, endireitando-lhe n'um gesto quasi maternal o nó da gravata, no ultimo beijo, murmurava:

—Pensa em mim.

Elle, placido, respondia sempre:

—Sim, Menino Verde.

Logo depois do voltar da esquina, a imagem do Menino Verde tornava-se-lhe indecisa nos mil accidentes da rua. Decerto aquelle bocadinho de mulher enchia-lhe o coração, todo o inundava d'uma grande ternura. Mas sempre desconhecêra a paixão e o arrebatamento dos grandes amorosos penetrava-o de um vago mau estar que lhe provocava movimentos ligeiros de recuo nos beijos mais vorazes—porque os não comprehendia, posto que os acceitasse como obras sempre variadas, productos da infinita diversidade dos homens. Aquella creatura, que tinha cruzado o seu caminho, tomára-o lentamente, era agora para elle o fulcro de todas as coisas. E d'esse grande amor placido e lucido,

por tudo quanto ella lhe dava de coragem, de esperanza e de doçura, ficara-lhe o habito caricioso e meigo de lhe chamar, nem elle mesmo sabia porquê, o seu Menino Verde.

Aquelle Menino Verde é, decerto, o mais encantador de todos os Meninos. Com elle e por elle aprendêra a disciplinar o permanente instincto de revolta que lhe jorrava impetuoso como as cachoeiras d'um largo rio perante a injustiça das coisas. E fôra elle que lhe infiltrára a tenacidade no trabalho, a certeza de si proprio defronte das arestas duras da vida. A migalha de gente onde brilham dois olhos fundos, negros, enormes, sempre inquietos no franzir constante das sobrancelhas corvinas, conquistára-o parcella a parcella com a frieza sêcca e simples da sua logica. Ella, decerto, não comprehendia bem todos os largos vôos bohemios do espirito que lhe povoavam o cerebro de chiméras inúteis e o desequilibravam sem motivo apparente, atirando-o das alegrias mais insensatas ás tristezas mais agrestes; mas perdoava-lhe o labyrintho complicado da sua phantasia n'um abrir lento dos olhos admirados, onde havia muita indulgencia e uma vaga ponta de desdem por aquelle grande doido que se obstinava em vêr tudo ao contrario de toda a gente. No *ménage*, o Menino Verde toma as redeas do governo com mão segura e firme; elle condescende n'um encolher d'hombros indifferente, muito satisfeito porque o não incomodam.

Os afazeres, os cuidados do Menino Verde são transparentes. O seu amor imoderado pelas flôres povoa-lhe as mezas de solitarios esguios onde constantemente duas roças deixam cahir as pétalas em languidez amorosa. Abril leva-

lhe sempre braçadas de lilazes e, sem duvida, uma das alegrias de setembro está, para elle, na dadiva das despedidas de verão que lhe enchem o toucador de tons vivos e frescos. Tambem dá um pouco das suas attensões a um album immenso de bilhetes postaes com photographias de todas as cidades do mundo. O Menino Verde é muito sabido em geographia, conhece os nomes de todas as villas da Nova Zelandia e adora o velho Elyseu Réclus; tem até um Malte-Brun encadernado a vermelho e oiro. Entre estas coisas simples e scientificas, espevita a creada, compõe o *menu* do jantar com gravidade recolhida e pontifica, ás vezes, entre as caçarólas, de dêdo espetado e olhar arguto, velando por guisados de sua invenção. Em muitas occasiões este formidavel Menino, tão geographico e tão culinario, desprende as azas d'infundadas irritações porque é ligeiramente imperioso e auctoritario, remonta a vóz a pontos agudos, sufoca de indignação, reclama moços de esquina para recados urgentes e céva fúriosamente o seu rancor pela insustentavel carestia das coisas na pessoa do seu padeiro, um homem esgazeado e trémulo que sobe as escadas já vergado sob a rajada de provaveis queixas—e que é, despedido regularmente quatro vezes por semana com ameaças severas de policia e até mesmo de *sabotage*; não duvidaria o Menino Verde aterrar os fornecedores com *lok-out* todo para seu uso. Mas estes acessos, reserva-os cuidadosamente para as horas em que *elle* está ausente, a labutar aqui e além, porque, acima de tudo, o Menino Verde faz empenho em parecer docil e de facil bonhomia.

Succede tambem que o Menino Verde tem instinctos no-

madras. Em certos dias o azul dos céus desperta-lhe appetites invencíveis. Os espaços tentam-n'o mas as áleas civilisadas dos jardins publicos infundem-lhe horror. Tem uma predilecção accentuada pelo descampado da Rabicha e ha certa charnéca, junto dos Oliveaes, que exerce sobre elle uma influencia mysteriosa. Interroga com alacridade sobre os sitios mais extraordinarios de Lisboa e sempre lamentou nunca ter ido ao Arieiro apesar de toda a gente lhe affirmar que não ha lá absolutamente nada. Será uma expedição a commetter um dia. Por agora a Rabicha prende-o. Vae. Senta-se n'uma pedra — e pensa. Em que pensa o Menino Verde? Nunca ninguem o soube, nem mesmo Mussê que fez uma peça sobre o caso. É, então, vulgar ve-lo n'uma attenta e circumstanciada conversa com algum guarda fiscal solitario ou um policia desgarrado, passeando tristezas junto do riacho claro que serpenteia por debaixo dos Arcos das Aguas Livres. Este portentoso Menino tem uma sympathia muito viva pelos pilares da ordem que detêm gatunos e pelos templos de moralidade que apprehendem, nas barreiras, tripas cheias d'aguardente de figo. Traz sempre d'estes colloquios um dito profundo e grave que é o resumo de todo um mundo d'ileias. Os seus epiphonemas são notaveis e como sabe estilistica embrulha-os tambem n'uma maneira de dizer que, embora prolixa, é sempre muito elegante e muito cuidada.

Quaesquer que sejam as suas occupações, o Menino Verde é certo em casa na hora em que *elle* regrêssa porque antes de qualquer outra coisa é uma intelligencia paciente e trabalhadora, zelando os interesses do seu companheiro e a harmonia da sua casa com a mesma tenacidade

com que uma formiga prevê e se municia, na incerteza do que ha-de vir. O Menino Verde é um adoravel menino-formiga. É d'aquella raça, obscura mas soberba, que sabe ser mulher, que não faz versos, que não pratica em cursos d'enfermagem, incapaz de tirar o retrato vestida de guarda-doentes, mas disposta sempre, sem palavras, nobremente, ás grandes abnegações e aos grandes sacrificios. É a Mulher, esteio fundamental da boa familia, o *subtractum* vigoroso e sem cabotinismo que é força mysteriosa e perfumada dos trabalhadores. E é a amorosa tambem, porque na hora em que *elle* vae chegar, interroga mudamente o espelho, alisa com precaução os bandos negros, põe o seu annel de rubis que tem uma historia commovedora de lagrimas e de beijos, sorri agradada de si propria e quando *elle* mette a chave á porta se lhe atira para os braços com a pergunta habitual :

— Pensaste em mim ?

E elle, placido, responde sempre :

— Sim, Menino Verde.

As notas alegres de um *ritornello* esvoaçam pelo corredor. Toda a cidade-formiga está ali, no casal-formiga. Na luz indecisa do dia que morre, sobre os trinchantes escuros da sua casa de jantar, os cristaes simples scintillam. Por sobre a mesa já pósta, o Menino Verde lança um olhar severo e indagador, no franzir temivel das sobranceilhas sempre irrequietas. Já na côpa a cosinheira vacila, com as pernas quebradas pela angustia. O momento é solémne. Nas espiraes de fumosito leve que sobem dos pratos de sopa, o coruscante Menino fala de todas as coisas do mundo, muito rosado, muito penteado, com um bom sorriso na face fresca. Mostra as suas

telas, compraz-se com a sua paleta de paysagista laboriosa. O Menino Verde tem uma grande admiração por Corô mas não tem o talento de Corô; felizmente reconhece-o e não apoquentta ninguém. No abandono da sobrezeza as rosêtas da sua face animam-se com um rosado mais vivo. E palra; palra sem fim. E uma faiança de Geoffroy que serve de bocêta a um complicado moinho de palavras. No recolhimento da salêta já afogada em sombra, enquanto elle se refugia no vão da janella, aconchegado no *Maple*, o Menino Verde não cêssa o seu interminavel fluxo labial. E elle ensina-lhe theorias de Laplace e de Lapparent, propositadamente erradas, no prazer maligno e secreto de lhe ouvir dizer tollices formidaveis com ar grave e convicto, batendo animadamente no seu Malte-Brun compacto e somnifero. O Menino Verde preludia preguiçosamente no piano, vagueia pelas melodjas de Tosti, percorre com o seu fiosito de vóz todas as canções da saudade portugueza, demora-se mais n'aquella outra, *Olha, meu filho, as estrellas...* porque sabe que a sombra refugiada no *Maple* toda se compraz na melancolia d'aquelles compassos e lhe pede quasi sempre que os bise. No peitoril da janella aberta sobre a immensidão, lado a lado, n'um sonho lento, quasi sem palavras, os dois érram pelâs nebulosas d'além, procuram a vermelha Aldebaran, a Sirius doirada, as brancas palpitantes que são Betelgiosa, Castor, Pollux, Androcleia... O Menino Verde esboça theorias monstruôsas sobre *Mira Ceti*, desejando uma viagem ao Cabo da Boa Esperança, só para a contemplar na magestade augusta do céu austral. No canção do seu dia irrequieto, disperso em mil actividades o seu

babilage corta-se por longas pausas. O olhar arguto fulge-lhe ainda de quando em quando, um dèdo levanta-se intimativo e cortante. Os seus passos indecisos em volta do *Maple*, lembram um esvoaçar junto dos ninhos, ao crepusculo. E bruscamente, uma paz langorosa envolve as sombras da salêta. Silencio ! O Menino Verde dorme com a cabecita debaixo da aza.

A VELHA CANÇÃO D'OUTRORA

A VELHA CANÇÃO D'OUTRÓRA

Na hora melancolica do crepusculo era certo encontral-os no talhão dos plátanos. Nas tardes cinzentas de novembro, quando as folhas estalam mysteriosamente e cahem com um frémito ligeiro, esvoaçando n'uma derradeira graça, aquelle canto da Avenida onde já nada encontravam da velha Horta da Cêra, tinha para elles as inefaveis tristezas dos sitios onde se envelheceu lado a lado. Havia quarenta annos que sob as velhas tilias do Passeio Publico, n'uma noite de fôgo preso, tinham tido um sorriso e no enleio d'um longo silencio sentiram bater apressadamente os corações, no momento solémne e delicioso em que, ao longe, viajavam pelo ar os motivos ingenuos d'uma antiga valsa de Strauss. Uma rosa cahira desfolhada. Elle picára a haste na botoeira do seu *paleto* alvadio, negligentemente atirado para cima do hombro; ella baixára os olhos, escondendo o fulgor das grandes pupilas negras por detraz do seu léque marchetado de marfim. Na animação das primeiras girandolas, invadia-os uma grande perturbação. Talvez se tivessem beijado ousadamente, na sombra d'uma grande araucaria. Era abril, com certeza, porque havia no ar um vago e penetrante perfume de flôres.

Mas a vida tinha-lhes marcado destinos diferentes, um amontoado de factos romanescos que desabam, ás vezes, sobre as existencias mais commedidas e mais burguezas. Nunca puderam explicar como haviam casado cada qual para seu lado, fundando dois lares, depois de morta a esperanza de levantarem apenas um. Entre elles tinha passado a torrente dos annos, um mar se interpuzêra, crispado de vagas, separando-os physicamente, como já de facto os tinham separado interesses differentes. Elle vagueára pelas solidões de Moçambique, ao sabôr dos caprichos da Companhia, arrastando a mulher atravez de lares improvisados, sem crear raizes em parte alguma. Ella envelhecêra, placida e risonha, n'uma casinha a Buenos-Aires, onde as sacadas eram debruadas com sardineiras rubras. Havião evoluido ambos, sem darem por isso, com a máguia latente, o presentimento confuso de terem falhado a vida. E quando se encontraram, uma vez, tarde, muito tarde, por acaso, de subito, na banalidade da rua do Ouro, tinham sessenta annos e toda a onda de reminiscencias quasi mortas inundou-os repentinamente, com tanta violencia que suffocavam um defronte do outro, inteiriquados e trémulos. Todos os fios subtis que a velhice distendêra, enleavam de novo as velhas fibras quasi extinctas. Balbuciarão. Reconheceram-se. Estavam ambos velhos e ambos sós no mundo.

Já dez setembros doirados e melancolicos tinham decorrido desde esse encontro. E em dez annos, nunca elle fôra a casa d'ella, nem ella o procurára nunca na residencia dos senhores Machados, onde elle vivia como em familia, entorpecido e vago. Mas encontravam-se de tarde, duas vezes

por semana, no talhão dos plátanos, por um habito machinal, adquirido, aguardando-se com um sorriso. Ella subia lentamente, fazendo relampejar o seu mantelete de vidrilhos, conservando uma ultima garridice no ondulado natural dos seus cabellos, que tinha agora todos brancos, mumificada, terrosa, com grossos labios exangues que tombavam sobre o queixo pendente, tão pequenina, tão vergada já para a terra que a chamava, que de longe figurava uma mancha preta, rastejante na alvura listada d'azul dos passeios largos e quasi desertos. Para essas tardes suaves elle vestia o seu fraque quadrado, em verde-garrafa, com botões esguios de madrepérola, agitando o seu *cabochon* de coralina vermelha, que o singularisava. A face côr de tijolo, enquadrada em suíças d'uma alvura surpreendente, espreitava attenta o primeiro sorriso da sua velha amiga. E ao lado um do outro, quasi sem se tocarem, na consolação d'uma tristeza sem limites, subiam lentamente até á esquina de Barata Salgueiro, pousando um olhar esquecido nas cópas altas que a noite ia enegrecendo.

Nunca, todavia, se tinham dado o braço, nunca tinham falado d'amor. Quando passavam entre a rua das Prêtas e a praça dos Restauradores, fechavam os olhos; tinha sido ali o Passeio Publico. O passado jazia. Ambos, agora, completavam setenta annos. Tudo que viêra depois e transformára os homens e os aspectos das cousas, fazia-lhes mal, torturava-os n'uma infinita saudade do passado, que não exhalavam nunca. Não se tratavam por tu; nunca tinham pensado n'isso. De fórma que entre elles não havia conversa. Quando uma réstea de sol apanhava os bancos

de esguêlha, sentavam-se um ao lado do outro, silenciosos e ausentes. No momento em que do alto principiava a cahir a noite e as perspectivas se tornavam plumbeas, elle mettia-a no electrico da Estrella, voltava, para o seu quarto em casa dos senhores Machados. E recommçavam dois dias depois, arrastando o mantelete de vidrilhos, o fraque quadrado verde-garrafa, tão dobrados já para o mysterio da terra, que havia gente que se voltava, admirada com aquelle esquecimento da morte. Entre elles o silencio era cada vez maior, a mágua cada vez mais pesada. Mas aquella melancolia doce tinha um certo pudor; nunca uma lagrima nunca uma emoção. Sentiam-se bem um junto do outro e por isso se procuravam, mais nada. Eram duas sombras lamentaveis que se arrastavam, duas sombras d'outras éras, perdidas no mundo moderno, gemendo recordações extinctas, carpindo no segredo dos corações obscurecidos a torturante saudade das cousas que não voltam mais. Dois tumultos abertos não seriam mais sombriamente mudos do que e eram aquellas duas folhas mortas, esvoaçando n'uma curva ephemera antes de tocarem no chão. No ocáso sombrio devagar se ia para a grande evolução tudo o que soffrêra e palpitára. Era o fim, o obscuro fim de tudo que vem á luz. Fechavam o grande cyclo humano: nascer, viver, morrer. Ás vezes, nos momentos raros de expansão, relembavam modas antigas, recitadas na hora do chá, quando dez horas batiam em todos os cucos e a lua assomava, redonda e pallida, por cima dos telhados. Elle principiava, enrolando as palavras na bocca sem dentes :

A ti, que em nuvens desenhai nos ares...

E ella acudia logo n'uma vósinha quebrada de realejo :

A ti, bom anjo, o derradeiro adeus...

Uma tarde—era outra vez abril esplendido e pomposo—o perfume subtil que vinha das folhas novas, colheu-os n'uma grande doçura extactica. A ramaria dos plátanos formava um docél verde, magnifico, a perder de vista. Do céu tombava uma luz voluptuosa e meiga. Onde fôra, em que momento, em que situação passára também out'ora, fremendo, a olen-
cia lígeira das folhas novas que trazia aquella languidez tão molle? Quando haviam viajado pelo ar os motivos ingenuos da velha valsa de Strauss? Abril rasgára um clarão crepuscular nos horizontes quasi extinctos. Havia ninhos entre verduras, a viração lenta passava n'um sussurro caricioso e doce. A mancha cinzenta dos terrenos do Parque simulava um amphiteatro enorme, nitido na pureza do ar, escavado, mostrando ainda, no flanco, a ferida larga da *Tor-
rinha* destruida. No tampo a Penitenciaria faiscava, coroadada por nuvensitas ligeiras, brancas, errando placidamente. Da terra surdia, invencivel, o mysterio ignorado da germinação, as olaias vestiam-se de rôxo, pontas esguias de lilaz assomavam aqui e além, por cima dos muros discretos dos jardins. O azul immenso e limpido era um velludo sem fim. Uma ave passou muito alto, na luz triumphante e doirada; em baixo, um grillo, captivo no vão d'uma janella, trilava sem cessar. No recolhimento expectante das cousas vivas

a primavera subia, levando no regaço as avênas estridentes de Pan, coroada de rosas, banhando-se na tepidez do ar sensual e vagaroso. Um perfume de floresta humida esvoaçava de quando em quando, vindo de longe, d'alem do rio, dos montes azues e diaphanos da serra d'Arrabida. Abril, abril, furiosamente abril no renovar constante da eterna e sorridente natureza.

Tinham-se sentado os dois no seu banco favorito. E nunca a sua tristeza fôra tão triste. Nem elle se atrevia a fitar a sua velha amiga que, justamente, n'essa tarde, abandonára o seu mantelete de vidrilhos. As recordações confusas que subiam n'elle, condensavam-se agora no desejo de ter uma ideia de galanteio. E quando uma florista passou, não se conteve; uma rosa enorme, d'um amarello d'oiro velho, refulgia no fundo da cêsta. Tomou-a nos dedos trêmulos, pagou-a, enquanto ella, boquiaberta, olhava n'um espanto sem fim. Ao dar-lh'a, n'um sorriso em que toda a ruína da face apparecia mais viva, os seus dedos tocaram-se. A onda immensa das recordações rebentou formidavel, impetuosa, invencivel. Muito sumida, esfumada nas brumas d'um passado longiquo, uma visão surgiu nas claridades que se esvaíam. Por entre o alinhamento das arvores, olhavam a araucaria escura e hirta, recortada no céu, lá em baixo, na esquina do largo da Annunciada. Era ainda a mesma. . . Um *paletot* alvadio passava com uma rosa desfolhada na botoceira, lento no estrolejar das primeiras girandolas do fogo preso; na sombra, um léque marchetado de marfim agitava-se vivamente, outra vez os possuía uma grande doçura extactica e o abril de quarenta annos volvidos resurgia imperioso e tor-

turante, como um rebate inflexivel á desaparecida primavéra.

Na Rotunda um globo electrico brilhou bruscamente. Depois, todos os outros accenderam pelo passeio adeante. As revoadas de pardaes ensurdeciam no arvorêdo; uma grande sombra vinha, já muito alta, da banda das sérras azues. Era quasi noite. Ambos estavam sentados lado a lado, olhando fixamente, sem as verem, as fachadas dos predios fronteiros. Dir-se-hia que qualquer cousa lhes prendia a attenção. Mas sentiam subir, no palpitar dos corações, o sagrado soluço da infinita saudade sem remedio. Um pranto rompeu, correndo devagar, silencioso. A rosa tinha cahido aos pés d'ella, rolára pelas pedras, lentamente esfolhada como a outra, ha quarenta annos. O vento ligeiro sacudiu as pétalas, dispersou-as n'um torvelinho, sumiu-as por fim na valêta. E as lagrimas cahiam n'um caudal, como um largo dique aberto de repente na tepidez do abril glorioso que renascia todos os annos indifferente ás agonias dos homens.

A CAMISOLA DE VULCANO

A CAMISOLA DE VULCANO

Na rua de S. Bernardo, um pouco antes de chegar ás grades do Jardim, um muro macisso e baixo demarca a rua, segue ao longo do passeio, estalando de ruína aqui e além em rachas immensas d'onde surgem osgas nos dias de sol. Uma parte d'elle, quasi arrasada, todos os dias se desfaz um pouco mais porque os garotos do sitio lhe arrancam as pedras desunidas para os prêlios improvisados entre gritaria. No tópo, onde a rua alarga, foi em tempos praticada uma porta bastarda, provisoria, que nem mesmo tem hombreiras, batendo constantemente contra a caliça que se esborôa, prêsa por um aloquete que tem uivos de ventoinha nos dias em que o norte sopra mais rijo; os moradores do sitio, pelo ranger mais ou menos forte das quatro taboas mal pregadas, tiram conclusões sobre a direcção do vento. Para lá da porta, a mesma placidez socegada da rua continúa dentro de um pateo pouco largo, muito comprido, que esbarra bruscamente com o muro do jardim da Estrella n'uma perspectiva fugidia, esbatida no verde escuro da massa de paulonias que se debruça curiosamente por cima do parapeito. Nunca por ali anda ninguém. No recanto, quatro

carroças que parecem abandonadas, erguem os varaes obliquos, simulando estranhos gestos de supplica; uma cabeçada esquecida, d'onde ainda pende uma barbêla ferrugenta, apodréce lentamente, dependurada em um d'elles. É costume arrumar a eito, d'encontro ás rodas, toda a lenha inutil dos caixotes da fabrica visinha. O pateo é quasi um vasadouro. Uma pilha de garrafas quebradas seintila vivamente ao sol, faiscando nas arestas agudas e cortantes do vidro. Desde as ultimas obras ficou ali um monte d'entulho, atirado em cogulo d'encontro á parede; todos os dias enegrece um pouco mais com o pó de carvão que lhe despejam por cima. Sobre este lixo disperso e abandonado, uma gallinha érra ao acaso, procurando vermes, seguida d'uma fila de pintos amarelllos que por vezes se extraviam, piam lamentosamente, empoleirados nos cubos das rodas ou nos gargalos das garrafas. Uma grande mó trazida para ali, abre uma nota de branco estridente, como um grande queijo 'serano, pousada ao pé do carregamento d'hulha. E justamente proximo da mó, no fundo do pateo, uma grande porta chapeada de ferro, rija, com as almofadas em velho carvalho escurecido a fungão, solidamente cerrada por uma fechadura macissa e enorme,—dá entrada ao barracão quasi arrasado, ainda coberto de telha portugueza, meio amouriscada, onde crescem hervas desbotadas e ralas. É a forja onde trabalha mestre Joaquim.

Os tectos altos perdem-se na sombra, damasquinados por teias d'aranha que se adivinham enormes, envolvendo os vigamentos do telhado n'uma renda cinzenta e ténue. A claridade que entra pela unica janella do fundo, apenas conse-

que tornar livida a noite perpetua do barracão, quando o folle descança. O lume ligeiro, quasi apagado, da forja, transmuda-se devagar desde o rubro até ás côres palidas, tem claridades cor de rosa, lembra, no alinhamento distante, uma grande estrella que tivesse cahido ali para acabar d'arrefecer e apagar-se. Quando um vulto passa entre a janella e o brazeiro, a escuridão cae mais densa, esquisitando, pelos cantos, sombras de mysterio que a perspectiva longiqua das cousas faz parecer baixas, atarracadas, movendo-se com a lentidão de gnómos que fossem ao mesmo tempo cyclopes arrastando massas monstruosas. Algumas vezes, uma das sombras sacóde n'um canto, um molho de barras de ferro e o tenir agudo e agro do metal vibra pelas cavidades tenebrosas, como se fôra a vóz possante e imperiosa que ordena e dispõe dentro d'aquellas paredes. Quando o aprendiz, por distração, por brincadeira, pucha só uma vez pela corda do folle, um brusco relampago vermelho absorve a claridade suja que tomba da janella, illumina instantaneamente o casarão sinistro, no crepitar mais vivo de milhares de faiscas que saltam do lume em scintilações caprichosas. Então, fitas escarlates correm com espantosa rapidez pela osatura poeirenta do telheiro, dão ás teias d'aranha a apparencia de longos laivos sanguineos e tornam rubras, destacadas violentamente no triumpho da purpura, as faces barbudas que se debruçam por sob o fôgo.

Mestre Joaquim, n'aquella manhã, veio para a forja muito mal humorado. Ainda pensou em perder meio dia; mas ao sahir, de madrugada, da rua do Patrocinio, uma chuvasinha miuda alagava a terra, cahia tristemente, sem cessar.

Mestre Joaquim encolheu furiosamente os hombros, rugiu uma praga--e resolveu-se pela officina. Mas ia molle. Depois d'atravessar o pateo, logo na entrada da porta, despiu o casaco alagado que, na azafama do levantar estremunhado, tinha posto negligentemente, sem camisa, por cima da camizola de lã grossa, de mangas curtas, com que costumava trabalhar--e sentou-se proximo do folle, a cavalo na bigorna, dando bons dias sêccos a dois ou tres tão molles como elle. Passou lentamente as mãos calosas pelos biceps desenvolvidos, tismados, deixou pender a cabeça com a expressão ausente e distrahida de quem pensa em coisas vagas e sem consistencia. Era uma longa face pallida, quasi tensa, de queixo proeminente, agudo, chupada nas bochechas, exhudando a miseria irritada das necessidades insatisfeitas. Uma barba negra e rala, mal plantada, encaracolava desleixada e suja, onde ficavam ás vezes desde a vespera, os pontos brilhantes da limalha de ferro. Tinha uma cabeça de rachitico seguramente plantada n'um cachão largo e forte, riscado por veias grossas, tendidas como cordas de rabecão, sumindo-se no decóte farto da camizola. E de rijo tinha os braços, dois braços musculosos, rudes, duros, desenvolvidos com exagêro no eterno manejar do martello e que não sabiam muito bem onde se empregar quando largavam o extenuante trabalho da bigorna.

Havia já quatro horas que o ferreiro ruminava coisas tristes da sua vida, n'uma preguiça regalada. A forja continuava escura e deserta; o aprendiz dormia n'um canto. Fóra, era o zenith da luz, meio-dia batia clangorosamente nas torres da Basilica. A porta do pateo abriu-se, desenhou

no adóbe negro da parede um rasgão por onde a luz entrava violentamente, em catadupas, fazendo desfallecer, mais rosado, quasi extinto, o fogo moribundo. Um pequeno de seis annos, meio cego pela transição, trazia vagarosamente um cabaz quasi tão grande como elle. Incerto e tonto, vagueou entre a ferragem da officina, procurando um caminho. Ao chegar junto do fogo, toda a face rosada, emoldurada em cabellos de tonalidades flavas, exprimiu uma grande curiosidade pelas sombras mysteriosas. Um par de calças vestia-o até aos sovâcos, preso por dois suspensorios de panno cru. E os seus dedos gelados, cobertos de frieiras, procuraram instinctivamente o calor do brazeiro. Então a voz do garoto, aguda, balbuciante incompleta, rompeu a noite do barracão:

—Pae! Aqui está o jantar.

O ferreiro deu um pulo, acordando bruscamente. O quê! Já meio dia? Pois mandriára toda a manhã! Um vago mau estar invadiu-o. E agora, de casa mandavam-lhe o jantar, o jantar laboriosamente calculado, cozinhado entre cuidados. E elle p'ra ali, sem fazer nada! Canalha! E talvez, mesmo, que o seu filho não tivesse comido; primeiro o pae, porque o pae trabalhava, sustentava os outros. Trémulo, pegou-lhe na mão gelada:

—Tu já comeste?

O petiz articulou n'um chilrear:

—Bebi café.

Uma onda de vergonha inconsciente tingiu as faces da creatura; lamentava n'um rancor surdo a sua manhã estragada. Em casa havia fome, todos esperavam n'elle, todos

contavam com elle. E o seu garoto, o seu filho, tinha bebido café para que elle encontrasse o jantar mais farto na hora do meio-dia, ao descanso. A escuridão do telheiro recolheu, afogou o soluço. O homem levantou-se de chofre:

—Espera... espera... Põe ahi o cabaz!

la trabalhar já, já. Voltou-se de subito para o aprendiz entorpecido:

—Eh! *Papa-ratos!* Vá... O folle...

De novo o clarão de purpura dissipou vivamente as sombras accumuladas. Outra vez a claridade da janella empallideceu, morreu. Pendurado na corda o aprendiz arrancava da hulha milhares de faíscas coruscantes, que interessavam prodigiosamente o pequeno sempre agarrado ao cabaz. O folle roncava, uma chamma branca, espalmada, subia muito alta. Todas as poeiras cinzentas, sobrepostas, do carvão, scintilavam com reflexos metallicos, a forja tomava aspectos violentos d'uma larga caverna onde gigantes manipulassem monstruosas fusões de metal; do tecto as teias d'aranha pendiam em farrapos, nitidamente recortadas na claridade vibrante, dançando, forçando a galopar pelas paredes sombras imprecisas e disformes. N'um canto uma grande caldaira de cobre inundou-se de reflexos avermelhados, como um sol incandescente que bruscamente tivesse surgido das vastidões tenebroças do infinito. Na apothéose brutal do fogo todos os detalhes do barracão esguio surdiam,; dos angulos escuros, os arcos de pipa, os cintos de roda, amontoados e informes, deixavam passar a luz pelos intervallos, pareciam em renda a um tempo delicada e hirta. E as bigornas polidas, apanhadas d'esguelha pela reverberação in-

tensa do brazeiro mostravam derreter-se, espalhar pelo chão largas manchas còr de prata líquida, com veios azulados do aço constantemente batido.

O ferreiro agarrou n'um martello de tres kilos, arrega-çou mais as mangas curtas da camisola. Ó filho, possas tu para sempre desconhecer a bigorna!... Já um outro aprendiz retirára do fôgo as várás espatuladas d'uma grade de jardim, semi-forjada. O martello cahiu pela primeira vez, grave, lento, pausado. Depois, tomado de furia, precipitou o rithmo, allucinado, quente, soldado á mão que o brandia, vivo e irrequeto. O homem encolhia-se, retesava-se prestes a saltar na lucta macábra, despedindo a massa. Todas as cordas do pescoço lhe inchavam, desenhando relevos duros nos hombros fortemente illuminados. As bágas de suór corriam-lhe pela camisola, empapando a lã grosseira, encharcada já. Ó filho! filho!... No rôncar asthmático do folle, por entre o crepitar esfusiente das faíscas, o martello ensurdecia, o trabalhador tomava attitudes de panthéra armando o pulo, olhando fixamente a massa ignea com que luctava. No claro-escuro surgiu a visão immensa de uma figura diabolica atijando ebulições no fragôr espantoso de mil martellos. Uma reverberação d'incendio invadia tudo, alastrava e lambia. E no saltar das faúlhas o pequeno batia as mãos, divertido com o prodigio, sem largar o cabaz, rindo perdidamente da camisola ensopada do pae onde as gottas de suór desenhavam arabescos caprichosos, alargando os olhos claros n'um espanto sem fim para as faíscas que subiam e se apagavam de repente no céu escuro do barracão—como estrellas subitamente mortas.

NA PRIMEIRA LUZ

NA PRIMEIRA LUZ

Quando a noite começa a clarear vagamente nas alturas mais remotas dos céus e lá em cima o nascente dispõe a sua purpura diária e ephémèra, as grandes sombras apressadas que vão apagando os candieiros pelas ruas, transformam a velha passagem de Santo Antônio n'um escuro bêco de sombra, negro como o brêu, onde os vultos que recolhem se esfumam rapidamente na arteria tenebrosa, fazendo soar os passos sobre os passeios sonóros. O silencio calmo e pesado parece tornar o ar mais espesso, entorpecido com toda a modôrra subtil da madrugada. Aqui e além um grupo alegre sóbe devagar, a recolher, como que sem vontade, cruzando, entre gargalhadas, os que se levantam na hora em que tantos se deitam. Os passos são rápidos; as ruas sem luz diffundem um vago mau-estar; todas as sombras são suspeitas. E é quando o silencio se estende mais absoluto no recolhimento passageiro que precede o primeiro romurejar de vida, que, pela primeira vez, chega ao ouvido o rumor surdo, lento, continuo de qualquer coisa a rolar entre solavancos, pausadamente, para além das travessas sem luz e que parece a vóz constipada da cidade que se ergue, rôn-

cando empastada e furiosa. Descendo S. José, sahidos das hortas suburbanas, os carros de bois, carreando hortaliças, rolam em fila, surgindo espectralmente da escuridão como grandes massas difusas e incertas, novamente entrando n'ella aparentando phantasmas disformes e macissos, apercebidos de relance e que logo se desfazem nas trevas mysteriosas.

É já março. Mas n'aquella hora março é sempre frio. Para não gelarem sobre os legumes humidos, dirigindo os carros, sentados na trépa, com um aguilhão preguiçoso, os boeiros caminham junto da canga, agarrados ao tamoeiro; alguns dormem a andar, passando a mão pela bróxa, para se ampararem, confiados na sagacidade do boi que já conhece o caminho. Mas succede, ás vezes, que por cima dos legumes amontoados na carroça, atirados em cogulo, sobre um leito de couves gallegas que alastram uma grande mancha de verde escuro,—um vulto somnolento, enterrado nas folhas que escorrem, mostra apenas a cabeça pendulante, perdida de somno, simulando um repolho mais negro, atirado ao acaso sobre os tálos claros das lombardas.

A sr.^a Josephina já roía as unhas de impaciencia porque seis horas iam bater e na travessa das Gallinheiras não se via ainda chegar a carroça á descarga. Era uma das vendedeiras mais conhecidas da Praça da Figueira; tinha logar d'hortaliça e tinha bigode. Quando a ira a fustigava era formidavel; o lenço de ramagens escorregava-lhe para o pescoço tismado e muscuroso, um sôpro d'Apocalypse fazia-lhe rodopiar as saias de chita, tão desenvoltas, tão vertiginosas que toda a praça lhe conhecia os joelhos. Tinha o fallar agudo e cantante das mulheres de Afife, um voca-

bulario desembestado, aterrador, que arripiava. Era uma rude mulher que se extenuava de sol a sol, rija nos quarenta annos e que ainda á noite achava forças para zurzir o marido, uma creatura amorpha e encolhida que enfileirava entre as colarejas, no lado de lá da Praça, n'um negocio femenino de laranjas e de raminhos de violetas. A sr.^a Josephina era temida; ninguem como ella vilipendiava uma dama de chapéu, ninguem amolgava tão bem uma *penetra* que vinha de luvas para o mercado. Tinha pragas inéditas, maravilhosas, monumentaes, uma torrente de palavrões épicos que sahiem em caudal e colhiem u'ma immensa surpresa as linguas mais atrevidas. Era irritavel por natureza; estava sempre escura, sempre de mau humor, vendia aos sacões, offercia a fazenda com quatro pedras na mão. Era um terror vivo. Na face magra e esguia as maxilas pareciam furar-lhe a pelle pergaminhada; além do bigode tinha um signal de cabellos junto do queixo, que puchava com furor, perpetuamente. Os olhos pequenos, ramelosos, faiscavam-lhe, e ao minimo movimento, as duas grandes arrecadas que lhe pendiam das orelhas, dançavam desordenadamente, tão irritadas, tão furiosas como a dona.

Por fim a carroça acuou á descarga no passeio da Betesga. A sr.^a Josephina fulminou o boeiro, a quinta de Santo Antão, o hortelão-abbade, toda aquella canalha que nunca tinha pressa e estava no quente até ao meio dia. Raça de *bruguezes*! Pelo passeio fóra entre o tumulto da vozearia que alastrava, outras carroças descarregavam tambem. De cima, os homens atiravam os legumes um a um, contando em voz alta; de baixo, do escuro, apenas se viam as mãos

que os recebiam. As couves-flor voavam pelo ar, deixando rastros brancos, subitamente extintos, os mólhos de rabanetes vermelhos lançavam manchas de sangue ao passarem na claridade indecisa dos ultimos bicos de gaz acêsos. Junto do passeio uma garôta alinhava alfaces; e o verde tenrô espalhava-se nas pedras miudas, até junto da porta d'um talho, onde um boi aberto, esquaitejado, pendurado na ganchorra, mostrava as costellas sanguinolentas, d'um vermelho estridente, pingando ainda grossas gottas vermelhas. Do lado das gallinheiras o cheiro acre das aves accumuladas empestava; sob os pés as pênas rolavam, já tintas pelo sangue que enodoava o asphalto em poças caprichosas. Na vozearia o lamento differente dos animaes arrastava notas agudas no tumultuar violento dos interesses. Um jocoso, de mãos nas algibeiras, assoprou no pescoço d'uma colareja desenxovalhada: — Ah! Varina! Magana! Que gorda que és! — A outra, brandindo um pato que grasnava sem cessar, innundou-o de injurias. Chapinhando, a turba passava, apreçando n'um estrugir de vozes asperas debatendo interesses. Da banda dos talhos os cutelos relampejavam esbandalhando carnes rosadas. Um grande cesto pousado sobre um monte de gigas redosas, canastras etiquetadas do caminho de ferro, abanava constantemente, no esforço permanente d'uma centena de pombos que tentavam libertar-se; dentro, os borrachos arrulhavam espavoridos. Acotovelando a multidão, perfeitamente á vontade, dois mariolas dançavam o *vira viron*. E na luz que de momento a momento se tornava mais forte, os bicos de gaz, esparsos, perdiam a intensidade e os seus léques, de longe, pareciam laranjas

bem amarellas, suspensas no ar por um prodigio d'equilibrio.

Da nave alta, do intrincado das columnas fundidas que sustentavam os zincos do telhado, as longas azaletas envidadraçadas, um dia livido e espectral tombava sobre o oceano de legumes, que se estendia a perder de vista. Todos os tons do verde se amalgamavam nas claridades indecisas. O verde claro das couves lombardas irradiava, alastrava sem fim, cortado pelas rumas desarranjadas, mais escuras, raia-das pelos tons negros das portuguezas, das gallegas. Como festões, figurando cimalthas, nas' filas altas, os repólhos espalhavam o seu verde-agua, tão tenro, tão mimoso como os dos musgos novos, nos cantos de sombra e de humidade; aqui e além renques de couves-flôr riam mostrando as suas pôlpas brancas por entre as folhas amarellas, atrophiadas, que se encarquilhavam devagar. Sempre, por toda a parte, trepando pelas columnas, desfazendo-se pelo chão, es-corregando deante do jacto d'agua das mangueiras, solitario n'um canto, amontoando-se mais adeante em pilhas immensas, -- o legume tripudiava, installava a grosseira necessidade do ventre, percorrendo os cambiantes do verde, quasi branco nas alfaces, quasi negro nos bróculos, mordendo as gradações de quando em quando com o córte estridente das cenouras atiradas a êsmo ou dos nabos que aparentavam muros claros, d'argamassa recente. As couves de Bruxellas rugosas, minusculas, redondas, lembravam botões de rosa, que fossem verdes, decepados junto do calice; mais direitos debruçados sobre os vastos alguidares vidrados, onde mergulhavam as pontas das hastes na agua fresca, raminhos

de salsa desenhavam corôas, entrelaçados na segurêlha, curvados deante da hortelã vigorosa que erguia as folhas lancioladas. Uma linha ondulante de coentros, d'agriões, viajava em curvas caprichosas, sumida por vezes em collinas de chicorias erguidas sobre um tapete de grêlos. No ar espesso e carregado um cheiro sadio a terra e a verdura, pairava. E bruscamente o oceano de legumes, como uma vaga que desfalece, findava n'um littoral de rosas, d'azaleias, de lilazes, triumphando entre as avencas e os fetos, embalsamando a brisa aguda da manhã e que todas se inclinavam já tocadas de morte, para o chão gorduroso, como faces pensativas e tristes que buscam o fim supremo por entre a agitação tumultuosa dos homens.

No frio cortante as caras vermelhas escorriam suor. Eram oito horas, Um raio de sol bateu de esguelha na alta *marqueza* envidraçada. E subitamente o oceano de legumes mudou o seu verde por onde corriam agora milhões de linhas cor de rosa. A agitação diminuia no cançasso—mas sempre uma onda de gente passava n'um turbilhão alacre, agitada inquieta. A sr.^a Josephina estava estafada: havia quatro horas que não parava um instante. Ordenando á ajudanta a continuação da venda, foi-se regalada, de mãos debaixo do avental, até ao portão da rua da Prata, a respirar um pouco. A rua permanecia socegada, cahindo bruscamente n'um quasi silencio que brigava com o redemoinhar perenne do mercado. Na esquina do Rocio uma velhota apregoava jornaes, vultos rapidos seguiam com o lanche debaixo do braço; o relógio do Carmo bateu lentamente as oito, com as notas tão recortadas, tão finas no ambiente cristallino que

era um encanto ouvir-as vibrar e morrer sob o céu azul. Os fanqueiros do lado de lá abriam preguiçosamente as lojas, um marçano meio adormecido, a cavalo n'uma escada de thesoura, deixava pender das portas peças de *voaes* claros que esvoaçavam lentamente. Um electrico passou devagar. E pela Betesga fóra, de cima abaixo dos altos prédios, todas as janellas se conservavam fechadas, mudas discretas, com as cortinas de paninho cuidadosamente corridas. Os burguezes dormiam ainda. Só n'um terceiro andar uma estava aberta e deante d'um espelhinho pendurado no aloquete, um homem em mangas de camisa fazia a barba, olhando de quando em quando para a rua. E a sr.^a Josephina erguendo o punho irascível para as casarias placidas berrou exasperada:

— Corja de malandros!

AS VIDAS MUDAS

AS VIDAS MUDAS

O velho pratico levantou devagar o calice de *cognac* até á luz do candieiro. Contemplou um instante as mil facetas loiras do liquido côr de topasio, com o ar ausente e distrahido de quem segue uma ideia. Eram quatro á mesa e já no abandono do café, vagueavam n'uma bohemia de espirito, lenta e preguiçosa, perdida a correcção convencional que reinava antes do *hors d'oeuvre*. Um d'elles accendeu um charuto e o doutor, repousando de novo o calice, sem o chegar aos labios, concluiu, com vóz bem timbrada:

—Estas coisas, na provincia, são frequentes. Eu proprio, no meu canto das Pedras Rubras, não tenho sido outra coisa, em toda a minha existencia, mais de que uma vida muda. Mas ahí, os angulos da humildade forçada arredondam-se, pulem-se, acabam mesmo por ser agradaveis. No fundo do Minho ainda ha medicos como nos livros de Julio Diniz, sem ambições, sem esperanças. São felizes, contudo. Em Lisboa é differente. Scismo muitas vezes na multidão dos desherdados, dos *declassés*, e julgo bem que não ha miseria mais confrangedora do que a do individuo collocado fóra do seu meio. Os desgarrados, os extraviados que

arrastam constantemente consigo a sombra d'uma esperança inútil e morta, sem futuro, sem um simulacro de ambição, afiguram-se-me as creaturas mais desgraçadas, porque a única coisa que nos sustem de pé, a scentelha, não existe n'elles. As cidades são medonhas. Lisboa tem d'estas chagas formidaveis. E quando a gente as vê, perdidas na rua entre a multidão, e as adivinha subitamente, não sei que immensa nausea da vida nos invade e que enorme mágua de ser homem nos atravessa o espirito.

Eu conheci uma grande vida muda, uma vida muda typo. Quantas haverá assim! Vocês lembram-se do Albano? Todos vocês conheceram o Albano... Era do meu curso, formou-se commigo em 82. Era esperto, era vivo, era, sobretudo, um cirurgião perspicaz, subtil, um homem que tinha a habilidade innata do bisturi. Perdi-o logo de vista porque fui despachado para Alcacer do Sal. Quando o tornei a encontrar, uma duzia d'annos depois, ambos nós iam nos trinta e seis. Por esse tempo andava eu enredado em Bichat, procurava as *Recharches physiologiques sur la vie et la mort*, quando ao sahir do Antunes, alfarrabista na esquina de S. Julião, o encontrei. Tinha o mesmo aspecto de sempre. Mais velho. Alto, curvado, myope, lembrou-me uma cegonha esgrouviada e indecisa, com uns oculos na ponta do bico. Mas o que sobretudo notei foi o seu ar timido, encolhido, cosido com as paredes, n'uma vergonha de que parecia soffrer. Colheu-me a sua miseria dissimulada. Sabem vocês o que são os punhos esfiados que se mettem para dentro das mangas do casaco, as botas cambadas que se escondem, a gravata enrolada em corda, tão justa, tão poida

por sobre a camisa duvidosa? O Albano estava n'aquelle estado. Ia passar fingindo que o não via para lhe poupar o embaraço de ostentar o seu desleixo forçado, mas foi elle quem me chamou, effusivo, n'um grande abraço. Depois, n'uma voz lenta, desilludida, falou d'elle. Tinha casado, estava cheio de filhos, embrulhado em lettras, agiotas, todo o inferno da vida acanhada de Lisboa. Uma sorte de cão! Não conseguira nunca arranjar um esboço de clinica e em doze annos não pudera ainda alapardar-se n'um canto decente onde se mettesse com uma taboleta na janella, á espera de doentes. Todavia estudava sempre, com tenacidade, com furor. Tinha uma paixão pela bacteriologia; Pasteur era o seu deus! Na esquina de Santa Justa, o olhar morto do pobre Albano teve um subito lampejo de orgulho. Confessou-me que terminára um grande livro, um nobre livro sobre o bacillo da febre typhoide; continuava os trabalhos d'Eberth. Mas ficaria sempre em manuscripto e sempre ignorado; nenhum editor lhe pegava. E subitamente, com a vóz demudada, cahido do seu grande sonho, perguntou-me que horas eram; ás tres tinha de estar na pharmacia onde dava consultas. Vivía d'isso e da medicina d'um monte-pio. Vi-o fugir-me, apressado, pela rua da Arco do Bandeira.

Passaram-se muitos annos, por muito tempo não voltei a encontrar o Albano. Soube coisas pelos collegas. Sobre aquelle homem tinha desabado uma serie de fatalidades inverosimeis e nunca tamanha tenacidade se tinha embotado em tão grandes provações. Nunca levantou a cabeça. Quando vejo uma d'estas faces medonhas, paradas, terrosas, inexpressivas, que vão pela rua, por entre nós, carreando a sua

mágua, perseguindo o seu sonho, figuras de dôr, de desgraça, de lágrimas, figuras, onde podem dormir e extinguirem-se inuteis o talento e a aptidão,—lembro-me sempre do Albano. Porque este Albano foi soberbamente a vida muda. Tenho sempre a visão d'elle, evoco-o com os oculos pousados no bico, vergado, fantomatica personagem d'Hoffmann, olhando sem ver, mergulhando na choradeira dos filhos, atribulado com a conta do padeiro, pousando o olhar cada vez mais largo, cada vez mais velado, no seu manuscripto sobre o bacillo do typho, vendo cabriolar como um duende caprichoso o seu desejo impalpavel de triumpho e de tranquillidade. Quando novembro amanhece brumoso e a chuva miuda alága as ruas, vejo o Albano a tiritar no seu cheviote ligeiro, dobrando a cabeça sobre as bategas, subindo aos quartos andares, ás trapeiras onde o mandava o seu monte-pio, palpando pulsos, escutando sem ouvir, receitando machinalmente remedios baratos, *agua distilada cem grammas, iodêto de potassio cinco grammas...* Vejo-o nos quartos lóbregos onde as pustulas alastram na miseria, por entre a febre e a corrupção, impotente, desalentado, vencido, perdido na pavorosa cohorte das agonias abandonadas. Depois, quando a noite desce, adivinhava o Albano sentado á sua meza, escrevendo no seu manuscripto, suspirando talvez por um cigarro, sem o ter, aquella pobre creatura que durante cinco annos se sentou ao meu lado nos bancos da escola, teimoso, tenaz, *urso*, assimilando com larga intelligencia, apprehendendo com uma viveza que só podia desconhecer quem nunca tivesse cruzado o seu olhar faiscante. As sagradas vidas mudas! Que tinha faltado áquella? Um pouco de dinheiro e

um pouco d'audacia. O Albano foi uma obsessão para mim. E lembrava-me d'elle com uma piedade que estremecia mais aguda ao poisar os olhos nas taboetas da Baixa, nos consultorios dos primeiros andares onde se mostra sempre á janella uma carinha miuda debaixo d'um grande chapéu, como réclame, como chamariz. *Electroterapia, physiotherapia, raios X...* Ah! Que boa *blague*, que excellente *blague*! E o outro amarfanhado na sua agua-furtada da rua da Caridade, de botas cambadas, de barba por fazer, correndo pharmacias a dez mil réis por mez, subindo com um cansaço sempre crescente a interminaveis patamares, com mais talento, mais coragem e mais competencia... São assim uma legião em Lisboa. E eu comprehendo bem que haja creaturas a quem a vida fez descrever de Deus, descrever dos homens, descrever de tudo...

Aquí ha oito annos voltei a encontrar o Albano, ou melhor, encontrou-me elle. Provavelmente não me tinha perdido de vista porque se me dirigiu logo. Vi defronte de mim um homem glabro, alto, muito curvado, de cabellos brancos, com os oculos faiscando-lhe na ponta d'um nariz d'aguia. «Estou assim tão mudado—perguntou elle—ou não me queeres fallar? Sou o Albano.» Bracejou largamente, com as mãos enormes no ar e fugiu-me balbuciando. Notou, com certeza, o meu espanto. Soube, n'essa occasião, que um brasileiro vindo do fundo de Minas Geraes, e a quem elle salvara de um anthraz, ia montar-lhe um grande consultorio quando morreu subitamente, d'uma congestão. Era na epoca em que a mulher se lhe foi tambem, com um cancro no peito. E em casa aquillo era um horror, a filha mais

velha fugira-lhe com um caixeiro do Grandella, o rapaz dera em vadio. Entretanto o Albano, espectral, derrubado para todo o sempre, dava a sua consulta diaria, ás tres, na pharmacia do Silva. Era o seu ultimo bocado de pão. Quem visse aquelle pobre homem, de casaco no fio, de mãos geladas, de olhar esgazeado, sentado n'um banco entre dois boiões de sublimado corrosivo, a receitar calumelanos ou agua phenica, não supporia estar alli um grande desventurado. E julguei uma mercê da Providencia, uma noticia que me deram um dia, lá nas Pedras Rubras, no anno passado. O Albano tinha morrido. De facto assim era. Recebi, tempos depois, um embrulho e uma carta. Era uma coisa laconica e indifferente: — «O dr. Albano morreu na enfermaria de Santo Onofre, no Hospital de S. José, e encarregou-me de lhe mandar o embrulho que junto remetto pelo correio.» — Assignatura illegivel. Abri o embrulho; era o manuscripto sobre os trabalhos d'Eberth.

Decerto, n'esse momento, toquei no fundo da amargura humana. Aquelle manuscripto remettido para mim, um simples condiscipulo, quasi um estranho, provou-me que o Albano não tinha mais ninguem a quem o deixar. Ou talvez elle me advinhasse! N'essa tarde fui d'uma tristeza lugubre. Como ha creaturas desgraçadas, creaturas de amargura e de soffrimento, que nunca pela vida adeante tocaram com o dêdo sequer, na méta que ambicionavam! Folheeí n'aquella noite o livro do pobre Albano. Era a obra magnifica e ignorada d'uma vida, carregado de notas, d'alterações, com uma preocupação constante de elegancia e de estylo, o largo vôo d'um artista com a solida base de um homem de sciencia.

E de novo me surgiu o pobre corpo emaciado, triste, miseravel, gasto e que, todavia, tinha agido e pensado como um homem superior aos outros homens. A minha lampada baixou um pouco. Puz os cotovellos sobre as folhas amareladas pelo tempo e n'uma onda crescente de emoção e de piedade, sentindo subir em mim o grande soluço humano, pensei na miseria cem vezes sagrada dos vencidos...

O doutor calou-se bruscamente. Em volta o fumo lento dos charutos subia, mais espesso. De novo levantou o calice de *cognac* até á luz do candieiro, com o ar ausente e distraído de quem segue uma ideia. E affastando com a mão qualquer pensamento importuno, recostou-se no espaldar da cadeira—e bebeu o seu *cognac* com delicias.

AS AGUAS DO RIO LARGO

AS AGUAS DO RIO LARGO

Às onze e meia o *Malange* começou a despegar da muralha. Quatro marujos da Empreza puxaram a ponte enquanto na prôa outros relaxavam as cadeias de ferro que sahiam esticadas dos ovens. A charanga de bordo, no estridor dos metaes roufenhos, atacou um *passa-calle*; no caes a onda negra dos que ficavam, oscillou um instante, redemoi-nhou, debruçou-se a perder o equilibrio, na extremidade das lágés; a sereia mugiu poderosamente, n'uma ultima despedida e devagar, como que saudoso já, o velho paquete começou rasando os mólhes, impellido pela primeiras voltas do helice.

Foi n'essa viagem do *Malange* para os portos d'Angola que elle partiu. Tinha vinte e cinco annos, deixava a mãe já velha, já tropega, emmagrecida em quinze dias com tanta rapidez que o mantelete negro e coçado pendia-lhe agora dos hombros, como d'um cabide. O dr. Lima arrangára-lhe um vago emprego, lá no fundo de mil diabos, na circumscripção d'entre Icolo e Bengo. Era duro, era incerto mas a necessidade era mais dura ainda. E desde o instante em que decidiram a viagem até á hora amargurada em que o

barco largou, passaram dias de dolorosa expectativa, de longos olhares mudos e desesperados, acreditando ainda n'um milagre que desfizesse aquella imposição da fome. E como nada tinha vindo e o céu permanecesse indifferente, isolados, perdidos no bulício dos interesses egoistas, os dois fortificavam-se para a ausencia. A mala fôra feita na vespera, entre lagrimas devoradas em silencio, passaram a noite n'um somnolento delirio exacerbado pelos soluços que irrompiam. Ás dez estavam no caes, entravam timidamente no heliche de segunda, na amura d'estibordo, com uma vigia exigua e suja d'onde tombava uma luz baça.

Ha dôres, que sondam o coração dos homens até ás suas mais remotas profundidades; o poema mudo de duas almas que vão separar-se é o mais lancinante, o mais desgarrador de todos os poemas. O vapôr ia quasi vasio; o caes estava povoado d'indifferentes. Na largada, o pavilhão subiu á ré, ondulando devagar na adriça bamba; espalhados no *spardeck* os raros viajantes saulavam para terra, com gritos joviaes, abafados immediatamente pelo estridor metalico do *passa-calle*. E na desolação quasi jubilosa d'aquella rara partida, a tragedia sem palavras desenrolou a sua desolação abominavel, cavou rugas que nenhuma felicidade desfaz mais. O vulto negro que ficára no caes, dobrava convulsivamente os hombros, sacudindo os vidrilhos do mantelete que faiscava sob o sol; nas mãos nervosas e tremulas um lenço branco adejava, os olhos obscurecidos, sem vida, concentravam-se n'um ultimo fulgor n'aquelle ponto pequenino, debruçado na amurada, derramando lagrimas, com largas pupilas dilatadas e que não viam; e dos seus

labios, como uma prece interminavel, monotona, lamentosa, o mesmo suspiro estrebuchava n'um estertor: ó filho, filho, filho...

O *Malange* precipitava agora um pouco mais a sua marcha, arfando ligeiramente nas aguas crispadas das *Bai-ladeiras*. Pelo travéz de bombordo o pontal de Cacilhas resvalou a menos de duzentos metros e justamente n'esse momento o *Lisbonense* atracava, uma onda de viajantes espalhavam-se pelas ruas que levam a Almada. Depois a falia cahiu a pique sobre o rio, com as fabricas alinhadas, brancas, mudas no descanso do domingo, enfileiradas ao nivel da agua, perfeitas e minusculas como brinquedos de Nuremberg. Do outro lado ella palpitava sob o sol do meio-dia, magestosa e serena, recortando-se no fundo immenso do azul doce e meigo. E era branca e pura vista de longe auréolada já de saudade, contemplada atravéz do nimbo irisado dos soluços.

A querida cidade corria mansamente, deslisando como uma fita perante os olhos marejados, debruçados no *deck* de meia nau; no alto das Chagas, colladas ás grades, duas manchas pretas, minguadas como cabeças d'alfinetes, olhavam, immoveis. Ao lado as olaias do jardim dobravam a um tempo na caricia preguiçosa do vento. Um penacho de fumo subia muito ligeiro, vagamente ondulante na placidez do dia; em baixo um electrico resvalava açodado pelo Aterro, como uma bola amarella que escorregasse celere pelos ba-saltos. Em Santos todo o muro da legação franceza, bordado de lilazes que espreitavam pelo topo, por entre as revoadas de pombos, mostrou um momento a sua grande man-

cha cinzenta—e passou logo, devorado pela casaria constante que se succedia, esguia, acavalada, trepando em desordem pelas colinas. N'aquella altura o rio largo começava espalhando com mais grandeza as suas aguas sempre limpidas, sempre maravilhosamente claras e as margens affastavam-se hirtas, acolhedoras, esfumadas já na neblina da distancia, como que abrindo-se, indicando as superficies longiquas e inquietas onde revolteavam, no horizonte, rolos de fumo tenue e indeciso. Para traz ficava aquelle farrapo escuro, soluçando sobre o caes, n'uma tristeza sem fim—ó filho, filho, filho...—acenando com um lenço ensopado. E toda a doçura da cidade onde se nasceu e onde se vive era, n'aquelle momento, uma cousa vaga, esbatida na sombra das coisas que não voltam mais. O presente estava agora para além do Bugio, muito para lá, no fim dos oceanos desconhecidos, *longe, por esse azul dos vastos mares, na solidão melancolica das aguas...* Se era assim! Se pela fatalidade das coisas devia ser constantemente assim até ao derradeiro dia! Para que uns rolassem mólles e languidos através dos confortos das cidades, outros trilhavam oceanos, desapareciam no fundo dos sertões, arrastando inenarraveis misérias. Mas a vida, para as almas fortes, não era uma injustiça e só póde conhecer a grande e soberba ventura quem uma vez suspirou e se desesperou por ella! Deixar! O mundo é grande. E já reconfortado o seu coração de luziada aventureiro, o espirito do homem evocava aquella rua placida e socegada junto de Pedrouços, onde uma capellista sombria tem por taboleta um sol nascendo n'uma planicie amarella com o letreiro a letras vermelhas:

—*O sol quando nasce é para todos...* Era para todos, com effeito.

Outros olhos se pousavam bem abertos nas margens ridentes. Nas gaiutas da ré, nos cantos mais abrigados do tombadilho, faces pensativas pesquisavam a terra que fugia. E todo o convez trepidante tinha, n'aquella hora, o recolhimento d'uma igreja onde se falla em voz baixa, abafando os passos. Das colinas chegavam rumores quasi extinctos e que expiravam pelo ar cristalino; sobre uma mesa de verga um *stewart* servia *champagne* a dois fazendeiros que lamentavam a baixa do cacau sobre Liverpool; um bando de creanças estende o taboleiro do *burro*, ensaia os preliminares do jogo. Entre um padre das missões belgas e uma ingleza loira, de torna-viagem, calçada de branco, que lê com negligencia indifferente um velho livro de Tennyson,—um capitão do ultramar folheia o almanach do exercito. D'uma chalupa que passeia ao acaso, baloiçada violentamente pelas proximidades do helice, um tiro parte, uma grande gaivota cae devagar, abrindo as azas na quéda e agonisa sobre as aguas. O marulhar é lento, quasi indistincto; a todo o instante fragatas de velame inchado pela brisa cruzam o paquete n'uma bolina tão cerrada que a borda de sobre o vento rasa as superficies liquidas, n'um grande estremecimento d'albatrós ferido. E os araes, debruçados á pôpa, gritam palavras que o vento dispersa. A bordo, um sino tange vivamente annunciando o primeiro *lunch*. E emquanto a tolda se despoeva dos indifferentes que não teem patria, as faces d'exilio pendem mais sobre a amura, enclavinham os dêdos no rebordo do corrimão, deixando escorregar uma lagrima silenciosa que a

aragem volatista logo. Magestoso e sereno o barco singra, affasta as espumas que espadanam e as ondas crispadas que esperam a volta, ciciando despedidas, todas revestidas d'azul, todas embebidas em azul,—lambem-lhe o costado n'uma ultima caricia, dão-lhe o beijo affectuoso do rio largo, do bom e querido rio que humedece as margens maravilhosas da incomparavel cidade natal.

O *Malange* deixava á esquerda a torre do Bugio. A cidade sumia-se; na expectativa silenciosa das cousas, o paquete abandonava as aguas do rio largo. Já toda a enseada de Cascaes offerecia a curva molle do seu littoral povoado de palacetes e de verduras. Por sobre a cidadella uma bandeira tremulava, batendo o espaço como uma grande ave captiva. E para o sul, até ás brumas do Espichel, a oira branca da vágua desenhava a margem das queridas terras de Portugal. Em frente o mar era sem limites. Uma grande paz cahia, a agitação de bordo acalmava-se lentamente enquanto o homem, sempre encostado no *deck*, scismava vagaroso. Para alêrn, para cima, ficavam o caes, a mãe, a cidade, a patria, a humilde alegria dos simples. Era a vida! Era a vida! Depois, quando aprouvesse a Deus, inesperadamente, tudo aquillo acabava no socêgo d'uma cova. E prompto! Todas as emoções, as maiores, até a absorpção dolorosa de todo aquelle espaço que fugia, cabiam em quatro taboas mal pregadas... Mas quem pode morrer nas tardes esplendidas de sol? Um adeus, um grande adeus ás aguas do bom rio largo que ficava para alêrn, entre as terras—e depois em frente. Claro Tejo, velho Tejo, até um dia em que possas surgir de novo, sempre manso, sempre

leve, arrastando barcos carregados de esperanças e de dôres. Agora que a velha terra é apenas uma linha confusa e incerta, a existencia, a unica existencia, é a de bordo. O coração do barco palpita nas pancadas surdas e constantes do helice e um pouco da grande alma que ficou para lá das montanhas, tambem vem a bordo—porque á tarde, na hora crepuscular, quando os astros espreitam e os horisontes esmorecem, um realejo da terceira classe lança notas cortantes, arrastadas e uma ou outra vóz molhada ergue-se no ar limpido e canta cousas tristes, cousas enternecidas da adorada terra, da sagrada terra pequenina—que não pode sustentar os filhos todos !

A AVE DE PORTUGAL

A AVE DE PORTUGAL

Pedro e João estavam sentados na banquetta d'um aroxe abandonado, da retaguarda. Do céu cinzento cae, sem interrupção, uma chuva miuda e gelada. Os dois encolheram-se debaixo da saliencia de uma pilha de fachinas e olham pensativamente para o fundo do fôssco transformado n'um caudal que arrasta uma agua barrenta e suja. Para além, na immensa planicie amarella e nua, meia duzia de troncos esparsos, esgaihados, sem folhas, erguem-se soturnamente, como braços isolados que imploram sem esperanza. A luz é de chumbor na hora crepuscular. No horisonte, todo em volta do enorme semi-circulo, alteiam-se constantemente nuvens de terra que os obuzes levantam em repuxo. Para o sul, muito longe, uma herdade isolada fuméga, e o fumo sóbe muito direito, diaphano e transparente no ar carregado. O canhão trôa n'um ribombar longiquo, constante, com a formidavel vóz surda do trovão. Pedro e João, desgarrados da quarta companhia do Dois, conversam. Pedro tirou o relogio da algibeira e disse :

—São seis horas.

João levantou os olhos, contemplou vagamente as clari-
dades que se iam e concluiu :

—É quasi noite.

Pausa. João constatou :

—Chove.

E Pedro retorquiu :

—Chove.

Com as mãos esquecidas sobre os joelhos, os dois olha-
ram com atenção as cordas d'agua que escorriam pela es-
carpa. Um *schrapnell* silvou proximo com estridor. Pedro e
João permaneceram indifferentes. E João murmurou devagar :

—Tambem lá choverá assim ?

Pedro sorriu :

—Ah ! Não ! Lá, quando chove, é de outra maneira...

É quente !

—E os goivos das Albertas regalam-se todos !

—O rio fica todo branco...

—O Pires põe logo os taipaes da pharmacia...

—E a sôpa sabe melhor na cozinha socegada...

Pedro e João calaram-se, escutando. Do espaço vermelho
uma batega cahiu mais violenta. Uma bateria occulta lança-
va clatões sanguineos para lá do horizonte ; devastava ru-
gindo. Pedro perguntou a João :

—Lá tambem serão seis horas, oitenta e oito ?

--Não sei. Naturalmente tambem devem ser...

—Era a hora em que eu sahia com as vaccas. Choca-
lhava as bilhas e subia logo a calçada do Salitre... *Chêga*
lá, chêga... Bebia um, na taberna, para aquecer, servia por
ali acima toda aquella gente. *Chêga lá, chêga...* Depois

as luzes iam-se accendendo pela rua adeante e eu já não via bem as cáras. Quando chegava a S. Mamede, para lá da rua do Arco, já me custava a distinguir o zimborio da Estrella... Mas a noite fechada, lá, é toda cheia de gritos e de cantigas...

—Passam electricos...

—Ha sempre um typo que assobia...

—Uma velha que se arrenéga com os garotos...

—Boas noites p'ra aqui, boas noites p'ra ali... Na esquina do Rato encontrava eu sempre a Andreza velha, á porta da capellista...

—Era bom!

—Era.

Em silencio os dois meditavam. Um suspiro subiu, ligeiro. Pedro e João olhavam sem ver, a immensa planicie amarella e nua. João sacudiu um pigarro teimoso.

—Tens saudades, oitenta e oito?

—Eu tenho. E tu, vinte e quatro?

—Tambem eu. A terra é boa e meiga. Tenho saudades do meu bairro, da rua do Carrião onde conhecia toda a gente, por onde subia todas tardes, por esta hora, ao voltar da officina. O Silva tem lá mercearia e eu entrava sempre a fazer as compras da minha velha. Que estará o Silva a fazer a estas horas?... Sempre havia laracha, palmadas...

—Passava-se um bocado...

—E de manhã, ao sahir, o ar era tão bom! Eu cá, pelas abertas, olhava sempre para a Costa do Castello e p'rá capellinha do Monte. Logo de manhã teem claridades lindas... E depois, até ao Corpo Santo, ia cocando aquelles typos

todos, que vão trabalhar com o dia. Via o homem dos jornaes, a mulher da hortalica, a velha que vae vender rins para os lados de S. Christovam... E fallavam todos em portuguez, que era um gosto ouvi-los...

—Pois é! Isto aqui é lingua de pretos! E sempre a chover! Sempre a chover!

Um obuz desgarrado rebentou a dez metros, levantou uma columna de pedras, afunilou. Pedro e João sacudiram negligentermente a lama.

—Ó vinte e quatro? E o homem do mexilhão, lembra-te?

—É verdade! D'aqui a pouco começa elle a andar por lá ás noites, pela Madragôa... *terre, terre mexilhão*...

—E a garota do burrié?

—E as castanhas, oitenta e oito? E as castanhas? Já te não lembravas... Vão começar agora...

—Parece que estou a ver o typo das barbas com a petizada á roda, a aquecer as mãos no sacco... E a mulher do largo da Esperança, que vende batatas fritas! Como eu me lembro d'ella!

—E eu tambem.

—Lembro-me de tudo. Até das cáras!

—E eu tambem.

—Lembro-me da hora do meio dia, quando o sol parece que racha as pedras e a gente vae a correr junto da sombra das paredes; lembro-me do momento de largar o trabalho para o jantar, da málga bem cheia que se come á beira do passeio, dos typos que passam a olhar p'ra nós... E agora que penso n'isso de longe, até me parece que elles

olhavam para mim com amisade... Lembro-me de tudo, de tudo...

—E eu também.

O rumor surdo approximava-se agora cada vez mais. Lá em cima, muito alto, o dia acabava d'extinguir-se. Um projector surgiu para além das linhas, como um grande olho curioso e faiscante. E do lado, muito perto, n'um fragor infernal, outra bateria abriu um fogo violento e subito.

—Ó oitenta e oito?

—O que é?

—Lisboa é linda, pois não é?

—Linda, sim, linda... É nossa... É lá que está a minha mãe... a tua...

—Não fales n'isso, oitenta e oito, não fales n'isso! Olha que ellas podem ouvir-nos e desatam a chorar...

—Tão longe?...

—As mães ouvem a todas as distancias.

—É talvez por isso que nós gostamos tanto da nossa cidade—é porque as temos lá. A mim, o que mais me custa é não poder ver a minha terra ao menos meio minuto todas as semanas...

—Ah! O que farão elles por lá!...

—Se fosse ao menos possivel a gente ver qualquer cousa que nos lembrasse a cidade...

—Gostavas?

—Se gostava!

—Está muito longe, oitenta e oito!

—Está muito longe, vinte e quatro!

Pedro e João emmudeceram num silencio muito largo.

Na esquerda, uma fuzilaria violenta estrepitou e defronte, uma outra linha de fumositos léves denunciou uma fila sinuosa d'atiradores. Na sombra um grupo passou n'uma carga furiosa, como nos quadros d'Ingrés, esfumada, fantomatica por entre as cordas d'agua. E as bayonetas relampejavam. N'um rumor confuso as secções desdobraram, convergentes; as metralhadoras ceifavam com viveza a seara humana, com o estridor do pano que se rasga. Um grande canhão trovejou tão perto que o ar abalou, repercutiu mil clamores. E subitamente João deu um grito, ergueu um braço, apontou:

—Vinte e quatro! Olha p'ra ali! É Portugal! É Portugal!...

No rônco agreste do motor, um biplano passava muito baixo, a cincoenta metros, instavel ainda. Tocada pela derradeira luz, nas azas brancas, destacava-se violentamente a esphera armilar, emoldurando o escudo das quinas, vermelho, com os sete castellos esquartelados, tão velhos, tão errantes pelas aguas sem fim dos mares, e tão moços ainda na gloria infinita do poente. Do alto um ponto negro debruçou-se, acenou. E uma vóz clara, nitida, bem timbrada, cortou os espaços:

—Rapazes!

Pedro e João olhavam. A ave subiu ligeiramente. E caminhava para alem, para o desconhecido, vertiginosa atravez do céu cinzento d'onde tombava a chuva infindavel. Em volta d'ella flócos de fumo leve desfazião-se no rebentar das granadas com balas. A ave subia sempre. Levava n'uma altivez os sete castellos, tão velhos, tão moços. Foi uma aguia; era a Patria! Depois, mais longe, no ceu immenso,

foi um gavião, um besoiro, um ponto preto, imperceptível. A Pátria estava ali, no ponto preto que levava a terra, a cidade, o lar, a mãe, o sabor suave e doce da Lisboa distante, nas cinco chagas, nos trinta dinheiros. Era enorme aquelle ponto pequenino ! E Pedro e João, oprimidos, silenciosos no clamor da batalha, durante muito tempo seguiram com a vista a ave de Portugal, contemplando n'ella a cidade sagrada que repousava muito longe, toda inundada de sol !

OS DOLOROSOS



OS DOLOROSOS

Em todo o comprimento do caes de Santa Apolonia, quasi até Nabrégas, costumam estar ali, na attitude soffredora das creaturas sem vóz e sem direitos, enquanto os carroceiros se espalham pelas tabernas do sitio, com o chicote entre os joelhos, a comer, de fugida, um pedaço de queijo d'ovelha espalhado n'um quarto de brôa. Por debaixo do telheiro infindavel do caes da estação, aproveitando a sombra escássa dos alpendres, os bois acuados aos varaes, com a canga da carroça desatrelada, a dois metros do chão, raspam cavamente, com o casco bifido, as pedras da calçada e deixam errar pelo solo, ao abaixar as armações, a ponta aspera da piarça. As galeras apoiadas na valêta, todas parallelas, mostram de esguêlha e de longe a perspectiva de trinta cabeças de cavallo, com as alcofas de palha, suspensas nos entre-olhos, desenfreadas, de barbêla solta, mastigando a ração parca. Todos aquelles entes obscuros e mudos esperam n'uma resignação a hora do seu calvario. E só aqui e alem, atrellado a uma carroça ligeira e vazia, que pertence a uma mulher de hortaliça desgarrada por aquellas

paragens, um burro d'orelhas constantemente espetadas orneia e commenta no seu commentar de burro.

Ao pé d'uma horsa normanda, escanzelada, cheia de bubões e de grossuras, com a agulha tão magra que toda ella era uma chaga medonha alastrando entre a coelheira e o passa-guias, o carroceiro surgiu resmungando, no gesto intraduzivel que junta na mesma acção o unir do cóz das calças e o apertar da cinta vermelha. Vae carregar. N'um repellão, triturando entre os dèdos de ferro as narinas do cavallo, encostou ao caes o taipal da carroça. Caixotes cahiram de roldão, atirados por outros brutos, lá de cima; entre graçólas pesadas, offertas barbaras de vinho e de murros, os racionaes, n'uma celeuma sem pensamento, empilhavam fardos sobre fardos, enquanto o irracional reflectia, talvez, collido na insondavel cogitação dos entes que se suppõem sem alma. O carroceiro chegou-se então, mastigando ameaças, ageitou a cabeçada, apertou melhor a cilha, passou a mão calosa pela rabicheira—e trepou pesadamente, empunhando o chicote facil. Foi então que o bicho estremeceu; todo o seu velho corpo pellado palpitava, agitando as pernas, como se quizesse correr. E a vacillar sobre as patas, extenuado, n'um galope lento, coxo, em sobresaltos, o sêr dolorido, anquilosado e hirtto, de pescoço estendido e d'orelhas baixas,—arrancou.

A carroça, carregada em cogulo, com o carroceiro no tópo, hilariante e descuidado, voltou devagar o angulo do Museu d'Artilharia, enviou para a rua do Paraizo, que estende a sua ladeira ingreme até aos largos espaçosos de Santa Clara. Nas portas, comadres bracejavam, atulhavam

as mercearias n'uma actividade ensurdecedora. E pela calçada suja o exercito innumeravel dos gatos aquecia ao sol as mazélas ensanguentadas que faziam o gaudio e eram o alvo da garotada. Um, esqueletico, còr de cinza, com um còrto risivel e trémulo a substituir-lhe a cauda, abria as largas pupillas de felino, equilibrado na aresta aguda de um muro; e os ossos furavam-lhe a pelle puida e gasta de velho pergaminho. Para além, outros, dormiam a êsmo, enganando fômes. D'um segundo andar uma bichana branca, gorda e anafada, com reflexos metallicos no pêllo sedoso, —presidia, ronronando. Em attitudes langorosas, repassadas d'abandono cheio de desdem, o exercito cessou as suas occupações individuaes, pensativamente contemplou o irmão cavallo que passava. Os olhos glaucos, carregados de mysteriosos effluvios, suspenderam os raios de noite, as espinhas arquearam repletas d'hostilidade. Depois Minagrobis relembrando, talvez, os tempos em que fôra soldado da Gata Branca e se chamára Rodilardus ou marquez de Carábàs, —acamou n'uma resignação placida, indifferente ás agruras d'aquella escuridão que deambulava atrellada a uma carroça. Mais acima um boi, jungido á canga, mugiu, saudou, encorajou n'um longo olhar dos olhos limpidos, humildes e enormes. Os dois dolorosos cruzaram-se de relance, cruzando tambem, n'um momento, as suas grandes dôres mudas. E enquanto um descia, ruminando, lento, as secretas maguas que os homens desconhecem, trepava o outro ao seu calvario, vergando pelos curvilhões. O chicote estralejava por vezes, listando de manchas lividas a carcassa despelada. Fugida d'um pateo, uma gallinha esvoaçou debaixo do

focinho do irmão cavallo; os pintos piaram lamentosamente. Nas tillas quasi n'úas um melro deu-se a gorgear com desespero. N'um assombro um cão contemplou; a longa cabeça intelligente teve um rictus de piedade animal, profunda, magnifica, muda, extra-humana. E em Santa Clara, duas vaccas, caminhando pausadamente adeante do leiteiro, segredaram juntando os córnos. No seu mugido arrastado diziam:— Ai! pobre do irmão cavallo! Ai! pobre do irmão cavallo!...

Fol quasi na esquina de S. Vicente que elle abateu. Os cascos dianteiros resvalaram na calçada que faiscou subitamente no riscar das ferraduras; um dos varaes da carroça, agudo, resvalou pela coelheira e amparado na cataplasma fincou a ponta esguia no arcaboço crispado d'estremecimentos. O carroceiro desceu n'um prompto:

— Má rai's te parta!

Os pombos do paço patriarchal espreitaram, arrulhando com animação. N'uma chuva de pragas, agitando furiosamente os braços, o conductor começou a desatrelar. A voejar por entre as arvores, na luz já plumbea da tarde, o mesmo melro extenuava o gorgear cristallino e agudo. E cantava o melro as desgraças dos dolorosos mudos e supplicantes, amigos do homem, servidores do homem, agindo e morrendo nas trevas tão espessas do instincto. Por toda a terra era assim, os entes inferiores, sem direitos, sem palavra, carregados, esmagados, formavam uma cohorte innu-

meravel, immensa... Nas cidades escuras, nas ruas interminaveis, acuados nos vãos das portas, os gatos anquilosados, esqueleticos, agonisavam de fome, sem força, n'um miar plangente. Outros lambiam chagas estendendo a unha angustuada, fazendo relampejar os olhos desvairados por entre a indiferença placida dos humanos, conservando as attitudes esphingicas que foram sempre a preocupação dos sábios austéros e dos poetas contemplativos. E o melro—que bem podia ter conversado com S. Thomaz d'Aquino e talvez, outr'ora, na Umbria, distrahisse 'a solidão fecunda do Pobrezinho d'Assis—gorgeava triumphalmente o hymno generoso das creaturas infimas que povôam o globo vasto e são outras tantas obras do infinito poder da Mãe-Natureza. No trinar desfilavam formidaveis, sem fim, erguendo, um por um, os olhos meigos, carregados de espanto, todos aquelles que ninguém entende, todos aquelles que ninguém ama. Uma nuvem amarella enchia a frente larga; milhares de canarios empurravam uma grade unica, immensa, que era feita de todas as grades das gaiolas incontaveis, espalhadas pelas trapeiras; e os olhos-contas tinham crispações de desespero; atraz, pintasilgos escuros pipiavam de envolta com tentilhões, ensurdeciam de lamentos, rodeando um pato que grasnava na saudade atavica dos pantanos á luz crepuscular dos outomnos. Mas depois, n'um fragôr de cadeias arrastadas, n'um uivo doce, cortante e permanente, surgiam os cães; e de cada pescoço, de cada colleira, pendia um pedaço de corrente gasta e puida pelo roçar das pedras. Outras manchas mais pesadas, mais negras, avançavam n'uma fatalidade resignada; e aquelle que figura na Grecia

pagã por ter sido o companheiro de Silêno, aquelle, protegido de Deus, que entra na Palestina biblica e fala com doçura a Balaão, arrastava-se paciente e silencioso, revolvendo as dôres do seu viver. Innumeros vultos seguiam cerrados, amparando-se mutuamente. Em todos havia a tristeza impessada estendendo véus cendrados no rumor surdo que era a *hossannah* dos dolorosos. E o melro de Santa Clara trinava todas estas coisas leves e pungentes, debruçado na agonia do irmão cavallo.

Sempre n'uma ladainha praguejante, o carroceiro desafivelára os tirantes, alargára as retrancas, aliviando o animal. Em torno, um circulo de curiosos olhava, fervilhando de commentarios; surgiam as chufas áquella equipagem tão velha, tão desmantelada, rodando pelo esforço constante d'uma horsa que já nem tinha forças para abanar as orelhas. Parecia coisa de troça. Pois não era a falta de recomendar ao patrão que largasse aquella azêmola. O homem, largando o chicote, atirou-lhe um pontapé, rosnou n'um frémito de raiva:

—Malandro!

Já com os varaes da carroça no ar, puxou-o pelo bridade. Por sua sorte até aquella estupada lhe desabava ao fim da tarde, na hora em que esperava já estar estendido n'um canto da cocheira. A massa escura, espalhada na rua, quasi que se não moveu. Por todo o corpo do bicho passou um ultimo estremecimento; agitou as patas apressadamente, n'um espasmo desordenado. Os olhos enormes fitaram uma ultima vez o algôz, n'um perdão suprêmo, talvez. Depois a cabeça cahiu de novo, pesada, nas pedras da calçada. O grupo

de curiosos commentava com maior animação. Um garoto silvou de longe, a uma distancia razoavel do chicote :

—Eh ! Bruto ! Não vês que elle está morto ?

Com effeito o irmão cavallo, com um longo suspiro, tinha entrado na redempção luminosa do não-ser.

O melro trinava sempre.

ENSINO DOMESTICO

ENSINO DOMESTICO

Logo que amanheceu, com as primeiras claridades sujas do dia que filtrava atravez das portas de pau, o sr. Theotónio acordou. Toda a angustia dos dias passados se lhe avivou logo, no primeiro abrir dos olhos. No quarto ao lado a filhita agonisava, eram vinte do mez, não havia um vin-tem em casa. A sr.^a Joanna, por favor, velava pela pequena, enquanto o sr. Theotónio andava por casa dos discipulos, a ensinar o latim dos liceus. E aquillo tinha de se resolver no proprio dia. Decerto, n'um ou n'outro explicando arranjava o dinheiro indispensavel, pedindo-o adeantado sobre a mensalidade. Era duro, havia de ser-lhe difficil encontrar as palavras para semelhante pedido, balbucial-as embora fosse cousa devida... Mas todos os dias a vida impunha necessidades novas e ninguem, na verdade, podia affirmar que nunca praticaria determinado acto.

Foi de fugida que elle sahiu. E de passagem tambem, entrou no quarto da doente, porque lhe fazia mal vê-la e recuava, no receio dos timidos que a existencia intimidou mais ainda, perante aquella agonia que o torturava e que não podia remediar. Com um gesto machinal, pegou no

guarda-chuva e a mêdo, com o passo dos perseguidos, dobrou a esquina de S. João dos Bemcasados, onde morava, na direcção do largo do Rato. Abotoando pensativamente o casaco ligeiro, já inquieto, já apressado, compunha a sua face dolorosa, afivelava a sua pobre máscara tão usada, tão inútil, que debalde tentava esconder e dissimular as crispacões constantes que a desfiguravam. Compunha pretextos, complicações, sem lhe ocorrer a ideia de explicar os verdadeiros motivos. Não sabia muito bem como havia de pedir; sabia apenas que tinha de o fazer. No terror de deparar repentinamente com o momento decisivo, retardava o passo, atrapava-se voluntario. De fórma que foi uma boa meia hora depois da habitual que subiu a escada do sr. Oliveira, o primeiro pae, o primeiro algôz da sua peregrinação diaria.^o E logo na salêta, atrapalhado, desejando findar, balbuciou, atrapalhou-se...

—Peço-lhe desculpa de vir um pouco mais tarde, sr. Oliveira... Tenho a minha filha doente... muito doente...

—A sua filha!... Ah! Bem... bem... Quero dizer... já sabe... coitada! E o meu rapaz, ó sr. Theotonio! Uma esperteza, hein? Puche-me por elle, ouviu? Puche-me por elle...

Defronte, do outro lado do tinteiro, olhando de soslaio, com velhacaria, o garotão declinava *dominus, domini* emquanto o sr. Theotonio revolvía angustias. O pae retirára discretamente, pigarreando; e sós, em face um do outro, professor e discipulo, parecendo attentos á mesma tarefa, achavam-se, de facto, em pólos oppostos. Insensivelmente, debruçado sobre as fabulas de Phædro, o sr. Theotonio corrigia as sylabadas n'uma vóz surda, de ventriloquo, n'uma

vóz que parecia vir de muito longe. Que febre que tu tens Maria!... Ó filha!... Nominativo. O sujeito vae sempre para nominativo. E se elle pudésse enternecer o pae, fazer-lhe advinhar o que lhe ia por dentro, aquella miseria sem um caldo, sem um remedio, a arfar em cima d'um cátre emquanto elle corria as ruas e debalde procurava por entre a indiferença dos seus semilhantes, o raio fugaz de piedade que o faria desatar em soluços... Ó Maria! Maria! Que febre que tu tens... que febre que tu tens!... E daria a sua alma com delirio, com transporte, sugeital-a-hia alegremente ao eterno negrume dos réprobos na outra existencia além da morte, para que um só coração compadecido o presentisse e lhe dêsse aquelle amparo fraternal que os homens procuram constantemente e que não encontram nunca.

O sr. Oliveira reaparecêra, saboreando com deleite o soletrar somnolento da sua estirpe. O seu filho havia de sêr um homem notavel. Havia indicios que não falhavam. Pois se elle era do seu sangue, nem podia deixar de sêr... Vagueou, regalado, pela salêta, acendeu um cigarro, tamborilou uma marcha triumphal nos vidros das janellas por onde escorregavam grossas gotas de agua. Então, deixando o pequeno a syllabar, o sr. Theotonio balbuciou:

—Ó sr. Oliveira?...

O outro parou, admirado com a interpelação. Um vinco duro fendeu-lhe a tésta. Aquelle professor, havia já tempo que o desgostava com os seus ares de quem está na lua. Eram horas da licção, não eram horas de conversa. E a sua attitude era quasi hostil.

—O que é?

N'um gesto de desolação sem limites, o professor viu a inutilidade do pedido e com a sua voz mais surda, mais velada do que nunca, rematou:

—É... é o seu filho... que vai muito bem.

O pae sorriu-se, agradado.

Na rua, outra vez sobre a lama, com o chapéu de chuva aberto, o sr. Theotónio escutava a tempestade da sua alma. Meu Deus! meu Deus! porque ella morre! Porque ella está talvez a morrer e só a posso vêr definhir e extinguir-se, agarrando-se doidamente á vida. Pois é isto possível? Pode Deus consentir n'estas coisas? Assassinar, roubar, despedaçar á dentada n'um ulular immenso de rancôr e de vingança, tornar-se tão formidavel no crime, tão repugnante na baixexa que nunca outro homem o tivesse excedido no mal e que elle fosse um monstro, e que elle fosse um infame, — mas que vivesse a sua filha, que vivesse... Subitamente estacou deante d'uma escada lobrega. Tinha ahi um outro explicando; e compondo a face revolucionada, fechando cuidadosamente o guarda-chuva, subiu.

Tres vezes, quatro vezes durante toda a tarde interminavel, deante de outras mezas, tremendo deante d'outros paes, a alma balbuciou-lhe o pedido que os labios não conseguiam formular. *Dignus, digna, dignum...* Neutro, menino! o neutro é *dignum*... Isso... muito bem... Que febre que tu tens Maria! Que febre que tu tens!. . E agora, a caminho de casa, na angustia sempre crescente do que iria encon-

trar, toda a sua revolta se fundia n'uma tristeza sem fim, n'uma tão arida amargura—que nem sequer encontrava uma lagrima. Era melhor, era melhor... Que ella morresse, que morressem ambos... Nascer, soffrer, desaparecer! Para quê santo Deus! para quê?... Por todo o mundo a terra evolutiva, parecia convidar ao somno sem manhã. E devia ser bom, devia sêr excellente dormir debaixo da relva fresca dos cemiterios na tranquillidade suprêma do não-sêr.

Uma noite carregada d'agua vinha já correndo pelos céus. Era na hora da debandada, quando as silhouettas apressadas que se escoam ao longo dos passeios, pensam na sopa reconfortante depois de um longo dia de trabalho, no canto quieto das casas onde se esperam sorrisos e boas palavras. Os candieiros acendiam-se devagar quando elle, enlameado, encharcado, atravessava as Amoreiras. E na esquina da rua de S. João dos Bemcasados apressou o passo ainda mais, subiu, bateu á porta, comprimindo o coração que parecia estalar-lhe dentro do peito. Um bafo quente de febre escoou-se subtil pelos batentes entreabertos. A sr.^a Joanna appareceu no alisar.

—E então?

A velha encolheu os hombros... Na mesma. Malsinha, malsinha... Aquillo do que precisava era remedios. Trazia o sr. Theotonio, remedios? Não trazia. Assim já se vê que não podia ir bem!...

Afastando-a com a mão o homem entrou. D'entre a alvura duvidosa de dois lençoes que cobriam um colxão, uma face magrinha, com duas chammass violentas, duas rosêtas vermelhas, surgia inquieta e triste por entre o faiscar sinis-

tro de dois olhos brilhantes de delírio. E toda a face supplicava, sem uma palavra, n'uma expressão parada, quasi n'uma expressão de morta, na saudade immensa da vida que lhe fugia e que não tinha trilhado ainda. O sr. Theotónio, pingando ainda, com o chapéu de chuva na mão, sentou-se lentamente sobre a enxerga, aos pés da doente. E fitou-a. Não. A sua filha não tinha morrido ainda! Era preciso que soffrêsse mais, era preciso que toda aquella angustia lancinante crescêsse, crescêsse ainda, permanente, sem repouso, ao lado d'outras tão escuras, tão desoladas que povôam a cidade enorme, na hora solémne dos primeiros decotes e dos primeiros sorrisos de salão. Ah! A bemdita, a sagrada cidade formiga, como ella soffre, a dolorosa, como ella geme sem fim e sem fim arrasta innumeraveis misérias! E os homens amontoavam-se em rebanho, apodreciam, fermentavam encobertos por detraz das fachadas placidas, ao longo das ruas onde a policia vigia! E gemiam, os miseraveis, e soluçavam, supplicando impassiveis divindades, creando na propria angustia a força para mais angustias...

Como partem abétos no fragor dos vendavaes—e resistem entre ulceras e fômes aquellas creaturas de martyrio, pobres flôres d'amargura que embalsamam os ares pesados dos crepusculos tristonhos? A querida cidade, a sagrada cidade dos heroismos obscuros, das dedicações inconfessaveis, das máguas que não têm expressão,—era n'ella que batia mais vivaz, mais poderoso, o vasto e inquieto coração dos homens! Soffre e chora coração, agonisa sempre, sempre, porque tudo o que vive lamenta a vida e tudo o que vive se

desata em pranto. E assim até ao ultimo dia, assim até á derradeira tarde...

Uma batega desabou com estrondo, fustigando as vidraças. Era aquella invernía triste que se escôa no silencio e na desolação e traz as brancas e traz as rugas... Em momentos a vida galopava. As horas cahiam devagar umas após outras. E agora, na agitação tumultuosa da noite gelada, sobre a enxerga, deliravam ambos de dôr, de amargura e de martyrio... Ó filha, filha... Que febre que tu tens Maria! Que febre que tu tens...

ATÉ À MORTE!

ATÉ Á MORTE!

No dia em que exgotaram o ultimo recurso e o ultimo pretexto não surtiu effeito, olharam-se fixamente e pela primeira vez, sem uma palavra, transmitiram-se a ideia que desde muito lhes crusava a mente. Que faziam elles sobre a terra? Tinham-se amado, amavam-se ainda entre soluços, entre amarguras. E embora os dois juntos não tivessem ainda cincoenta annos d'existencia, tamanha velhice lhes povoára a cabeça de brancas, tanta desillusão lhes colhêra as faces em rugas que nunca mais desaparecem, que a solução, a unica, a digna, era retirarem-se da vida, sem phrases, sem gestos, com toda a simplicidade de duas creaturas calmas, que nenhuma revolta anima mas que não querem viver mais.

N'aquella tarde, tão macia, tão serena, com só as dá o céu de Lisboa, quando janeiro começa sorrindo e já na terra abençoada perpassa o anteperfume d'abril, os dois arrumaram cuidadosamente a casa. Que por ali havia de andar mais tarde a policia, extranhos, censores... E que ao menos o meticoloso arranjo dos pobres se revelasse ainda para lá da morte. Com que recolhida unção espanejaram a

sua salêta, tão escura, tão humida, já sombria com a tarde que declinava ! E, tudo em ordem, sem um soluço, um desfalecimento, fecharam as portas de pau, deram a volta no trinco — e sahiram.

N'aquellas tardes claras, nas tardes de remanso em que sabe tão bem viver, acontece, ás vezes, encontrar d'aquellas creaturas que marcham para a morte com a placidez de quem dá uma volta distrahida. Os dois iam lentos, recolhidos, graves, n'aquelle supremo passeio. E como quer que o rio os atrahisse, tacitamente tinham escolhido Algés, onde o Tejo abre mais desafogado, menos sujo, tão azul e tão caricioso que n'elle ape ecia dormir o eterno somno, na festa embaladôra das aguas rumorejantes. Iam a pé, preferiam aquella volupia intensa de demorarem o acto irreparavel, impregnando-se bem do sentimento indefinivel que sente todo aquelle que uma vez se encontrou face a face com a morte. Feia 'coisa' que era a vida ! Terrivel cousa ! Logo na primeira luz, que tremendo protêsto não representava o primeiro vagido ! E tudo em roda, crescendo e vivendo, vergando em angustias, fremendo em suspiros, não era mais do que a revolta abafada, oprêssa, intoleravel de viver. E por toda a parte era assim. Porque uivavam sem descanso, nas dunas tristes do litoral, os pinheiros fantomaticos e hirtos, eternamente colhidos n'um eterno balouçar de desespero ? Porque se recusavam, nas florestas, os vegetaes gigantes, em curvas contorcidas, anquilosadas, estendendo grotes-

camente os longos ramos emaranhados? E o mar? Porque gemia o mar, sem fim, desde o começo dos seculos, desde manhã em que o Ancião o fizera surgir do cahos, avançando e retirando a sua vaga incerta que uiva nas noites de temporal o seu lugubre lamento? Feia coisa que era a vida! Terrível cousa! E para o rebanho immenso, que fardo, que máguia infindavel, que infindavel tormento, o da vida! A dôr, sempre a dôr, obsecante, inflexivel, permanente, fervilhando, obscura e implacavel, entre as multidões que se devoravam. E depois, em derredor, desabavam males, rondava o crime, ameaçava a doença. E uma por uma, cahiam, todas as illusões, definhavam todas as esperanças, esfumavam-se em neblina impalpavel todos os sonhos. E a morte subita, formidavel, impetuosa, levava os entes queridos, aquelles por quem se vive, aquelles por quem se péna. E depois era a lagrima. E depois era a agonia. E depois, constantemente, sem fim o martyrio, o luto, a dôr, a miseria moral, a certeza da inutilidade... Feia coisa que era a vida! Terrível coisa! Ah! Morrer! Morrer! Morrer cem vezes...

Era quasi noite quando os dois trilharam, já fatigados, a rua interminavel da Junqueira. Por detráz das fachadas immoveis, em uma ou outra janella velada por uma cortina correctá, uma luz punha manchas mais vivas. Das bandas do Altinho, perdida na ultima irradiação solar, Vesper contemplava fixamente, fria, inflexivel, como um prégo d'oiro cravado no docél immenso e azul. E por toda a parte, no li-

vro infinito de Deus, mil lumes se accendiam, discretos uns, palpitanes outros, enygmas, almas, mysterios intangiveis que ninguem sondará nunca. Grandes sombras galgavam apressadas e os montes graves d'Almada, os queridos montes immutaveis onde sempre se pousou a saudade dos que erram pela vastidão dos mares, iam, a pouco e pouco, vestindo os seus mantos de noite, obumbrando-se na sombra, envolvendo-se em mysterio. Um grande electrico corria; depois, para alem do areal, um comboio passou a silvar, deixando um grande rôlo de fumo que se espalhou lento, dissipando-se nas ultimas claridades. E subitamente, erguido do lado de lá das collinas, aquelle astro de poesia mirou amorosamente toda a terra e um grande luar, o magnifico luar de janeiro inundou as casarias brancas e placidas.

Estavam ambos em Algés, transposto o areal, na orla argentea que morria sem sobresaltos, desfalecendo na praia. Era noite de todo. Na Trafaria scintilavam as primeiras luzes. E d'um grupo de barracas, alguem que se não via, cantarolava :

Hei-de mandar vir do Porto
Um tear de laranjeira...

A vóz subia cristallina e pura. Da immensa cupula cahia um silencio penetrante, lembrando bem a expectativa anxiosa e muda que sempre precede o magestoso adormecer das cousas. O Tejo rolava lento e convidativo, espreguiçando-se na areia em vagasinhas timidias, esboçando eternamente um avanço que não ousavam completar nunca. E gran-

des sombras corriam por vezes, pela praia aparentando duendes caprichosos, fugidos dos raios de luar, para cabriolarem melhor na escuridão.

Os dois, offegantes, ainda em silencio, olhavam em frente. As aguas deslisavam n'um marulhar doce, como um grande espelho onde a lua deixava raios trémulos e indecisos. E elle murmurou apontando :

—É ali.

Ella replicou serenamente :

—Sim. Ali. Vamos. Amo-te !

—Amo-te ! Até á morte !

Sorriram. De mãos dadas quedaram-se ainda immoveis. E foi então que elle murmurou baixinho cousas queridas, cousas de ineffável ternura; lembrou como a vira, como a amára desde aquella tarde tépida em que tinham unido dois destinos que iam agora acabar ali. Até á morte, sim, até á morte ! Tudo que tivéra de bom na vida, proviéra d'ella, do seu amor, da sua quieta e solida affeição. E queria, no ultimo instante, no ultimo momento, no derradeiro bater do coração que tanto lhe pertencêra, dizer-lh'o ainda, dizer-lh'o sempre, n'uma suprema vóz de amor... E havia soluços na infinita litania de paixão, murmurada em haustos, compassada pela outra vóz que se arrastava ao longe :

Hei-de mandar vir do Porto
Um tear de lorangeira...

E o que mais lhe custava não era a morte, não... O que era ella se iam morrer os dois ? Sahiam da vida, sim-

plesmente, sem theatro, sem galeria. Mas pesava-lhe aquella brutalidade ultima pelo seu aspecto frio, quasi torpe. E queria leval-a nos braços, como um banheiro a poderia levar, para que não molhasse os pés e só no ultimo instante, quando resvalasse, ella sentisse a morte definitiva, tomando-a, prendendo-a para toda a eternidade.

Para quê lamentar, impregnarem-se ainda mais de todas aquellas miserias em que tinham rolado constantemente? Já nada os prendia á vida, nem mesmo a recordação da sua casa deserta, que tinham arrumado n'uma ultima ideia de amor. Da cidade ingrata ainda menos conservavam uma lembrança—e não os fizera a Mãe-natureza tão contemplativos a ambos que pudéssem ainda achar uma lagrima para ella. Sem hesitar, sem esperar um momento, ergueu-a enquanto ella se lhe segurava ao pescoço convulsamente, sem uma palavra. Até á morte! Entrou pelo rio, devagar, tropeçando com tão pesado fardo, reanimado pela friagem penetrante que a pouco e pouco o invadia. Uma grande nuvem velou a lua por instantes. As luzes da Trafaria scintillaram mais vivas na escuridão passageira. Na sombra, o triste, o solitario drama de todos os dias, o drama ignorado, humilde, da terceira pagina dos jornaes, desenrolou-se. Amo-te! Até á morte, ouves? Até á morte! Morrer... morrer!... Espera, espera ainda um momento... Olha para mim, ainda uma vez... a ultima... E desciam ambos, fundidos um no outro, os pobres vivos, enredados já na morte enquanto a agua subia e galgava os joelhos, e galgava o peito, gelada, indifferente, correndo, no mesmo marulhar doce e caricioso. E elle, de repente, largou-a, balbu-

ciou, sumiu-se no torvelinho. Dois corpos, duas grandes manchas indecisas, boiaram uns momentos. A nuvem affastou-se; outra vez, nas aguas, o astro tremulou caprichoso e lento. Era tudo unido, calmo, placido. Outras luzes, na margem de lá, surgiram; dos casinos da beira-mar chegavam compassos de valsa voluptuosa. E o cantor, por detraz das barracas, terminou a canção batendo o compasso com palmadas que reboavam echoando atravéz da noite:

Ó Amelia!

Ó Amelia!

Ó Amelia tecedeira - . .

IÉRRE, IÉRRE MEXILHÃO!

IÉRRE, IÉRRE MEXILHÃO!

Na arteria tortuosa, quasi negra na primeira sombra da noite que desce, fecham-se as portas devagar e por toda a rua do Machadinho o silencio alastra no scintilar das estrelas curiosas. Então, n'esse momento, com as primeiras trévas, a vóz arrastada e plangente ergue-se n'um cançasso e apregôa em melopeia!...

—Iérre, iérre mexilhão!...

Atravéz das vidraças entreabertas, setas de luz illuminam vivamente as pedras da calçada. Na rua quasi deserta, os passos dos retardatarios batem sonoros no lagêdo; ao longe duas vózes interpelam-se n'uma discussão sem fim; junto das paredes os gatos esfomeados resvalam; ha pelo ar um tenir de talhéres misturado com o chocar das malgas vidradas de louça de Sacavem. Defronte de um candieiro uma taberna regorgita. Todo o bairro da Esperança vae cear. Mais molhada, mais arrastada na solidão da rua, n'uma resignação indifferente, a vóz repete, cadenciada, tão machinal já n'aquelle habito, que nem mesmo constata o que diz:

—Iérre, iérre mexilhão!...

E dentro das baiucas, encostadas ás mezas, esperando o

tacho das sopas, uma ou outra varina constata com moleza :

—Lá vae o homem do mexilhão...

E volta a esperar n'uma apathia.

Sucedeu que n'essa noite o homem do mexilhão, ao cabo da rua da Esperança, quasi defronte da legação franceza, encontrou um collega. E conversaram.

A creatura não parecia n'esse momento, mais deprimida, mais desanimada do que em qualquer outra ocasião. Entretanto estava de luto. O outro reparou :

—Seu João, vocemecê está de luto?

—Estou.

—Morreu-lhe alguém?

—Morreu.

—Hom'essa ! Então quem ?

—A minha filha. Enterrou-se hoje.

—Palavra, seu João... Eu não sabia de nada... Nem mesmo sabia que vocemecê tinha filhas... E era já crescida?

—Era. Tinha desaseis annos.

E depois, n'uma outra vóz, n'uma vóz de negocio, voltado para a rua do Machadinho, berrou :

—lérrre, iérre mexilhão !

Uma grande pausa envolveu-os a ambos. Ficaram-se a olhar para as janellas do primeiro andar da legação, fortemente illuminadas. E depois d'um silencio longo o compadre commentou :

—Ó seu João?...

—Diga lá.

—Não me parece que vocemecê ficasse muito apoquentado com essa desgraça...

—Não fiquei nada.

—Hom'essa!...

—Não fiquei nada. Vocemecê não tem filhas, seu Antonio, nem sabe o bem que Deus lhe deu! Quanto mais a minha ia crescendo mais eu me apoquentava—e o que via por esse mundo não era coisa que me calhasse ..

—Bem más a gente vê...

—Pois é isso. Calcule vocemecê que eu móro para a Fonte Santa. É longe. Aquillo é um bairro de pobres. Tive perto de mim, no mesmo predio, no andar de cima, durante quasi dois annos, uma visinha que era como a minha Florinda. Aquillo, seu Antonio, era a alegria em pessoa, que outras módas ninguem ali pelo sitio cantava tão bonitas. Ás vezes o pae dava-lhe a sua tarefa, que a pequena fazia andar a cabeça á roda a muito vadio do sitio. Pois aquillo era como se não fosse nada... Nunca vi tamanha satisfação de viver...

—Não sabia da vida, coitada...

—Sabia. Olá se sabia. Vocemecê bem sabe que nós, em Lisboa, cá da nossa classe de pobres, somos muitos assim. Eu tenho ouvido dizer que o que ha-de melhor na raça ainda somos nós. A garôta não avesava largas, lá isso é verdade, mas emfim, o seu tacho de sôpas ainda tinha. O pae era fogueiro, ali na moagem do Aterro e ella era, se pode dizer, a dona da casa porque a mãe, nunca dei por

ella. Ó seu Antonio, estas plantinhas de Lisboa que nascem não se sabe como, são a força dos homens como nós... Aquella interessava-me muito, nem vocemecê imagina... Era mais velha do que a minha, a que lá foi hoje para aquelle buraco dos Prazêres... E foi uma vida santa durante mezes e mezes... Uma vida que só podem comprehender os homens que trabalham como nós, seu Antonio...

O homem calou-se um instante, remoendo talvez, as dôres da sua vida. Em roda, o silencio cahia mais largo na paz da noite que se adeantava. No fim da calçada do Marquez d'Abrantes, n'uma perspectiva sumida e fugidia, as luzes dos electricos scintilavam. E outra vez, na solidão da sombra, a creatura berrou:

—Iérre, iérre mexilhão!

Uma janella fechou-se com estrondo. Ao longe uma carroça rodava devagar. Lisboa adormecia.

—Vocemecê ha-de estar admirado que eu no dia do enterro da minha filha esteja a fallar d'outra rapariga. . Pois olhe, tudo tem a sua rasão de ser... Lá para a minha vizinhasita a vida ia correndo menos mal. Mas aqui ha dois annos, o pae teve uma desgraça. Estava empoleirado em cima de um d'aquelles volantes, a deitar oleo n'aquella machina toda, quando cahiu d'uma grande altura. Boa noite. Talvez estivesse com uma pinga a mais... Quando o levantaram, estava n'um feixe, com a cabeça aberta de meio a meio e dois dias depois estava na *morgue*, a cheirar mal. Desgraças! A pequena ficou sem ninguém no mundo. Não sei o que ella lá fazia sósinha entre quatro parêdes, coitada! Habitou-se. Semanas depois já ia trabalhar para a

modista e lá se ia amparando. Eu gostava de vêr aquillo. Ó seu Antonio, pode vocemecê acreditar que ainda ha mulheres honradas no mundo, a questão está em saber até que altura ellas são honradas. Pois isto durou quasi um anno até que um dia descobri um mariolão atrás d'ella. Disse-lhe umas coisas, parece que, a miuda não gostou, não me metti mais no caso. Dias depois o malandrão estava metido com a rapariga. Que quer vocemecê? É sempre assim que as mulheres acabam. E ainda aquella, se tivesse sorte, podia talvez remediar-se. Mas não teve, seu Antonio, não teve. O typo era um rufia que começou logo a exploral-a, batia-lhe, pegou-lhe doenças .. Ah! miseria! A pequena estafava-se a trabalhar para elle enquanto o patife andava á boa vida. Canalha! Enfim, para encurtar rasões, a vizinha ficou grávida, deixou a modista, passava os dias em casa, estropiada, doente, a gritar. Um inferno! O malandro, por essa época, teve de trabalhar. Era tecelão ou coisa parecida. Pois gastava tudo cá por fóra. As historias de todos os dias, a desgraça da gente como nós... E sabe vocemecê quanto elle lhe dava para sustento d'ella? Dava-lhe meio-tostão! Meio-tostão! É como lhe digo! O infame! E um dia fugiu de todo, nunca mais pôz os pés na Fonte Santa. A vizinha, segundo vim a saber, está agora n'uma das viellas da Mouraria, a servir de moça publica. E ainda não tem dezoito annos, seu Antonio! Ainda não tem dezoito annos!...

Novo silencio, nova pausa. Os dois vultos escuros aconchegavam-se ás grades, entre as duas latas de mexilhão. O homem recommçou mais mais lento, mais grave:

—Desde estas coisas, comecei a andar a modos triste

com a minha vida. Já não havia nada que me alegrasse e olhar para a minha Florinda, era como se olhasse para a vizinha. E puz-me então a pensar que se eu morresse, também ella havia de soffrer, havia de encontrar um homem, penar, gemer, e ir parar por fim a qualquer rua do Bairro Alto. Pois para esta desgraça antes a queria morta e era o que eu desejava de mim para mim, era que Deus a levasse antes de eu fechar os olhos, para não passar por aquillo, para não ter aquillo. . . E assim foi, seu Antonio, lá está agora na terra fria dos Prazêres—e eu estou bem contente com isso. Tenho os meus dias contados, porque esta mágua feriu-me de morte—mas ao menos vou-me com a satisfação de não deixar uma desgraçada atrás de mim. . . Percebeu, seu Antonio? Aqui está porque eu não fiquei nada apouquentado. Creia vocemecê n'isto que eu lhe digo. Felizes aquelles que morrem antes de terem caminhado muito pela vida adeante. Porque isto de viver, seu Antonio, é uma porcaria muito grande, esteja convencido desta verdade verdadeira. Bem arrependido estou eu de não ter estraflagado os meus filhos assim que elles iam nascendo. O numero dos desgraçados já é grande e apesar de tudo quanto dizem para ahi e de quanto para ahi fazem, parece-me que a porção augmenta cada vez mais. Ora de que serve aguentar esta miseria, não me dirá? Para que nasci eu? Para andar a vender mexilhão toda a minha vida e rebentar um dia, ahi para qualquer canto, sem que lá em casa haja ao menos para pagar o enterro. Forte pérca se eu deslizesse! Ná! Não ha nada como dormir ali nos Prazêres, quietinho, debaixo da terra, sem mexilhão e sem filhas. . . Homem! Não arregale

tanto esses olhos! E por aqui me sirvo porque a noite já vae por ahi adeante e a venda hoje tem sido uma miseria. Vocemecê não tem filhas, seu felizardo! A vida está para si, seu Antonio... Gose-a, gose-a... Boa noite.

Passou pelos hombros a correia que sustentava a terrina, e devagar, bamboleando-se, desceu para a rampa de Santos. N'um portal, um vulto escuro chamou-o, apreçou a fazenda. Por um momento as duas sombras trocaram breves palavras. Depois o homem recomeçou descendo. E de novo a sua vóz quebrada e indifferente cortou o silencio da noite:

—Iérre, iérre, mexilhão!

A LEGIÃO INVENCÍVEL

A LEGIÃO INVENCIVEL

Quando a noite desce e a luz se torna plumbea, a legião invencivel desfila. Na placidêz socegada dos espaços, serenamente, por entre as nuvens doiradas do poente, n'aquella luz mysteriosa e vaga, desfila a legião invencivel.

É spectral. E só nas horas graves e sombrias, só quando as cousas vivas se dobram em si proprias, no momento solémne e pompôso em que a terra adormece, — as phalanges se reúnem e cavalgam pelos ares em cargas de sonho e de irreallidade, como que fugidas das télas de Detaille, chimericas visões que esfumam os fundos de Vernet. Nas paisagens que o sol agonisante tóca com laivos de purpura, simulam, os andrajos bariolados, velhas armaduras tauxeadas de metal e no acastelado dos cyrrus fusiformes, perfis d'hostes descem d'alcantis, n'um tropél largo, de pendões ao vento. A legião passa. Passa a legião. Hirta, gelada, no silencio desolador, infinito, das grandes máguas, desfila a cohorte innumeravel. E quando a sombra, mais densa, mais envolta no mysterio das brumas que perpassam, apaga a uma e uma a estridencia sensual das suas côres, o tropél accentua-se então e da noite para a noite, desordenada, muda,

phantomatica, a legião invencível galopa, galopa sem fim, eternamente anhelante, rígida, levando á frente uma grande figura semi-nua, que commanda. Uma grande, uma grossa lagrima, rola-lhe constantemente, permanente, pela face descarnada e livida. Os seus olhos fitam com attenção os horisontes distantes, enormes, dilatados, como se para lá do circulo immenso dos espaços, estivesse a luz redemptora d'uma esperança melhor. Uma agitação de tempestade faz-lhe voltar os farrapos que um sôpro de prophécia parece agitar, tão nervosos, tão incertos, que ora desenham uma larga envergadura de condor, ora marcam timidamente os rolos ligeiros d'um fumo léve, quasi imperceptível que morre com lentidão pelos espaços socegados. É a Dôr. A Dôr commanda, a Dôr ordena na cavalgada que percorre os céus. E atrás, a legião invencível galopa. Vae rumor dentro d'ella, na agitação desenfreada da carreira. Os novos soldados, os velhos veteranos, vistos de perto, arrastam-se tropegamente e todos tem na face palida uma ruga immensa que alastra, profunda e invariavel. E o que todos fizeram durante o dia, dispersos, perdidos na penumbra da sua mágua, alucinados, pensativos, delirantes, vão-n'o agora repetindo na apothéose do sol posto, todos unidos, em hostes cerradas, magnificos e lamentaveis, sórdidos e sublimes, colocados pelo poder divino dos poetas n'aquelle ceu de turqueza onde irradian, onde triumpham n'um adejar purpurino e vasto. Os miseraveis vôam. As suas azas espantosas enchem o globo de extremo a extremo, cavam simouns nos horizontes placidos, tão grandes, tão formidaveis que na immensidade dos espaços dir-se-hia que as primeiras estrellas estremecem de

piedade! E por maravilha, no ethereo caminho, na triumphal postura dos vencedores, a miseria alastra, immensa, formidavel... A legião invencivel galopa.

A legião espalhada, fragmentada, pesquisa-se, durante o dia, no bulicio da cidade. E ella, que refulge nos esplendores faiscantes do dia que termina, a custo se descobre, perdida e incerta, dessiminada, nas horas em que a azafama contrae as faces—e os egoismos se encerram mais profundamente no tumulto dos interesses. Porque esta legião innumeravel só é vibrante nos céus — e na terra, é tão cinzenta como ella, tão privada de luz como ella. No lagêdo inundado de sol, um chale coçado, lancinante, arrasta-se; desceu quatro andares n'um gemido perpetuo, n'um tão grande esforço que parece ser o derradeiro, para depois, longas horas—longos martyrios— esperar na fila o pedaço de pão execravel que ha-de levar, sumidamente, lamentavelmente até á sua traqueira. E toda a infindavel multidão dos manteletes surge, os pobres, os queridos manteletes da miseria envergonhada, tão poidos nas costuras, pendulando ironicamente nos seus vidrilhos, contando cousas, dizendo cousas que provocam uma infinita piedade enternecida. E são depois as faces afflictivas da fome e da amargura, tendidas n'uma expressão angustiosa, remechendo sinistramente uma ideia, a mesma, a eterna ideia:—morrer! Ha, pelos cantos, tragedias mudas, pequeninos dramas lancinantes que se desenrolam e se epilgam na indifferença e na desatenção de todos. Os velhos soldados da

legião que logo, ao sol poente, hão-de cavalgar n'um clamor, n'uma ancia sem limites, entram agora, vergados, dispersos pelas leitarias, apalpando o solitario vintem, escolhendo o seu bôlo com longos e pensativos cuidados. E a soluçante miseria dos desgraçados que pedem sumidamente um decilitro de leite, e talvez o que lhes dá, na magestade das cousas que adormecem, aquella formidável auréola que enche os céus e invade o coração dos homens.

O homem que supplica sem palavras e abre grandes olhos de desvairo e de mágua, — é soldado da legião invencível. Aquelle farrapo vae logo explender no azul turqueza, adejar, magnífico e triumphal, no côro immenso dos desherdados. A cêga que faz uma pensativa, uma constante meia na penumbra abafada dos pateos, o estropeado que se arrasta na eterna saudade dos seus dias validos, as queridas e doces physionomias que já não são do mundo porque espreitam as pedras brancas dos tumulos que esmaltam a herva fresca dos cemiterios, — são os formidáveis vencedores da legião invencível. E os velhos também. E as creanças também. Quando chove, quando as bategas d'agua desabam com estrondo irisando os negrumes com madidas silhouettes, a mão que se estende e supplica, refugiada na sombra d'um portal, é a mesma que se enclavinha nos bridões e dirige largamente os hypogrifos de fôgo. E na madrugada, os entes que tiritam debaixo do casaco ligeiro, os que apertam machinalmente o cinto, comprimindo o estomago vasio e olham sem vêr e soluçam sem consciencia, — que magnificos soldados não são ! O numeroso quartél de heroes que é a cidade ! E todos se agitam, todos labutam, aparentemente extranhos uns aos

outros mas estreitamente ligados pela ordem imperiosa d'aquelle vulto que commanda todas as tardes. A migalha necessaria impelle. E curvada sobre os vestigios d'ella, na esperanza immorredoura de topar com ella, a multidão incontavel prosegue a sua tarefa sem fim. Soldado o ancião que tiritia apalpando as valêtas com a ponta da bengala e passa no terror de morrer sósinho, abandonado dos homens e de Deus ; soldado o ente lamentavel que cantaróla pelas ruas, semi-tonto de fome, coçando as suas chagas, ostentando-as com raivas comprimidas, perpetuamente enleado na miseria profunda do seu corpo e da sua alma ; soldado o coxo, soldado o cego, todos aquelles que se entrechocam sempre entre a mingua e a mágua, todos aquelles que ninguem ama, aquelles todos com que ninguem conta, os que atulham as portas dos quarteis na hora do rancho, os que povóam as naves das egrejas de ladainhas e de lamentos, os que suspiram pelos catres dos hospitaes como se suspira pela hora de repouso depois de um largo e cheio dia de trabalho. E é tambem soldado aquelle que abre os olhos para a luz, nas casas onde não ha pão e que logo, desde que entra na existencia, enfileira, inconsistente ainda, ainda inconsciente na cavalgada trovejante de todos os crepusculos exangues. Queridos soldados, excellentes soldados da legião sem fim que tumultua no fundo dos corações largos e por supremo dom d'Aquelle que tudo póde, é eterna atravéz da Morte, como é eterna atravéz da Miseria ! A cidade egoista, a cidade medonha, encerra aquella lépra que é a sua força, entumescida pela colera, plétorica de mágua—e todavia tenaz, resistente, soffredora, luctando com teimosia, n'um

impeto de rancôr que irrompe constantemente através do bafo de dissolução que a espreita. É magnifica a legião invencível! É a apothéose collossal do farrapo que se arrasta no esgoto, sordida e interminável. E as multidões passam no mesmo rictus immutável que vae do berço ao tumulo, e passam os exercitos innumeraveis da Dôr, sempre renovados, sempre crescentes, com o peso da sua miséria construida sobre a miséria dos avós, envolvida na escuridão de um destino sem fito. E galopam os miseraveis! Sempre, até ao ultimo dia, até á derradeira tarde, galopam nervosamente e d'elles irradia um tal fluido, uma tal grandeza se expande, que na hora grave, na hora recolhida em que os homens n'um assombro, seguem nos poentes rubidos as espantosas visões longiquas, de sonho e de chiméra, — é ella, é sempre ella que sae das baiucas, sae dos antros, áureola-se de triumpho, nimba-se de claridades — e pelos espaços alem, tocada por um sopro d'Apocalypse, galopa, galopa, galopa...

A legião invencível soffre. E do seu penar sem treguas, da sua resistencia á dôr, provêm a sua vitalidade indomável. A grande força, a inconcebível força das cousas humildes transparece n'ella. Quem, jámais, conseguiu diminui-la, cerceal-a? E os *Jacques* que nada têm, os *Jacques* que nada podem, invadem os espaços, na conquista das terras e dos mares, abrindo caminho, abrindo logar, mudos, apagados, na vehemente ambição dos que podem pretender ainda. E annunciam-se nas timidas auroras, demonstram-se

nas apothéoses vermelhas do astro moribundo, imensos na sua miséria, pasmosos na sua multidão. E quando resvalam nas claridades ultimas, n'uma grande alma que passa soluçando, hieratica e soberba, cá em baixo, na terra, alguma cousa palpita e estremece. Ha prantos nas áuras vespertinas—porque elles passam; ha recolhimento nas leiras cinzentas onde a mancha escura dos trabalhadores é um pequenino ponto perdido na immensidade—porque elles passam. E porque elles passam, as cousas enormes e intimas, maravilhosas obras de Deus, frêmem n'um mysterioso fremer. Obumbrada, esbatida na terra que emmudece, arremeçada no claro escuro do grande ceu onde espreitam trémulamente os astros a legião invencivel todas as tardes galopa! Silencio! Maravilha! Galopa pelos céus, depois de ter rastejado na terra, eterna, constante, sempre viva. Noite. Sombra. Dôr. E em roda, por toda a parte, um voltear confuso. Ella passa! Ella passa! A legião invencivel galopa!

"LAGO QUE A BRISA ENCRESPA"

"LAGO QUE A BRIÇA ENCRESPA"

Aquellas colinas candidas e simples, erectas no puro ar, mollemente colocadas na face immensa da terra, tiveram, um dia, uma apparencia calma, hieratica, magestosa e indifferente. Em volta, o pleno azul inundava. Em baixo, o rio corria manso e rumurejante. E por toda a parte, na solidão dos seus horisontes, as queridas collinas aguardavam o instante perdido entre os designios de Deus em que haviam de fremer pela primeira vêz, acordadas enfim do seu recolhimento milenario. Pelo largo estuario, n'uma tarde amena, rithmicamente impelida ao som d'uma velha canção de Milêto, uma trirême surgiu ousadamente. E aquelle por quem fiava Pelénope, longe, na Ithaca que emergia entre os dois azues passivos das terras e dos mares, erguendo o seu escudo redondo, fazendo tilintar guerreiramente as suas cnémidas de ferro, desembarcou maravilhado, esquecido de Calipso, esquecido dos temores de Polyphemo, longe das aguas rudes do estreito da Sicilia. E as colinas palpitaram.

Palpitaram as colinas ao desembarcar do facundo Ulysses. Os homens surgiam. Logo em volta dos sete montes um tenue nevoeiro, roçando-lhe pelos tópes, aconchegou uma su-

perficie branca, unida, placida. E um docel feito de espaço, formou-se com profundidades ignotas e perfidas, ligeiramente encrespado, na presciencia, talvez, das longas e tumultuosas tempestades que o iam agitar atravez dos seculos. Os sete mórros contemplaram curiosamente o astuto Ulysses, permaneceram — frios e frios permianeceram ainda com as torrentes humanas que os sulcavam continuamente e passavam n'uma avalanche para o sul, para alem do rio manso e rumurejante. Depois vieram as palmas verdes de Cesar, os ramos d'oliveira circundando os escudos envoltos em lona—e o nome d'Augusto resooou pelas amplidões. E os godos vieram, vieram os arabes sem que os velhos montes abandonassem um momento a sua magestade indifferente. Foram seculos, foram gerações. E um dia, um cavaleiro couraçado de ferro, seguido d'uma hoste de pendões ao vento, brava e rija, plantou do cabeça sobranceiro ao rio, uma flamula esquisita, uma flamula nunca vista, que tinha estampadas as chagas do Christo e desfraldava na brisa leve os trinta dinheiros de Judas. Os montes estremeceram.

Estremeceram os montes. Trepidantes, subindo de ponto em ponto, perdida para sempre a sua quietitude secular, passou-lhes pelo dorso a dôr de Sancho expulso e exilado, como pelas encostas lhes escorregou ligeiro o clamor dos infanções de D. Affonso. Viram a peste, a fome e a guerra, pelos vinhêdos das suas encostas, pela fronde dos seus pomares sentiram máguas, cantares, alegrias. E acordaram os queridos montes, n'um despertar soberbo, n'aquelle dia, n'aquelle tarde magnifica em que defronte do alcaçar de D. Fernando, uma cousa formidavel e ululante, negra, sordida,

clamorosa, affirmava n'um grito largo a sua existencia, a sua aparição. E o assombro das colinas foi espantoso.

Foi espantoso o assombro das colinas. Tremeram. Fernão Vasques passou, passaram as tardes de Ceuta, uma bandeira enorme envolvia o globo. Os sete cabêços trepidavam d'orgulho. Eram o centro do mundo. Apontavam para o céu as suas moles macissas e pesadas, desafiavam a eternidade, gritavam os meigos montes um nome redondo, chamejante, em que as sylabas eram como o entrechocar de longas lanças. Tiveram uma collossal auréola formada pela mágua de todos aquelles que trilhavam as aguas verdes em carinas minusculas e as nuvensitas ligeiras, rosadas que os coroavam de quando em quando, ao sol posto, pareciam irisadas pelas lagrimas de todos os vagabundos sublimes e tinham a transparencia do cristal e tinham a côr indefinivel das perolas mysteriosas. Foi o triumpho. Foi o apogeu. E, alcançado o zenith da suprema victoria, os queridos montes tão velhos, tão vetustos, recolheram-se, emmudeceram.

Emmudeceram, recolheram-se os queridos montes tão velhos e tão vetustos. A epopeia passára. Elles permaneceram. A apothese purpurina da Aventura esmoreceu, desmaiou. E no côro que se diluia em sons indefinidos e vâgos, um clamor, um novo clamor, surgia. A invasão phantastica em volta de toda a terra cesssára—mas os humildes, os obscuros anonymos que haviam invadido, eram eternos, affrontavam a morte. E agora, cançados, já tão antigos, tão desiludidos, eram suplicantes. Os queridos montes escutavam. E foram istonhos crepusculos as suas refulgentissimas auróras por-

que se nimbaram de melancolia e de piedade, os queridos montes que tanto haviam visto no decorrer dos seculos e que percorrendo a curva immensa dos destinos, descortinavam a causa primaria e a causa ultima: dôr, martyrio, miseria e mágua. Todos os cambiantes se transformaram, todos os clarões desapareceram. E soluçam, os queridos montes, nas manhãs brumosas de novembro, ao receberem mais uma vez as claridades enormes. É propicio o momento. A luz é côr de rosa velha. O ar é gelado. Silencio.

.....

Silencio. O ar é gelado. A luz é côr de rosa velha. Pelo espaço pleno cabriolam phantasticamente as inumeraveis legiões de chimericos duendes. O cháos era talvez assim, quando a vóz d'Elle retumbou pelos ceus sem limite, transformando as trévas em magnificas auroras. Os cumes das sete colinas furam o nevoeiro amontoado em ondulações vastas e profundas. As faias velhas do adro do Monte dobram lentamente, lembram um grupo espectral de arvores gigantes, pousado na margem d'um lago frio, recortando-se com nitidez no cinzento azulado do ceu. Toda a casaria da cidade jáz immersa sob a névoa da manhã; o velho mosteiro do Carmo é uma ilha aguda aflorando á superficie d'um mar immenso que tem a brancura immaculada do algodão em rama. Da nave sem fim de que o espaço é a cupula incommensuravel, uma augusta immobillidade prende n'um recolhimento

e n'um assombro. Deus preside n'um scenario d'infinito. Todos os cambiantes da purpura esmorecem e morrem na grande mancha de um cinzento sujo, formidavel, pesado e tranquilo. Como borrões de pastel, nas arestas agudas das nuvens, as côres do arco aguçam-se estridentes, n'um triumpho sereno e magestoso. Um sino tilintou, hesitante, no ar cristalino. E no fundo do abysmo que se não via, mergulhado no oceano do nevoeiro, um ciciar léve, um ciciar de folhagem, percorreu os flócos alvos, crispou-os como uma brisa ligeira d'outomno crisa em ondas minúsculas a limpidez enrugada das aguas dormentes. O rumor subia devagar no tilintar do sino, e a sua vóz de mil vózes, o seu falar de mil falares, tinha tonalidades agudas, perfeitas na frescura socegada da manhã. Na ondulação larga do nevoeiro, o rumorejar revoltava cada vez mais claro, mais nitido, mais victorioso, dirigido ás velhas faias do adro do Monte que escutavam dobradas, colhidas n'aquelle mysterio immenso. No bimbalar plangente as arvores vetustas ouviam, acenavam docemente na viração. A paizagem dolorida parece gemer n'um grande e mysterioso soluço. Teem perfis de serra os horisontes distantes, delineados confusamente em bruma. Por elles, em manchas ligeiras, quasi indistinctas, perpassam, sem cessar, mil pontos brilhantes, mil pontos fugazes, sem forma, sem nome, que são as maravilhosas cristações da luz. Força. Doçura. Magestade. E vibrações mais contornadas rompêram o nevoeiro. — *Sr.^a Joanna que grande penuria! Ai! sr.^a Maria!— Ó sen Mathews!— Não tenham vergonha de chorar meus filhos... —* Dlin, dlin, dlin... Expectativa. Recolhimento. Grandeza. Um outro bordão mais grave, mais lento, resouu para os

lados da Sé. — *Os cavallos! Up lá! Up lá! — Amanhã, homem, amanhã! — O filho... filho... filho!... Dling! Um arpejo aberto, de guitarra enorme, encheu os espaços com as quatro notas fundamentaes do fado, repetidas continuamente, n'uma litania sem fim. Um raio vermelho de sol resvalou fugitivamente por sobre a neblina. — Ó minha querida velhinha... Ó minha querida velhinha... — Voar! Voar! — Adeus! — Dling, dling, dling... Dó, mi, sol, dó, mi... As folhas mortas cahiam com lentidão no adro da capellinha. Dlin! — Pico... pico... seranico... quem te deu... tamanho bico... — Oh! Dize! Dize quem és! — Dó, mi, sol, dó, mi... A névoa rolava vagalhões, velando sempre a casaria adormecida. Do outro lado o Carmo faiscava. — Ai! Portugal! Portugal! — Vendi! Vendi! — Dling, dling, dling... Dois sinos, dez sinos abalaram o ar furiosamente, ensurdecendo. E as crispações brancas eram sempre lentas e suaves. — Mamã, volta p'ra casa! — Dó, mi, sol, dó, mi... Dó, mi, sol, dó, mi... — Já d'arco em arco, já de estrella em estrella... — A vintem! A vintem p'ra acabar! — Dling, dling! — Amo-te!... Dong, ding, dong... — Abril! Abril! — Dó, mi... O lago encrespou subitamente. E a vóz da dôr, a vóz da miseria, a vóz sagrada e soffredora dos simples, echoou, ribombou clamorante, dominando cem sinos, dominando cem guitarras. — Pae, aqui está o jantar! — Corja de malandros! — Agua destilada cem grammas, iodeto de potassio cinco grammas... — Dling, dong, dling.. Dó, mi, sol, dó, mi... — O sol quando nasce é p'ra todos! — Dling, dling! — Rapazes! — Ai pobre do irmão cavallo! Ai pobre do irmão cavallo! — Extenuada, a vóz baixou, rumorejou indistincta-*

mente na vága ligeira dos farrapos de néve. As faias do Monte dobraram mais. Dó... mi... sol... dó... mi... —*Que febre que tu tens, Maria! Que febre que tu tens!* — *Ierre, ierre, mexilhão!*... — *Meu amor, meu amor, meu amor...* — Dó, mi, sol .. Dling, dling... — *Morrer! Morrer!* — As guitarras emmudeceram. Os bronzes tiniram ainda pelo ar, n'um soluço moribundo. O nevoeiro aquietou liso, unido, perfido, escondendo sempre, avaramente, a casaria entorpecida. Já a vóz se calára de todo, e ainda as faias do Monte pareciam escutar, paralysadas d'assombro. Os cumes das sete collinas furaram o nevoeiro amontoado em ondulações vastas e profundas. Depois, n'uma apothese, o sol brilhou de repente e ella appareceu limpida, luminosa, indifferente — e eterna, O bordão da Sé troou grave, soturno, unico, dobrando. Dang; dang! Dão! — Silencio. O ar é gelado. A luz é côr de rosa velha. E um grande beijo d'amor fremeu, estremeceu pelo espaço e foi morrer alêm, longe, para lá das montanhas azues, para lá dos oceanos verdes...

Junho—Outubro—1917

Láus Dêo.

INDICE

INDICE

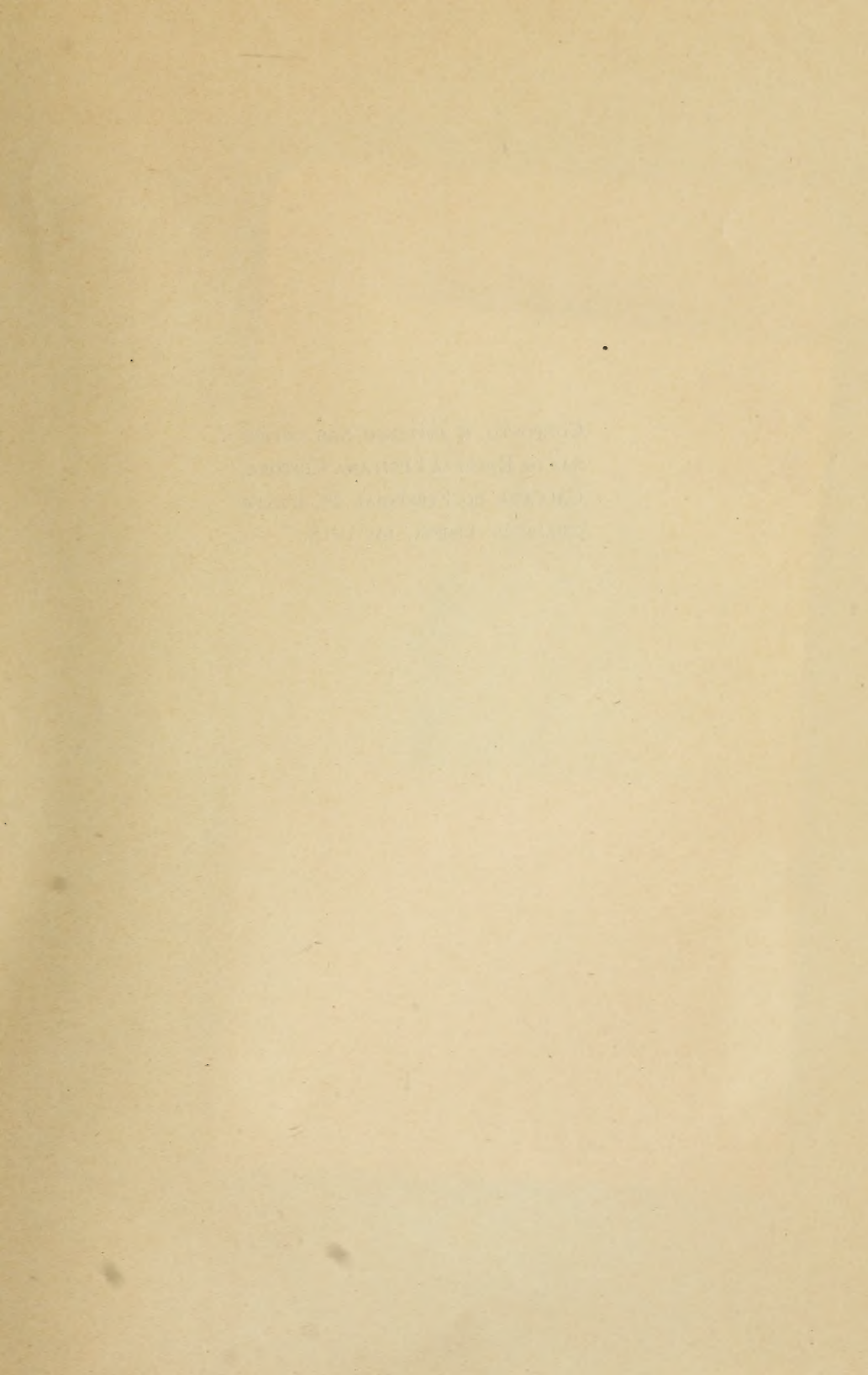
	Paginas
I — Santa Clara.....	9
II — Os escrivães da penna grande.....	19
III — A Escola 62.....	29
IV — O jardim da Estrella.....	39
V — A terra Promettida.....	49
VI — O beijo do sol.....	59
VII — A mãe espera.....	69
VIII — Os gansos.....	79
IX — Adeus !.....	89
X — Mais perto do ceu.....	99
XI — As mãos postas.....	109
XII — Os Lusiadas.....	119
XIII — «Paris no Salitre».....	129
XIV — Mamã !.....	139
XV — A janella illuminada.....	149
XVI — A vintem p'ra acabar.....	159
XVII — O Menino Verde.....	169
XVIII — A velha canção d'out'ôia.....	179
XIX — A camisola de Vulcano.....	189
XX — Na primeira luz.....	199

	Paginas
XXI — As vidas mudas.	209
XXII — As aguas do rio largo.	219
XXIII — A ave de Portugal.	229
XXIV — Os dolorosos.	239
XXV — Ensino domestico.	249
XXVI — Até à morte !.	259
XXVII — Iérre, iérie mexilhão !.	269
XXVIII — A legião invencivel.	279
XXIX — «Lago que a briza encrespa».	289

À venda em todas as livrarias :

Lisboa do Romantismo

Os casacos de briche. — As filhas de D. João VI — A medalha da Poeira. — S. Miguel Archânjo. — A cidade do Lixo. — Os aguadeiros. — Morrer !. — Exilio. — O «Remexido». — Queluz. — O regresso — Idyllo. — A Rua dos Condes. — Política — A Assembléia Lisbonense — Os actores de 1840. — Agonia — As laranjeiras — O exercito — S. Carlos. — O botequim do Gonzaga. — Os jornaes de Lisboa. — A Sevéra. — O Passeio Publico. — A Moda. — Lisboa na Rua. — Um baile na Corte. — A «Maria da Fonte». — Em volta de Garrett — «Fiat-lux». — A Regeneração — Ella.



COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFFICI-
NAS DA EMPREZA LUSITANA EDITORA,
CALÇADA DO FERREGIAL 22, N'ESTA
CIDADE DE LISBOA, EM 1918.

STITUTE 'R' CARD

PQ
9261
A573⁰5

Ultimas publicações

Malheiro Dias

«Inimigas» (peça em 3 actos)	500
«A espada ao serviço da honra e do amor»	100
«Entre Precipícios (chronicas politicas dos ultimos tempos)	700

Pinheiro Chagas

«A Virgem Guaraciaba»	400
«O segredo da Viscondessa»	400
«As duas flores de sangue»	400

Almeida Garrett

«Viagens na minha terra»	400
«Arco de Sant'Anna»	400
«Frei Luiz de Souza»	400

Miranda e Souza

«Codigo das Execuções Fiscaes Annotado»	1\$000
---	--------

Dr. Barbosa de Magalhães

«Collecção de legislação promulgada pelo Ministro da Justiça»	1\$800
«Seguro contra accidentes de trabalho»	1\$000

Souza Costa

A Pecadora (Drama de amor, de sangue e de misticismo. Vida duma mulher elegante e morte tragica dum rapaz da sociedade lisboe-ta).	800
--	-----

Emilio Zola

«A inundação» (1 vol. encad.)	300
«Thereza Raquin» (2 vol. enc.)	600
«O Fuzilado» (1 vol. enc.)	300

Dr. Pedro Guerder

«O medico popular» (1 eleg. vol. com muitas grav.)	700
--	-----

Eduardo de Noronha

«Historia da Polonia» (1 vol.)	600
«Episodios dramaticos da guerra europea» (5 vol. com grav. no texto)	1\$500

Rebello da Silva

«Rauso por Homizio»	...
«Lagrimas e Thesouros»	...
«Odio velho não cança»	...
«Casa dos Phantasmas»	...
«De noite todos os gatos são pardos»	...

Maria O'Neill

«Vida Real» (contos)	400
«Illusão Desfeita» (romance)	600

Oliveira Martins

«Phebus Moniz» (romance)	400
--------------------------	-----

Miguel Coelho

«Codigo do Real d'Agua Annotado»	1\$000
«Codigo da Contribuição de Registo Annotado»	1\$500

Maurice Leblanc

«Arsénio Lupin» (gatuno de alta roda)	400
«Arsénio Lupin» contra S. Holmes	400
«A Agulha Oculta»	400
«813»	400
«Confidencias de Arsénio Lupin»	400

Oliveira Mascarenhas

«Novella Historica» collecção de novellas sobre a historia de Portugal (60 numeros)	3\$600
---	--------

Gullherme Braga

«Heras e Violetas» (poesias) 2.ª edição, com prefacio de Albino Forjaz de Sampaio	800
---	-----

Baden-Powel

«Manual do Escoteiro» com (175 grav. elucidativas) 2.ª edição	800
---	-----

H. Brunswick

«Diccionario da antiga linguagem portugueza» (1 vol.)	800
---	-----

UTL AT DOWNSVIEW

